

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Os blogs e os blogueiros:
entendendo as transformações da intimidade nas casas digitais

Maria Tereza Texeira Amarante

Florianópolis
2005

Maria Tereza Texeira Amarante

Os blogs e os blogueiros:
entendendo as transformações da intimidade nas casas digitais

Dissertação apresentada como
requisito parcial à obtenção do título
de Pós-graduação em Sociologia
Política, Departamento de
Sociologia, Universidade Federal de
Santa Catarina

Orientadora: Prof. Dra. Tamara
Benakouche

Florianópolis
2005

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

“Os blogs e os blogueiros: entendendo as transformações da intimidade nas casas digitais”

Maria Tereza Texeira Amarante
Orientadora: Prof. Dra. Tamara Benakouche

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores:

Dra. Tamara Benakouche (UFSC - Orientadora)

Dr. Franz Josef Bruseke (UFSC - membro)

Dr. Carlos Eduardo Sell (UNIVALI - membro)

Dr. Ricardo Gaspar Muller (UFSC - suplente)

Florianópolis, março de 2005.

A todos a quem amo.

Agradecimentos

Agradecer não é tarefa fácil. Sempre parecem ficar de fora pessoas importantes e que contribuíram significativamente para o trabalho realizado. Ou então, a ordem dos agradecimentos torna-se difícil: como pensar em quem deve vir em primeiro lugar, se este ou aquele, já que todas as pessoas que trilham nosso caminho ajudam a construí-lo de alguma maneira? Deste modo, a ordem é apenas descritiva.

De qualquer forma, quero começar agradecendo a dois amigos, que conheci no mestrado, Adalto H. Guessier e Emerson Martins, anjos a morar para sempre em meu coração; eles são especiais para mim, porque me ajudaram a tornar possível algo que, em princípio, era apenas uma idéia. Incentivaram-me a procurar aquela que era a orientadora deles, a professora Dra. Tamara Benakouche que passou também a me orientar.

Tamara foi durante a elaboração deste trabalho mais que simplesmente uma professora, orientando-me sempre com muita paciência e, principalmente, competência para iluminar meus momentos de confusão. É muito bom ter a seu lado alguém em que você realmente pode confiar e que acredita no seu trabalho. Aprendi, e muito, com minha querida mestra.

Meus demais colegas de mestrado e outros participantes do programa de Pós-Graduação em Sociologia Política/UFSC também foram importantes, seja nos momentos de reflexão ou nos de descontração. Como descrever o apoio e a amizade que nos confortam em nossos momentos de incerteza? Sem meus amigos estaria perdida neste caminho, ao mesmo tempo gratificante e árduo, que é buscar um título de Mestre. Dedico a todos meu amor e amizade, especialmente a Marli, Ivete, Valdete, Carla, Ivan e Flávio.

Agradeço a todos os meus pesquisados, os blogueiros que destinaram parte de seu tempo para responder meu questionário. Também aos professores, que no decorrer do curso contribuíram com seu conhecimento para que aprimorasse o meu. Agradeço especialmente aos professores Ricardo Gaspar Muller e Carolina Rodrigues Paz, por suas interessantes sugestões quando da banca de qualificação.

Agradeço aos meus familiares pelo carinho e paciência que tiveram comigo e

pelo incentivo nas horas difíceis. Ao meu marido, minha mãe e minha filha, que estiveram mais próximos a mim, e a todos os outros que ofereceram aconchego quando precisei. Ao meu pai que, mesmo longe, aquece meu coração com seu amor. Às minhas amigas por ouvirem minhas lamentações, mesmo estando distantes da realidade que eu estava vivendo. E agradeço, também, aos meus amigos “virtuais”, que muitas vezes provocaram sorrisos em meu rosto, ao ler seus comentários em minha casa digital.

Sou grata aos funcionários do Programa, Albertina, Fátima e Otto, sempre tão solícitos em atender aos meus pedidos e à CAPES, pela concessão da bolsa de estudos. Fiquei sinceramente encantada em ter podido desenvolver meu trabalho na Universidade Federal de Santa Catarina, e torcendo para que muitos outros consigam ter tal privilégio.

Blogar é...

Blogar, como viver, é perigoso, é impreciso. Mas hoje até Pessoa necessariamente navegaria, apesar do excesso de periculosidades e ausência de precisão. Aqui estamos nós, nesta rede planetária de intercomunicação, vivos, todos, ainda bem, já que daqui a cem anos, nenhum, nenhum mais o será, nem para postar, ler, escrever, comentar.

Blogar é jogar-se no abismo das reações, no mar das almas ávidas por acontecimentos, por gente e novidades. Aqui, tem de tudo, mini-museu de cera de nós mesmos, nós o bem, nós o mal, nós o desequilíbrio virtual.

Há os famosos anônimos da Internet, os fãs de carteirinha, os que tudo sabem, os que tudo vêem, os que tudo lembram. Há testemunhas oculares dos textos, há os que são contra e a favor, os que não têm certeza mas afirmam, os que não viram mas opinam, os que invejam, os que destroem, os que dividem. O que de humano houver aqui estará, feira livre do conectar.

Aqui, lá, ali, tanto faz. É tudo um grande lugar só, sinapses humanas num cérebro logado. Da mais bem resolvida ao mais mal amado, tem internauta de todo jeito. Ora são eles, ora eles somos nós.

Rosana Hermann do <http://queridoleitor.zip.net/>

Sumário

Resumo.....	12
Abstract.....	13
Introdução.....	14
Capítulo 1	
Os weblogs: conhecendo usos e possibilidades de uma inovação sociotécnica.....	19
1.1.Breve histórico.....	19
1.2.Modismo resistente.....	20
1.3.Pesquisas sobre a blogosfera.....	22
1.4.As possibilidades e os usos dos blogs.....	24
1.4.1.Dos diários tradicionais aos diários on-line.....	24
1.4.2.Blogs e educação.....	26
1.4.3.Blogs e jornalismo.....	28
1.4.4.Blogs e política.....	31
1.4.5.Blogs e literatura.....	32
1.5.Controvérsias na blogosfera.....	34
1.5.1.Restrição à liberdade de expressão.....	34
1.5.2.Os preconceitos também rondam os blogs.....	35
1.6.Blogs, nem anjos, nem demônios.....	37
Capítulo 2	
Para entender a blogosfera	39
2.1.Entre o real e o virtual, o suporte tecnológico é o ambiente da interação.....	39
2.2.A democratização radical da vida pessoal e as transformações da intimidade...43	
2.3.Nomeando o problema.....	47
2.4.O teatro: máscaras e interação social.....	53
2.5.A amizade: relação igualitária.....	56
Capítulo 3	
Investigando quem são os habitantes e os motivos para o povoamento da blogosfera.....	62

3.1. “garimpagem”	62
3.2. Um perfil inicial.....	65
3.3. Os blogueiros: onde moram e como se divertem.....	67
3.4. A identificação dos blogueiros: sim, nós mostramos nossa cara!.....	70
3.5. Blog, leve coadjuvante para a solidão.....	72
3.6. A descoberta dos blogs e o que eles significam.....	73
3.7. Os motivos para ter blogs e quais os assuntos relatados.....	78
3.8. Dedicção aos blogs.....	85
3.9. Nem só de blog se ocupa o blogueiro.....	89
3.10. Blogs despertam culpa ou prazer?.....	90
3.11. Blogs residentes e “ativos” na mente dos blogueiros.....	93
3.12. Blogs, ficar com eles ou deixá-los.....	95

Capítulo 4

Os blogs e os blogueiros. Como ser vizinho na rede, espiar a vida dos outros e ainda ser convidado a voltar.....	101
4.1 A sociabilidade.....	101
4.2. Prática da retribuição da visita e de indicação de leitura de blogs.....	102
4.3. As interações nos blogs.....	105
4.4. Os comentários indesejáveis: evitá-los ou respeitá-los, eis a questão.....	109
4.5. A competência técnica e a arrumação das casas digitais.....	112
4.6. A questão de saber quem são os outros, os leitores.....	114
4.7. A amizade iniciada pelos blogs, uma miscelânea de sentimentos.....	117
4.8. Blogs, entre a ajuda e a identificação.....	124
4.9. Blogs e aprendizado.....	128
4.10. Os blogs e a intimidade compartilhada.....	131
Considerações finais.....	136
Referências Bibliográficas.....	143
Sites da Internet.....	146
Relação de blogs pesquisados.....	148
Anexo.....	149

Sumário de tabelas

Tabela 1 – Idade dos blogueiros pesquisados.....	65
Tabela 2 – Sexo dos blogueiros pesquisados.....	66
Tabela 3 – Nível de escolaridade dos blogueiros pesquisados.....	66
Tabela 4 – Locais de moradia.....	68
Tabela 5 – Locais de diversão.....	69
Tabela 6 – Definição sobre blog.....	74
Tabela 7 – Definições sobre seus blogs.....	75
Tabela 8 – Motivos para ter blog.....	78
Tabela 9 - Assuntos relatados no blog.....	82
Tabela 10 – Tempo de existência dos blogs.....	85
Tabela 11 - Tempo para escrever o blog.....	86
Tabela 12 - Tempo para ler outros blogs.....	86
Tabela 13 – Atualização do blog.....	87
Tabela 14 – Lugares onde acessar a Internet para atualizar o blog.....	87
Tabela 15 - Atividades na Internet.....	89
Tabela 16 – Permanência do blog na mente dos blogueiros.....	93
Tabela 17 – Vontade de abandonar o blog.....	95
Tabela 18 – Abandono de outro blog.....	98
Tabela 19 – Como escolher quais blogs ler.....	103
Tabela 20 – Critérios para a indicação de leitura dos blogs.....	104
Tabela 21 – Resposta aos comentários.....	107
Tabela 22 – Interesse pelos leitores dos blogs.....	114
Tabela 23 - Laços de amizade blogueira.....	117
Tabela 24 - Contextos da amizade.....	117
Tabela 25 – Tipos de amizade.....	118

Tabela 26 – Funções de identificação e ajuda.....	124
Tabela 27 – Aprendizado no blog.....	128
Tabela 28 – Revelação da intimidade.....	131

Lista de Siglas

ARPA - Advanced Research Projects Agency ou Agência de Projetos de Pesquisa Avançados.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CELEPAR - Companhia de Informática do Paraná

CMC – Comunicação Mediada por Computador

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IRC - Internet Relay Chats

HTML - Hypertext Markup Language ou linguagem de marcação de hipertexto

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

PPGSP – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política

Resumo

Este trabalho versa sobre o universo dos blogs e de seus habitantes, os blogueiros. Nele procuramos entender a sociabilidade que se descortina no ciberespaço, a partir, sobretudo, dos conceitos de *transformação da intimidade* e *democratização radical da esfera pessoal*, desenvolvidos por Anthony Giddens (1993). Partimos da premissa de que existe nos blogs uma revelação consentida da privacidade, principalmente naqueles que assumem a função de um diário. Esta perspectiva analítica significou uma inovação diante de trabalhos anteriores sobre o mesmo tema, que privilegiaram o enfoque das teorias da comunicação. Procuramos também desmistificar alguns preconceitos que existem em relação a esta inovação sociotécnica – dentre os quais, o de que os blogs são utilizados apenas por adolescentes e que reproduz-se neles a dicotomia público-privado, presente no "mundo real" – mostrando que a blogosfera é habitada por pessoas de todas as idades, as quais procuram exercer em suas casas digitais a *tecnodemocracia*, tal como descrita por Pierre Lévy (1993), e que nela o público está quase sempre imbricado com o privado. Para conhecer empiricamente o objeto pesquisado, utilizamos um questionário que foi enviado aos blogueiros. A partir de suas respostas, verificamos, dentre outros aspectos, que os blogs serviam também como modo de expressão e publicação de idéias e pensamentos de seus autores, além de ferramenta de comunicação e interação. Esta última função revelou-se especialmente importante para um dos principais usos da blogosfera, que é fazer amizades.

Palavras chaves: blogs, transformação da intimidade, sociabilidade, ciberespaço.

Abstract

This work treats of the universe of blogs and its inhabitants, the bloggers. In this we try to understand the sociability that appears in the cyberspace, beginning mainly with the concepts of intimacy transformation and radical democratization of the personal sphere, developed by Anthony Giddens (1993). We began by the pre,ise that exists in the blogs a permitted revelation of privacy, mainly in those that assumes the function of a diary. This analitic perspective has been an innovation in relation to the anterior works about the same theme, that had given privilege to the emphasis of communication theory. We also tried to desmistify some pre-concepts that exists in relation to this sociotecnic innovation, the pre-concept that blogs are only used by teenagers and that in it is reproduced the dicotomy between public and private, existent in “real word”, showing that the blogosphere is inhabited by people of all ages, who look forward to exercise in their digital homes the tecnodemocracy, as it is described by Pierre Levy (1993), and that in this, the public is frequently attached to the private. To know empirically the researched object, we utilized a questionnaire, which was sent to the bloggers. Starting with their answers we verified, among other aspects, that the blogs served as a way for expression and publication of ideas and thinkings of its authors, besides its use as a tool for communication and interaction. This last function has revealed itself specially important for one of the main uses of the blogosphere, which is making relationships.

Key words: blogs, intimacy transformation, sociability, cyberspace.

Introdução

Meu interesse pelos blogs surgiu inicialmente como parte de um velho hábito, o da leitura. Fui apresentada a eles por um amigo, e desde então me tornei leitora assídua, a ponto de querer montar meu próprio blog, atualizado freqüentemente após ter iniciado a presente pesquisa. O motivo de alimentar o blog com freqüência maior foi justamente experimentar como é ser blogueira. Queria perceber se também iria experimentar o que os blogueiros que pesquisei pareciam sentir. Eu me tornaria ansiosa por receber comentários? Conseguiria desvendar um pouco de minha intimidade? Quem sabe, poderia até fazer amigos através do blog, tal como alguns deles disseram ter feito. Mas, isto é assunto para os capítulos de análise de dados e não pretendo adiantá-los aqui. Somente revelo que senti também ansiedade por comentários, consegui expor alguns de meus sentimentos e fiz contatos que talvez possam vir a ser amizades no futuro.

Pesquisar esta inovação sociotécnica chamada blog, como projeto de mestrado, foi uma decisão que demorou um pouco a se delinear. Como meus outros interesses de pesquisa, ele ficou “gestando” inconscientemente por um bom tempo, fazendo parte do “movimento do mundo”, como diria Milton Santos, sem que o percebesse. Digamos que a ocasião para que a pesquisa pudesse ser realizada surgiu de um conjunto de fatores, a partir da conversa que tive com dois amigos a respeito da minha insatisfação em relação ao tema com que entrara no mestrado e que já não me apaixonava mais. Estes dois amigos puderam apontar alguém no PPGSP/UFSC que poderia me orientar, já que a linha de pesquisa desta professora contemplava questões relativas à sociologia do ciberespaço. Conversamos e percebemos que poderíamos entrar juntas nesta seara, embora ela ainda fosse um tanto desconhecida. Assim foi feito, e a partir daqui mudarei a forma de escrever, já que sem a ajuda dela eu teria ficado perdida neste universo que é o ciberespaço. A escrita passa, portanto, do eu para o nós.

Quando pensamos em pesquisar os blogs, nos deparamos com a questão de o tema ser algo novo, ou mesmo novíssimo em termos de tempo histórico, já que seu formato datava de 1998, ano em que existia apenas meia dúzia de sites que podiam ser descritos como weblogs. O termo, depois encurtado para blog, foi pela primeira vez

utilizado em 1997, por John Barger, criador de um dos mais antigos weblogs, o Robot Wisdom, embora existam muitas discussões a respeito destas datas. Um brasileiro premiado em concursos de blogs, cujo pseudônimo é Nemo Nox, é apontado como o primeiro blogueiro brasileiro. Segundo seu relato, ele criou uma página usando a linguagem HTML, em que comentava sobre o que lhe interessava (filmes, livros, discos), sem saber que estava fazendo um blog.

O tema suscitou em nós, ao mesmo tempo, interesse e receio: interesse, por ser algo novo; e receio, pelo fato de não sabermos se existia material suficiente para o trabalho. Recorremos à Internet para colher informações sobre a questão, já que em virtude de sua novidade não existia muito material escrito disponível sobre ela. No decorrer da pesquisa, encontramos algumas dissertações de mestrado tendo os blogs por tema. A coincidência entre elas era o fato de serem da área de comunicação. A de Denise Schittine, por exemplo, *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*, defendida na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 12 de setembro de 2002 (e posteriormente transformada em livro), visava entender os motivos que levam as pessoas a escrever seus diários e publicá-los na Internet, e como elas conseguem atrair leitores. Outra dissertação sobre o tema foi a de Rosa Meire Carvalho de Oliveira, desta vez na UFBA (Universidade Federal da Bahia), que enfocou o desenvolvimento dos diários até que chegassem ao formato on-line, ou seja, quais foram os caminhos percorridos pelo diário, desde seus primórdios, quando eram escritos em papel, até sua publicização e popularização na Internet. Estes trabalhos serviram algumas vezes de contraponto a nossa pesquisa, e também forneceram dados para que a mesma fosse enriquecida.

Para poder situar nosso objeto propriamente disto, convém antes fazer um pequeno histórico do meio onde ele acontece: a Internet. Esta surgiu nos Estados Unidos, no contexto da guerra fria, pelos idos de 1957, inicialmente como resposta à tecnologia desenvolvida pelos soviéticos, e também para que os americanos pudessem manter contato com suas unidades em caso de um ataque nuclear. A ARPA (Advanced Research Projects Agency ou Agência de Projetos de Pesquisa Avançados) desempenhou papel fundamental na sua evolução. Seus responsáveis imaginaram a Arpanet de uma forma bastante simples: em vez de conectar os computadores a um

servidor central, que caso falhasse poria a perder todo o sistema, cada um deles estava ligado aos outros e assim se um falhasse, os outros se encarregariam de transmitir os dados.

Entre 1957 e o que hoje conhecemos por Internet, a rede foi crescendo e traçando diversos percursos, e vários foram os personagens que interagiram no sentido de aperfeiçoá-la.

A Internet não seria possível sem a informática, que começou restrita à pesquisa e a usos militares, dependendo de alta especialidade técnica. Em seguida, durante a chamada segunda informática, conforme Breton (1991), que compreende o período de metade da década de sessenta até o final da década de setenta, seus usos foram ampliados. Mas, foi o surgimento do microcomputador, em 1975, que veio mudar o cenário. Ele foi inventado por radicais californianos, que desejavam inverter a prerrogativa do governo em relação aos computadores, utilizados principalmente para fins militares. O desejo deles era que os computadores auxiliassem as pessoas principalmente a obter informações. Para eles, os valores americanos estavam ameaçados pelo segredo que cercava a informação militar, além de que anteviam possibilidades autoritárias advindas da informática centralizada: através de um sistema de informações, o Estado poderia ter, por exemplo, controle absoluto da vida de cada um. Era o medo do “Grande Irmão”.

De grandes computadores a microcomputadores, de objetivos centralizadores a formas de descentralizar, eis o que proporcionou a microinformática. Ela ajudou a desmistificar a frieza que acompanhava os computadores, tornando-o objetos lúdicos. Ainda segundo Breton (1991), de ameaçadora até mesmo dos empregos, a informática tornou-se uma auxiliar dos que aprendiam como utilizá-la.

Hoje, não se pode negar a enorme influência que os computadores têm na sociedade, inclusive no modo de os indivíduos se relacionarem uns com os outros. Não há mais como ignorar ou esquecer que vivemos em uma “sociedade da informação”, e que todas as modificações proporcionadas pela articulação da informática com as telecomunicações estão estabelecendo novas formas de convívio social e inclusive ajudando as pessoas a refletir sobre si mesmas.

Este trabalho pretende analisar uma das modalidades da Comunicação Mediada

por Computador (CMC), os weblogs ou blogs. Quem são os autores dos blogs, ou seja, os blogueiros? Quais as suas motivações e suas preferências? Nosso foco principal, porém, foi investigar as transformações da intimidade que entrevíamos nos blogs, a partir do modo com que eles se davam a conhecer aos outros, os leitores, através de seus textos. Interessava-nos perceber como as relações interpessoais se processavam em contextos desprovidos de intimidade física.

Os resultados da pesquisa foram organizados em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, fizemos um breve histórico do surgimento dos blogs e identificamos os diversos usos que os mesmos podem ter. Para isto, realizamos uma ampla pesquisa na Internet, já que pela incipiência do objeto pesquisado a bibliografia disponível a seu respeito é muito reduzida.

No segundo capítulo, abordamos trabalhos de alguns autores que nos auxiliaram a pensar o significado do nosso objeto. Eles são oriundos das Ciências Sociais, e nesse sentido nosso enfoque difere das dissertações anteriormente citadas, da área da Comunicação. Nossos autores não tratam diretamente sobre blogs, mas seus conceitos nos ajudaram a analisar o fenômeno, na medida em que se referem às características da sociedade contemporânea.

Quanto ao terceiro capítulo, este marca o início da análise propriamente dita dos dados obtidos através da pesquisa empírica que realizamos junto a uma amostra de 27 informantes. Nele, traçamos um perfil dos blogueiros, elucidando quem são eles, o que fazem, onde moram e como se divertem, seu nível de escolaridade, entre outros aspectos. Relatamos como fizemos a pesquisa, e quais foram as dificuldades encontradas. Investigamos qual o significado dos blogs para eles, o que os leva a escrevê-los e também quais assuntos são relatados. Interessou-nos ainda o tempo dedicado aos mesmos, tanto em termos físicos (escrita e leitura), quanto mentais (se os conteúdos ficavam “residentes” em suas mentes, mesmo quando estavam off-line).

Em virtude da riqueza das respostas, achamos interessante não condensá-las em um único capítulo, e a análise estende-se pelo quarto capítulo. Nele, procuramos focalizar aquilo que nos chamou a atenção em relação ao fenômeno: as transformações da intimidade que entrevíamos nos blogs. Procuramos saber o quanto os blogueiros revelavam sobre si mesmos e como eles lidavam com seus leitores; qual o tipo de

relacionamento que ocorria entre eles e se eram possíveis relações de amizade através desta inovação sociotécnica. Ainda investigamos sobre o aprendizado que os blogueiros obtêm com seus blogs, como, por exemplo, a escrever melhor e acerca de noções de programação, e apoio emocional que encontram, ajudando em seu crescimento pessoal.

Assim, este trabalho apresentará um panorama sobre os blogs e a sociabilidade desenvolvida neles. Os blogs são espaços em que se convive e se partilham aventuras e desventuras, espaços em que o virtual e o presencial se entrecruzam continuamente e com os quais ainda estamos nos acostumando. Esperamos poder contribuir aqui para elucidá-los.

Capítulo 1

Os weblogs: conhecendo usos e possibilidades de uma inovação sociotécnica

Neste capítulo, trataremos do tema central da dissertação, os weblogs ou blogs, que são páginas atualizadas frequentemente e compostas de pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica. Faremos um histórico sobre seu surgimento e analisaremos algumas estatísticas a seu respeito. Também investigaremos os usos e as possibilidades que se descortinam para esta inovação sociotécnica. Como o mais conhecido desses usos é similar ao que se faz num diário tradicional, trataremos dessa forma de comunicação íntima até chegarmos aos atuais diários on-line. No entanto, o diarismo on-line é apenas um dos seus usos; então, apresentaremos o vasto leque de possibilidades para os blogs.

1.1. Breve histórico

Ainda que o termo tenha sido utilizado pela primeira vez em dezembro de 1997, o formato dos blogs data de 1998, ano em que existiam apenas meia-dúzia de sites que poderiam ser descritos como tais.

No começo, os blogs eram diversão de alguns aficionados, os quais, segundo as palavras de Rebecca Blood, gostavam da Internet e haviam aprendido códigos HTML somente por diversão, ou então de profissionais que se dedicavam à criação de seus sites após o trabalho. Nesta época, ainda não existiam serviços que possibilitassem a qualquer indivíduo poder construí-los, mesmo não tendo conhecimentos técnicos.

Segundo uma versão da origem do termo “blog”, Peter Merholz, no começo de 1999, anunciou que iria preferir denominar aquele tipo de páginas de wee-blog (pequenino-blog) e isto acabou sendo abreviado para “blog”. O editor de blogs passou a ser chamado de blogger, termo que foi incorporado informalmente para o português como “blogueiro”. Outra versão diz que o nome vem da abreviação da expressão inglesa

Weblog, combinando *Web*, que significa teia e representa a própria Internet, e *log*, o que caracteriza os registros que são realizados pelo usuário do blog, o *blogger*, ou blogueiro.

Jesse James Garrett, editor de Infosift (<http://www.jjg.net/infosift>), foi o primeiro a coligir uma lista de blogs, escolhendo aqueles que mais lhe agradavam, e que ia encontrando em suas navegações pela web. Em novembro de 1998, ele enviou a lista contendo suas preferências para o designer de web-sites Cameron Barret, que a publicou em <http://www.camworld.com/journal/rants/98.10.13.html>; depois disso, outros que mantinham sites análogos começaram a remeter seus endereços para ele, a fim de que fossem incluídos nesta lista. Segundo Garrett, apenas 23 blogs existiam no começo de 1999.

Ainda no começo de 1999, Brigitte Eaton reuniu em uma lista todos os weblogs de que ela tinha conhecimento, e criou o Portal de Eatonweb. Para que os weblogs pudessem fazer parte da lista, teriam que possuir entradas datadas. Os webloggers discutiam então critérios sobre aqueles que poderiam ser considerados weblogs, mas como o Portal de Eatonweb era a inscrição mais completa de weblogs disponíveis, a definição apontada por Eaton prevaleceu.

O salto dos blogs aconteceu, segundo Eduardo José Souza, no verão de 1999, com o lançamento de vários serviços gratuitos destinados a sua construção e sua hospedagem, sendo o mais importante o Blogger: <http://www.blogger.com>. A expansão se deu devido à gratuidade do serviço, combinada com a facilidade de operacionalizá-lo. Para ter um blog, o usuário precisa unicamente cadastrar-se em um dos portais da rede, sua atualização podendo ser feita através de um programa simples.

1.2. Modismo resistente

Os blogs, em seu início, foram considerados um modismo passageiro a atingir a Internet. No entanto, desde o começo de sua criação até hoje, estes continuam a atrair leitores e blogueiros. Com efeito, ao ultrapassar os limites da rede e atingir o noticiário da mídia tradicional, tais como reportagens em jornais, revistas, etc, sua notoriedade tornou-se mais evidente.

O blog foi também considerado um fenômeno subterrâneo, como afirma Charles Kilby, diretor de marketing de produto da Terra Lycos, mas cresceu tanto que chamou a atenção de grandes empresas, interessadas em disponibilizar o produto para seus usuários. Os blogueiros produziam conteúdo, e não custava nada às empresas que hospedavam os mesmos, ou seja, poder-se-ia ter bastante material disponível apenas ao custo de manter as páginas hospedadas e sem ter que pagar pela produção intelectual. Este foi certamente um argumento bastante atraente para as empresas que precisavam produzir conteúdo; ao mesmo tempo, elas agregavam novos usuários, na medida em que estes se tornavam blogueiros afiliados a determinado serviço fornecido por elas.

No Brasil, o <http://www.blogger.com> era ofertado gratuitamente pelo site globo.com, embora atualmente seja prerrogativa dos assinantes, ou então de quem já estava cadastrado anteriormente. O portal lançou o serviço em 20 de agosto de 2002, já que muitos de seus funcionários faziam uso de blogs e isto chamou a atenção dos seus responsáveis, interessados em elevar a audiência de seu site, pois percebiam o potencial da ferramenta. Outros portais também oferecem o serviço, alguns de forma gratuita, como a Uol, que disponibiliza a hospedagem, embora com limites para aqueles que não são assinantes. Existem portais que solicitam ao blogueiro para que deixe registrado seu número de CPF, outros não.

Os blogs passam hoje por um crescimento que pode ser considerado vertiginoso, e contam-se aos milhões; dentre eles, existem aqueles que atingem elevado número de visitantes por apresentar um conteúdo interessante, e com isto acrescentam valor para a empresa que os hospeda. Este conteúdo pode ser muito diversificado, abrangendo assuntos tão variados, que por mais imaginação que disponham os criadores e responsáveis pelos conteúdos de um portal, estes não seriam capazes de cobrir universos de interesses tão vastos.

1.3. Pesquisas sobre a blogosfera

Os blogs hospedam-se na Internet, e ela não pára de crescer. No Brasil, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, o percentual das casas que possuíam computadores conectados à Internet passou de 8,6%, em 2001,

para 10,3% no ano seguinte. Suas funções diversificaram-se muito durante os últimos anos, servindo para entretenimento, pesquisa, compras, etc.; enumerá-las seria tedioso e improdutivo, pois quem quer que navegue na rede é capaz de perceber suas múltiplas possibilidades, visto que para cada usuário ela desenha um tipo de percurso e de interesse. Inclusive, foi também pela Internet, fonte importante de pesquisa em nosso trabalho, que tivemos acesso a várias pesquisas sobre blogs (ou sobre a “blogosfera”, termo que designa seu universo) como as que apontaremos neste item.

Existem algumas divergências quando se estima o número de blogs, principalmente se levarmos em conta a velocidade que parece inerente a esta inovação sociotécnica. O site <http://www.technorati.com/about/> afirmava existir em dezembro de 2004, segundo suas pesquisas, 5.192.976 blogs, enquanto dois anos atrás este mesmo site localizava 100.000. A velocidade de criação dos blogs é surpreendente: segundo a mesma fonte, a cada 7,4 segundos cria-se um blog, num total de 12.000 por dia. Os blogueiros postam 275.000 posts diariamente, e são atualizados 10.800 blogs por hora. Também afirmava existir cerca de 50 milhões de usuários de Internet que eram leitores de blogs, enquanto outro site - <http://dijest.com/bc/2004/08/110-million-people-read-weblogs-blog.html> - com base nas pesquisas disponíveis em http://www.pewinternet.org/PPF/r/113/report_display.asp asseverava que os leitores podiam chegar a 110 milhões de pessoas

Matéria no Estado de São Paulo sobre blogs, publicada em 15 de outubro de 2003, oferece uma série de outras informações, obtidas junto a agências internacionais. Com efeito, uma pesquisa realizada pela Forrester Research (www.forrester.com) a respeito do tema informava que 79% dos entrevistados eram usuários ativos da Internet, mas não conheciam os blogs, enquanto apenas 2% deles navegaram por blogs no período investigado. Para a Mediabriefing (www.mediabriefing.com), o universo blog girava em torno de si mesmo, uns citando os outros. A Perseus Development (<http://www.perseus.com/blogsurvey/>) afirmava existirem então cerca de 4,1 milhões de endereços, mas de cada três blogs, apenas um podia ser considerado ativo, o critério de atualização sendo que ela fosse feita pelo menos uma vez nos últimos 60 dias. Os blogs também morriam rápido: mais de um milhão com menos de 24 horas; outros 1,6 milhão viviam por quatro meses antes de serem descartados. Segundo ainda esta mesma

agência, 130 mil chegaram a ser mantidos por um ano ou mais. Nos blogs sobreviventes (1,4 milhões), a média de atualização era de 14 dias; somente 100 mil recebiam atualização semanal; e eram atualizados diariamente cerca de 50 mil. Estimava-se que até o final de 2004 existiriam 10 milhões de blogs. Segundo Jeffrey Henning, da Perseus Development, o perfil dos blogueiros era o seguinte:

jovem adulto, com idade até 30 anos (92%), do sexo feminino em sua maioria (60%) e que atualiza o serviço em média duas vezes por mês para conversar ou transmitir mensagens para colegas de escola ou de trabalho e falar de sua própria vida, informalmente.

Tratar-se-ia, portanto, segundo ainda Henning, de um fenômeno típico do jovem adulto. Outra pesquisa, encontrada no site <http://www.blogcensus.net/weblog/>, serviço criado e mantido pelo National Institute for Technology and Liberal Education, apontava para números diferentes, dizendo que a quantidade de blogs pertencentes a homens e mulheres não divergia muito, os homens apresentando ligeira vantagem sobre as mulheres, (cerca de 39,8% contra 36,3%). O que os distinguia eram os assuntos abordados: as mulheres relatavam em grande parte aspectos de sua vida pessoal, utilizando o blog como diário, em uma proporção de dois para um em relação aos homens; já eles preferiam falar sobre política, em número superior às mulheres.

É interessante saber que o português era então a segunda língua mais falada nos blogs, perdendo apenas para o inglês, conforme estatísticas do Blogcount (<http://www.blogcensus.net>). De acordo com seus responsáveis, existiam então 60 mil blogs em português e 800 mil em língua inglesa; dos 25 blogs mais acessados na net, dois eram brasileiros: Informação e Inutilidade (www.interney.net) e Coisinhas Fowfax para Enfeitar Seu Blog (www.coisasfowfax.blogger.com.br).

1.4. As possibilidades e os usos dos blogs

Os blogs podem ser individuais, comunitários, temáticos, educativos, ou seja, eles existem em várias versões, e podem se destinar aos usos mais diversos, conforme o que o autor-blogueiro desejar. Ele vem sendo utilizado inclusive como suporte para a prática de auto-ajuda, oferecendo a possibilidade de troca de experiências em que se abordam problemas comuns; desta forma, as pessoas que ali aportam sentem-se confortadas ao dividir suas agruras, como de deixar de fumar, por exemplo, caso dos

blogs <http://www.fumarnuncamais.blogspot.com.br/> e <http://www.fumarpegamal.blogspot.com.br/>.

Na seqüência, passaremos a descrever alguns usos interessantes que descobrimos navegando na Internet, tais como em educação, jornalismo, política e literatura. A escolha não circunscreve a blogosfera como um todo, e muitos outros temas poderiam ser abordados. Escolhemos estes por entendermos que eles propiciam um amplo panorama do que pode ser feito através desta inovação sociotécnica.

1.4.1. Dos diários tradicionais aos diários on-line

Uma das possibilidades mais recorrentes do blog é ser utilizado como diário on-line, ainda que este uso comumente seja mesclado a outros, tais como expor trabalhos, ser uma ferramenta de interação, etc. Nesse sentido, alguns blogs são uma atualização dos diários “tradicionais”, ou seja, os que são escritos em papel e não se destinam a ser publicizados. Quando hospedados na Internet, porém, sofreram adaptações, e não se pode dizer que sejam similares em tudo ao diário, tal como o conhecíamos há tempos. .

A prática de escrever diários é bastante antiga. Segundo Borges (2002), os diários se tornaram mais freqüentes a partir de 1800. Oliveira (2002) refere-se ao fato de os diários terem se tornado “coisas de mulheres”, por volta do século XIX, já que anteriormente não o eram. Esta expressão pode parecer pejorativa, mas se deve à influência do Romantismo, já que este período valorizava a explicitação do sentimento e o entendimento dos indivíduos a partir suas sensações. Com a descoberta do inconsciente, o teor da escrita havia mudado, e esta passou a servir para externalizar as reflexões e as emoções, ao invés das narrativas mais aventurescas, masculinas, de antes.

Diários de homens normalmente os retratavam como exploradores e aventureiros, enquanto as mulheres escreviam sobre a sua intimidade, sua família e a comunidade em que viviam, relatando experiências da vida cotidiana. Os diários femininos, na maior parte, deviam sua edição ao fato das mulheres serem ligadas de alguma forma ao universo masculino, ou seja, elas eram parentes de um homem famoso, conforme informa Oliveira (2002). Em contraste com o passado, hoje em dia, segundo a mesma autora, nos “*anéis de sites (...) os diários de mulheres se sobressaem em número*

ao de homens”.

Relatar o cotidiano começou a firmar-se com incentivos e oposições; os primeiros, das famílias, que estimulavam as filhas a escrever diários; já os segundos, da Igreja, que não via com bons olhos esta prática, conforme nos informa Borges (2002). Segundo a autora, em meados do século XIX, foram publicados diários de escritores famosos que despertaram a atenção dos leitores; cada diário trazia um ponto em comum: ele retratava a experiência de vida da pessoa. Tratava-se de literatura sobre o eu, assim como as biografias, as quais continuam a fazer bastante sucesso ainda hoje, tanto quanto os diários.

Com os blogs, o diário encontrou um novo modo de publicar-se: de íntimo e pessoal - escrito em papel e guardado a sete chaves, longe dos olhos e curiosidade alheios – à publicização na Internet. Este é um dos aspectos a destacar nesta inovação: os blogs são considerados diários modernos, *novíssimos* diários – embora não se restrinjam a isto. Com efeito, eles são uma mistura, em que podem ser publicados fatos da vida pessoal, comentários sobre notícias interessantes e links para elas, relatos de situações vividas, como em blogs sobre a guerra, por exemplo, feitos tanto por profissionais, como por amadores, não ligados ao jornalismo.

1.4.2. Blogs e educação

Seu uso como ferramenta auxiliar na educação vem sendo muito difundido, além de também discutido em várias universidades no exterior e no Brasil.

A Universidade do Minho, sediada em Braga/Portugal, por exemplo, debateu a utilização dos blogs no ensino, durante o “I Encontro Nacional sobre Weblogs”.

Na Universidade Católica de Brasília, durante a III Semana de Comunicação, em 2003, também se promoveu uma mesa-redonda sobre os blogs, intitulada “Blogs. O Pensamento Instantâneo na Internet”. Segundo relatos sobre o encontro, feito por um blogueiro participante da referida mesa, professoras expuseram a forma como utilizavam a ferramenta; inclusive uma delas detalhou a evolução dos alunos (de jornalismo) em relação ao cuidado que os mesmos dedicavam aos seus textos, ao perceberem a participação dos leitores. A utilização dos blogs como ferramenta auxiliar

em uma disciplina não precisa se restringir aos cursos de jornalismo, ela também é aplicada a outras disciplinas, seja na graduação ou na pós-graduação.

O jornalista e professor Jay Rosen, que preside o Departamento de Jornalismo da Universidade de Nova York, tem um weblog chamado PressThink. Seu intento é demonstrar como está o panorama jornalístico, para que seus alunos o entendam e no que pode se tornar. Seu blog é bastante prestigiado e citado na mídia.

Além dele, outros professores utilizam este recurso, como Michel Cavanagh, que é professor auxiliar do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Nova York - e ministra cursos intitulados “Edição de Notícias” e “Layout de Jornal”; ele o utiliza para continuar ministrando conhecimento a seus alunos, fora do ambiente presencial de sala de aula. Segundo ele, isto faz com que as discussões iniciadas em sala de aula rendam mais; ele também costuma enviar e-mails a seus alunos, avisando sobre novos tópicos postados no blog.

Chris Shipley, em seu texto *The blog nation*, sugere este mesmo uso, embora a extensão da utilização proposta por ela, seja um pouco mais abrangente do que se restringir aos tópicos de sala de aula, ou então às discussões sugeridas pelo professor. O blog poderia servir como um canal de comunicação para estudantes que estiverem no estrangeiro, para trocarem desde experiências pessoais até problemas de pesquisa e estudo que possam estar tendo. Um outro benefício salutar e que viria a reboque, seria a sensação de estar em comunidade, uma forma de atenuar a solidão daqueles que estão longe de seus laços familiares e de seu círculo de amigos pessoais, além, é claro, de possibilitar que estes mesmo familiares e amigos possam ter notícias sobre eles. A sugestão dela de partilhar experiência como forma de construção de comunidades é um pressuposto que alguém que lê blogs percebe quase que imediatamente. Ela sugere que o reforço seria devido à troca de experiências comuns, caso contrário não seria preciso que o blog estivesse restrito a este tipo de público, ou que os possíveis autores se limitassem a este tipo de blog.

Chris Shipley também entende que os alunos podem se sentir amedrontados muitas vezes por sua timidez e embaraço para se manifestar em público, mas que em um meio eletrônico, isto poderia não acontecer. Shipley parte do princípio de que a liberação aconteceria apenas pelo fato de a comunicação estar acontecendo agora por

meio do computador.

Este tipo de reflexão aponta para a tecnologia como um fator determinante, ignorando o fato de que ela se processa em um meio que é social. Assim, a reflexão de Shipley remete aos primeiros estudos que foram realizados abrangendo a comunicação mediada por computador, os quais ignoravam o meio em que os indivíduos estavam inseridos, sua vida e a cultura em que viviam. Estes estudos priorizavam apenas o meio técnico em que a comunicação era estabelecida, e ficaram conhecidos como “indicadores sociais filtrados”, ou então, “perspectiva determinista da mídia”, conforme informa Silva (2000).

Realmente os blogs possibilitam diversos modos criativos de uso em educação, mas eles não podem ser apontados apenas com base nas suas facilidades, ou apelando-se para suposições otimistas de que eles podem resolver problemas que são às vezes de foro íntimo (como a timidez, por exemplo). No entanto, isto não invalida os esforços que se possam empreender para usá-los, como a iniciativa do jornalista Rodrigo Asturian, da Revista do Linux, que foi classificada em segundo lugar no Concurso de Propostas de Uso da Tecnologia da Informação no Governo do Paraná, promovido pela Companhia de Informática do Paraná (Celepar). Ele criou o projeto Blogs! Paraná, com a intenção de promover a criação de weblogs por alunos e professores com o objetivo de diminuir a exclusão digital no Estado. Neste projeto, os alunos e professores poderiam criar em conjunto blogs para suas escolas, e estudantes das faculdades de jornalismo das universidades estaduais do Paraná participariam, ajudando a treinar quem não soubesse utilizar a ferramenta.

1.4.3. Blogs e jornalismo

Os blogs que se dedicam ao jornalismo ganharam a alcunha de j-log (journalism-blog). Esta é uma forma de diferenciá-los dos diários-on-line.

Entre os jornalistas, criou-se uma discussão a respeito dos blogueiros poderem ou não divulgar informações, elaborar comentários e mesmo estarem enviando a notícia diretamente da fonte onde ela está sendo produzida, como os blogs que relatam fatos do dia-a-dia na guerra do Iraque, ou então aqueles que transmitiram o ocorrido em 11 de setembro de 2001. Como não se pode proibi-los, a discussão versa a respeito da credibilidade que eles podem ter, pois são manifestações independentes, isto é, não são

veículos que estão apoiados pela respeitabilidade e confiança de um grande jornal ou rede de televisão. No entanto, a polêmica reside justamente aí: quem disse que os tradicionais veículos de comunicação merecem realmente confiança e credibilidade? Este pode ser o argumento dos que estão se intrometendo na profissão dos jornalistas, ou seja, os blogueiros que gostam de relatar os fatos vividos e acrescentar sua opinião pessoal, mesmo que estes não se arvorem a jornalistas de fato. De outro lado, estão aqueles que por estarem ciosos de sua profissão e do lugar tradicionalmente estabelecido sobre quem pode declarar-se jornalista sentem seu prestígio ameaçado.

Fala-se muito a respeito da mídia tradicional ser dominada, estar nas mãos de poucas pessoas que têm seus próprios pontos de vista e visão de mundo a defender e propagar, e por isto os blogs poderiam ser veículos que possuem um tipo de liberdade de expressão que não é usualmente encontrada nessa mídia tradicional. Quando do surgimento dos blogs jornalísticos, segundo comentários de Fareed Zakaria, da Newsweek, estes foram apontados como possíveis exterminadores da mídia tradicional. Mas, segundo ele, o que aconteceu não foi isso, os blogs tornaram-se mediadores de informação para as pessoas.

Eles podem abordar aspectos que talvez não fossem interessantes para um jornalista, que ao escrever está pensando no grande público e seguindo uma linha editorial, a qual, mesmo arvorando-se isenta e imparcial, pode estar conectada a idéias que não são as mesmas daqueles que os lêem, senão confrontantes. Os blogs também possibilitam que se tenham outros veículos para acessar e formar opinião. Nestes, inclusive, não é proibido a externalização de posições políticas, isto é, quando os leitores têm acesso a um blog, no decorrer da leitura podem entender o que pensa o blogueiro a respeito do que está sendo veiculado em seu blog. Em outro tipo de veículo, este posicionamento pode ficar dúbio, ambíguo e tornar menos clara a posição adotada em relação aos fatos. Desta forma, os blogs podem se tornar fonte de informação não limitada, isto é, podem explorar notícias que talvez não interessem a outros meios de comunicação, e ainda através dos links, possibilitar que se chegue a versão integral da notícia, para que possa elaborar outro tipo de entendimento.

Os blogs possuem interatividade e isto aliado à transparência pode ser a maior vantagem em relação ao jornalismo tradicional, segundo declarou Joseph D. Lasica em

um debate na Escola de Jornalismo da Universidade da Califórnia em Berkeley, transcrito pela "Online Journalism Review". Uma das conseqüências pode ser a perda de interesse dos leitores, a indiferença em relação ao jornalismo tradicional. Segundo Lasica: *Para mim, o desafio mais sério que as redações enfrentam hoje em dia é os leitores pensarem que somos muito irrelevantes para as suas vidas.*

No entanto, outras vozes postulam reações diferentes a esta polêmica, principalmente uma voz que é pioneira no mundo blog, por ter sido uma das precursoras a escrever e refletir sobre o tema: Rebecca Blood. Esta diz que os comentários pessoais postados nos blogs não podem ser chamados de jornalismo. Tanto ela quanto Lasica são bastante ligados ao mundo blog, mas suas reações em relação a existir ou não algo que possa ser chamado de jornalismo blog é muito diferente.

No mundo blogueiro, é difícil perceber em meio aos milhares de blogs quais são os que podem realmente ser capazes de definir tendências e influir na formação da opinião pública. Existem milhares de blogs, de forma que é impossível ler todos, e mais do que isso, muitos são voltados para os assuntos particulares dos indivíduos, sem se fixar a tópicos que possam chamar a atenção de um público mais significativo. Existem os que têm muitos visitantes, e conseqüentemente uma audiência razoável, mas comparar a quantidade de acessos ainda não pode dar a dimensão jornalística ou não de um blog; seria se ater a um critério pouco correto, quando se pensa em quantos indivíduos são usualmente atingidos pela mídia tradicional.

Os que quiserem saber sobre um assunto específico que esteja relatado em um blog, cujo autor tenha procurado enriquecer o conteúdo, tentando acrescentar informações, pontos de vista diferentes, não precisa se restringir a ele, inclusive pesquisando nos links que o autor linkar. Com efeito, sem aprofundar demasiadamente a discussão sobre se podem ou não existir blogs jornalísticos, pode-se admitir que o blog pode servir como um filtro na rede. Isto é o que argumenta Rebecca Blood em seu artigo *Few Thoughts on Journalism and What Can Weblogs Do About It.*

Talvez a reflexão mais importante a ser apropriada deste artigo, seja o que ela menciona em relação à credibilidade. Quem afirma que jornalistas ou blogueiros sejam completamente dignos de confiança? Para ela, a credibilidade viria da confirmação das fontes ao publicar uma entrevista ou um post, no caso em questão. Também do fato de

não se deixar manipular com informações errôneas, seja ingenuamente ou de propósito, já que vai se publicar as informações na Internet ou na mídia tradicional e elas estarão disponíveis para os leitores. De fato, a Internet pode facilitar no sentido do leitor poder procurar outras fontes e não se deixar manipular, mas mesmo muito antes dela, aqueles leitores mais críticos tentavam buscar outras fontes em que se informar.

Não se pode afirmar que a mídia institucionalizada tenha medo da concorrência dos blogs porque é corrupta; seria temeroso, pois não se pode garantir quem age ou não com lisura nesse meio. O medo é sempre do novo, do desconhecido. Provavelmente, fazendo-se um exercício de futurologia, teremos no futuro uma mescla de mídia institucionalizada e o “poder informativo dos blogs”.

1.4.4. Blogs e política

Os blogs conseguiram notoriedade política, e um dos responsáveis por isto foi o candidato que tentava concorrer à candidatura para a presidência dos Estados Unidos da América, pelo partido democrata, Howard Dean, em 2004. Ele colheu recursos para sua campanha através do site blogforamerica.com. Os que o apoiavam também divulgavam as suas idéias através de blogs, a um tal ponto, que mesmo ele não sendo o escolhido para a presidência, ficou sendo conhecido como o candidato-blogueiro, e sua atitude chamou a atenção de seu partido, que na convenção realizada em julho daquele ano, destinou algumas de suas 15 mil credenciais para os blogs, conforme informa a reportagem *“Blogue é negócio e vai cobrir as eleições”*, publicado na Folha de São Paulo, em 14 de julho de 2004 (Caderno de Informática).

Uma pesquisadora chamada Bárbara Kaye, ligada à University of Tennessee-Knoxville em conjunto com outros pesquisadores de Southern Illinois University-Carbondale e da universidade da Geórgia, realizou em abril de 2003 uma pesquisa para conhecer as preferências políticas dos blogueiros; para fazer isto, ela indagou a respeito de confiabilidade em relação às mídias tradicionais e os vários recursos da Internet, tais como listas de discussão, fóruns, blogs, etc. O objetivo era saber qual era o nível de preferência por informação nos blogs e se eles foram capazes de incrementar o conhecimento das pessoas envolvidas, influenciando seu pensamento

político. Como nós, ela realizou a pesquisa enviando questionários por email.

O New York Times, em novembro de 2004, publicou uma reportagem intitulada *The Revolution Will Be Posted*, em que vários blogueiros comentavam sobre a eleição americana. Segundo o jornal, cada eleição acompanha uma “revolução”, e esta é marcada hoje pelos blogs e blogueiros que manifestam suas opiniões a respeito. O jornal entrevistou vários blogueiros para conhecer suas posições sobre os dois candidatos que estavam na disputa. Eles externaram suas opiniões sobre a guerra do Iraque, a posição de Bush em relação ao casamento gay, a performance dos dois quando da realização dos debates, entre outros assuntos. Por curiosidade, clicamos em dois desses blogs, o <http://www.wonkette.com/> e o <http://www.joannejacobs.com/>, e descobrimos que o primeiro tinha mais de 50.000 acessos por dia, e o segundo já registrava 1.029.516 visitas; portanto, não se pode desprezar a influência que eles podem exercer.

Um outro exemplo da influência dos blogs aliados aos emails, por exemplo, foram às manifestações ocorridas nos Estados Unidos contra a guerra do Iraque e levadas a cabo em 15 de fevereiro de 2003. Neste evento, 10 milhões de pessoas foram às ruas para protestar e isto foi organizado a partir destes meios.

Torna-se claro que vivemos em uma época que os movimentos sociais não deixaram de existir, mas acontecem de uma outra forma. As reuniões não precisam ser presenciais, isto é, a organização destas reuniões pode acontecer on-line e isto não invalida os esforços de seus protagonistas. Ao contrário, é uma outra forma de organizar-se e de fazer política. Neste caso, política de reivindicações ao invés da política-vida de que nos fala Giddens (1993). Estas manifestações surpreenderam os governos e a imprensa organizada, que se deram conta de que existiam as multidões inteligentes, de que fala Howard Rheingold.

Os blogs, através de seus textos, já mostraram, portanto, que podem criar solidariedade em torno de temas que possam ser de interesse das pessoas, e materializaram isto em ações concretas como foram as referidas manifestações.

1.4.5. Blogs e literatura

Não podemos esquecer que os blogs são a “liberação do pólo de emissão”, como menciona Lemos (2002). Isto estimula as experiências literárias na Internet e produz muito material, se bem que nem todo ele de boa qualidade. No entanto, eles

podem constituir-se em uma saída para os que desejam publicar, pois afinal o blogueiro é escritor, editor e distribuidor de si mesmo, quando não faz às vezes de publicitário também, divulgando em seu blog, seus escritos.

A escrita blogueira pode ser considerada mais leve, solta, conforme David F. Gaallagher afirma em setembro de 2003, no *New York Times*. É o mesmo que declaram escritores que mantêm blogs, dizendo que estes podem servir inclusive como um ensaio, uma colheita de idéias que podem ser mais bem elaboradas no decorrer do tempo. Os blogs seriam um espaço onde se poderia escrever sem compromisso um texto não burilado, e até mesmo encarado como um caderno que pode inclusive ser abandonado a qualquer momento. Mas, pode existir nos blogs uma escrita que possa ser chamada de literatura? Este é um assunto que também desperta polêmica.

Um dos livros lançados por um blogueiro e que causou muita discussão foi “O blog de Bagdá”, editado pela Companhia das Letras, em 2003, relatando as aventuras e desventuras de se viver em um país assolado pela guerra, no caso, o Iraque. Ele foi escrito por um arquiteto de 30 anos que assinava seu blog como Salam Pax, onde tecia críticas a Sadam Hussein e a Bush, igualmente. Discutiui-se muito se realmente ele existia, ou era uma criação ficcionista de alguém, um repórter que se escondesse sob este pseudônimo. Mais tarde, a rede BBC fez um documentário com ele, provando a todos que ele realmente existia. O teor da escrita no blog, era bastante corrosiva, e isto era um dos motivos para duvidar de sua identidade, pois se fosse descoberto poderia sofrer sérias conseqüências, já que vivia sob um regime ditatorial, bastante cruel. Segundo Pedro Dória, jornalista que escreveu a orelha do livro, este se constitui em um documento histórico importante, como nenhum repórter ou analista, durante a guerra, produziu algo igual.

De qualquer forma, um relato como o mencionado acima não pode ser considerado como literatura, já que foi baseado em vivências pessoais do autor. Entretanto, que literatura não leva algo do que o autor viveu? Preferimos não discutir este tópico com a profundidade merecida, pois isto seria tema para outra dissertação. Aqui nos interessa pincelar algumas das possibilidades que um blog pode oferecer, antes de nos dedicarmos ao objetivo específico da pesquisa: investigar os blogs e as transformações da intimidade.

Clara Averbruck, do blog <http://brazileirapreta.blogspot.com/> renega a condição de escritora blogueira. Ela diz que para cada um existe um lugar específico e que os dois não são similares, isto é, ser blogueiro não é a mesma coisa que ser escritor e vice-versa. Para ela, o blog é apenas um meio de publicação. Contudo, os blogs têm revelado escritores, ou melhor, talentos afloram nos blogs e isto tem levado editoras a transformá-los em autores de livros. Talvez isto dê uma distinção especial aos blogueiros-escritores, pois como lembra Pierre Lévy (1993), nunca ninguém foi condenado por passar horas diante dos livros lendo, mas o mesmo não se aplica a quem fica horas diante do computador, já que o preconceito ainda ronda este meio.

Em sua coluna na revista eletrônica “no mínimo”, Paulo Roberto Pires comenta sobre o preconceito contras os escritores-blogueiros, lembrando a polêmica em torno de uma publicação organizada em 1976 por Heloísa Buarque de Holanda, em que 26 escritores veiculavam suas idéias através de textos mimeografados, os quais foram reunidos em uma antologia. Eles foram taxados até mesmo de lixeratura, evidenciando o desprezo de seus críticos. Para o jornalista, a polêmica guarda similaridades com o que acontece hoje nos blogs, devido à recusa em aceitar-se intitular de literatura algo cujo início acontece em um outro suporte e com outra lógica.

1.5. Controvérsias na blogosfera

Esta inovação sociotécnica provoca ainda outras controvérsias além das já citadas, ou seja, a de considerar que o uso dela em educação pode mudar comportamentos em alunos considerados tímidos, passando pela polêmica sobre o jornalismo efetuado em blogs, por blogueiros que não são jornalistas; o uso dos blogs em política, seja para organizar manifestações, fazer propaganda de candidatos e até mesmo influir no comportamento de possíveis eleitores; ou as discussões sobre os blogs e a literatura que pode ser ou não produzida neles.

Surgiram outras questões também a respeito da liberdade de expressão nos blogs e a respeito dos preconceitos que rondam a blogosfera, acerca dos blogueiros que recebem maior “prestígio”.

1.5.1. Restrição à liberdade de expressão

Os blogs por algum tempo foram considerados território livre, assim como a Internet. Neles podia-se postar qualquer coisa ou falar sobre quem aprouvesse, sem medo de sofrer represálias. Todavia, fatos acontecidos mudaram esta situação. Alguns blogs sofreram ameaças de processos judiciais e um foi retirado do ar, não porque o blogueiro tenha escrito alguma coisa que denegrise a imagem de alguém ou o ofendesse pessoalmente. O problema aconteceu por causa de um comentário efetuado por um leitor. Isto despertou indignação dos blogueiros, e alguns começaram a se perguntar se deveriam limitar a interação em seus blogs ou, ironicamente, pensar em uma consultoria jurídica antes de publicar seus textos, numa mostra evidente de que ficaram bastante melindrados.

As sugestões dos leitores – muitos deles blogueiros também – foram as mais variadas, desde publicar o comentário que encetou as punições em todos os blogs, alegando que seria impossível punir a todos, até converter o texto para o inglês e propagar em sites internacionais (www.metafilter.com e www.slashdot.org.) para dar divulgação maior ao caso.

O caso suscitou a publicação de um artigo intitulado “Manual de sobrevivência na selva dos bits: evitando as ações judiciais contra publicações na Internet”, em que os autores discorrem sobre o anonimato, os disclaimers, responsabilidade civil e penal, entre outras coisas. A partir disto, vários blogueiros passaram a dispor disclaimers em seus sistemas de comentários, mas os advogados alertam que sua responsabilidade não está descartada, já que eles são os responsáveis pelos seus sites, pois sendo os editores podem decidir o que vai ser publicado ou não em seus blogs.

Para os blogueiros, foi como passar da adolescência para a idade adulta, graças ao choque de entender que existem leis que podem ser aplicadas na Internet e que seus escritos podem trazer não apenas prazer, mas também dor de cabeça, caso descambem em brigas judiciais.

1.5.2. Os preconceitos também rondam os blogs

Como o ciberespaço não está suspenso no ar, mas imbricado no mundo

presencial, carrega consigo os preconceitos e vicissitudes que habitam a sociedade, e a este respeito apresentamos uma pesquisa bastante interessante e esclarecedora.

Normalmente, os blogs que rendem matérias em outros meios que não sejam a própria blogosfera são os blogs que contemplam notícias, seja acerca de guerras (Iraque, 11 de setembro), ou que digam respeito à tecnologia. Estes são chamados filtros ou K-blogs e normalmente são administrados por homens adultos. Isto é o que nos informam os pesquisadores que elaboraram o interessante artigo *Women and Children Last: The Discursive Construction of Weblogs*, de Susan C. Herring, Inna Kouper, Lois Ann Scheidt, e Elijah L. Wright, da Indiana University at Bloomington. Sua conclusão é que este tipo de assunto provoca um interesse público maior, mas disto resultam conseqüências não previstas e mesmo adversas, pois acabam definindo os blogs a partir de uma parcela da população masculina e educada, esquecendo toda uma vasta população que também habita o universo blog, ou seja, os adolescentes e as mulheres. Eles tiraram suas conclusões a partir de pesquisas realizadas em blogs e da leitura de artigos sobre os mesmos.

Além disto, analisaram conferências sobre blogs que privilegiaram os autores de artigos sobre blogs, ao invés das autoras. Nos blogs famosos – e masculinos – estão ranqueados outros blogs bastante acessados e que falam sobre assuntos considerados nobres, tais como política, por exemplo. Disto deriva um círculo vicioso em que uns referendam os outros e, conseqüentemente, excluem os blogs com conteúdos diversos, mais prosaicos, ou seja, que falem sobre os próprios autores ou relatem fatos do dia-a-dia.

Este artigo afirma que se está reproduzindo on-line aspectos da sociedade off-line, como o preconceito em relação às mulheres e aos jovens, vistos como autores apenas de diários. Esta associação equivale a desconsiderar este tipo de escrito, que nunca foi reconhecido como suficientemente sério para habitar o Olimpo das preocupações cotidianas; pelo contrário, escritos de pessoas comuns sobre o eu são desconsiderados. Por isto, segundo os autores, mesmo sendo predominantes os blogs que adotam a perspectiva de diário, ao invés dos filtros ou K-blogs, estes são desprezados. Isto sem levar em conta que os blogs que abordam os assuntos considerados sérios também falam de aspectos da vida pessoal de seus autores. No

entanto, como estão matizados pelo verniz de abordarem tais assuntos denominados sérios, são automaticamente considerados importantes, ao contrário dos outros, de mulheres e de jovens.

A partir da leitura do referido artigo, entende-se o poder democratizante que os blogs podem conter, mas como tão bem lembram os autores, é preciso não esquecer que eles existem na sociedade, a qual continua evidenciando seus preconceitos e mazelas, seja on-line ou off-line.

1.6. Blogs: nem anjos, nem demônios

Os leitores de blogs, segundo relata Rebecca Blood no já citado ensaio “*Weblogs: a History and Perspective*”, não são os utilizadores habituais de Internet. Em virtude da enorme quantidade de blogs existentes, poucos são os que procuram por eles diretamente, mas sim através de motores de pesquisa comuns, por tópicos abordados. Os blogs são instrumentos que se destinam àqueles que estão incluídos digitalmente, e mesmo entre os incluídos nem todos fazem uso deles. De qualquer forma, seria precipitado afirmar que por não atingirem um público significativo, o barulho que eles fazem não é importante. Ignorar-se-ia, por exemplo, os blogs que foram escritos durante as guerras (Iraque e Kosovo) ou grandes tragédias recentes (11 de Setembro de 2001), e o quanto eles foram elucidativos sobre as situações em que as pessoas viviam, e como repercutiram mundo afora.

Assim, os blogs devem ser pouco considerados por serem um fenômeno de nano-audiência? Ou então enaltecidos por servirem de instrumento para a liberdade de expressão? *A priori*, avaliar os blogs de uma ou outra forma não é o objetivo desta dissertação. Antes de apreciá-los ou depreciá-los, engessando-os em caracterizações, é fundamental aprofundar o conhecimento sobre seus usos efetivos e o seu significado na sociedade contemporânea, que é o que pretendemos, em especial no que diz respeito às transformações da intimidade.

Quisemos, neste breve capítulo, oferecer um panorama sobre alguns dos usos que os blogs podem ter, além de fazer um pequeno histórico sobre seu surgimento. A seguir, resumiremos algumas análises sobre a sociedade atual, feitas por autores que

usamos para refletir sobre o objeto de nossa pesquisa.

Capítulo 2

Para entender a blogosfera

Neste capítulo discutiremos aspectos da obra de alguns autores que, mesmo sem tratarem do fenômeno blogs, desenvolveram conceitos que poderão nos ajudar a entendê-lo.

O principal autor a nortear o capítulo é Giddens, com suas análises sobre as transformações pelas quais passa a intimidade na modernidade (1993). Suas reflexões sobre o tema são complementadas por análises feitas por Bauman (2001), que tem uma interessante argumentação a respeito da busca pela comunidade idealizada nestes tempos que chama de modernidade líquida; por Goffman (1985), que elucida questões pertinentes à natureza da interação; e por Alberoni (1989), que estudou o fenômeno da amizade e suas gradações.

Optou-se por estruturar este capítulo com base no trabalho de cada autor, de modo a destacar os conceitos que serão usados na análise da sociabilidade que está se desenvolvendo no espaço dos blogs. Em virtude deste espaço representar uma inovação tecnológica ou sociotécnica, dedicamos o item inicial a delimitar a perspectiva utilizada para entendê-la sob este ponto de vista.

2.1. Entre o real e o virtual, o suporte tecnológico é o ambiente da interação

Inicialmente, entendemos que o uso do blog não está definido para o bem ou para o mal *a priori*, seja pelos computadores ou pela Internet. Assim, para afastar possíveis determinismos tecnológicos, optamos por utilizar, como pano de fundo, a teoria ator-rede, tal como desenvolvida por Latour. (2000); ela nos auxiliou a entender as conexões entre o social e o técnico, na medida em que salienta as simetrias existentes entre o social, os artefatos, as teorias e os experimentos, na produção das inovações tecnológicas. Encarar a tecnologia apenas como um artefato frio, distante das pessoas ou capaz de determinar processos sociais é ingenuamente esquecer que ela faz parte da sociedade. Conforme Benakouche (1999), cria-se uma falsa dicotomia quando se afirma que de um lado está a sociedade e de outro a tecnologia. De fato, é um equívoco supor

que ambas existem em suspenso, sem contato uma com a outra, ignorando que elas estão imbricadas. Desta forma, quando se entende a técnica desvinculada do contexto social, ignora-se o quanto ela é permeada pela sociedade.

Esta abordagem é chamada de sociotécnica, porque todos os envolvidos, inclusive os não-humanos, estão associados, em rede, interpretando (ou traduzindo) o significado dos processos de forma negociada. Segundo Benakouche (1999):

Responsabilizar a técnica pelos seus “impactos sociais negativos”, ou mesmo seus “impactos sociais positivos”, é desconhecer, antes de mais nada, o quanto - objetiva e subjetivamente - ela é construída por atores sociais, ou seja, no contexto da própria sociedade (Benakouche, 1999, p.2).

Esta nova sociologia da técnica também é representada por Lévy (1993), que estuda a maneira como a comunicação vem sendo alterada ao longo do tempo, inclusive pelos dispositivos técnicos criados, e como eles interferem na maneira de ver o mundo. Segundo Lévy (1993, p.17): *...vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimentos e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados.*

Lévy define o ciberespaço como *o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e memórias informáticas.* (Lévy:1999, p.107). Trata-se, ainda segundo ele, da *região dos mundos virtuais pelo intermédio dos quais as comunidades descobrem e constroem seus objetos e se conhecem como coletivos inteligentes.*

Lévy também não entende a técnica por um viés determinista, mas como intimamente imbricada nos modos de organização social, nas instituições, nas religiões, nas representações em geral. Para o autor, não existe um uso bom ou ruim da técnica; ela não está aqui para solucionar tudo e nem é toda-poderosa, pois, do contrário, abdicar-se-ia do poder de fazer escolhas: *uma técnica não é boa, nem má (pois depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha espectros de possibilidades)* (1999, p.26).

Pensar na técnica como dimensão independente é desconhecer os diversos

caminhos pelos quais ela consegue se firmar e ser aceita socialmente. Segundo o mesmo autor, somos nós, seres humanos, que tramamos e tecemos o caminho que percorremos junto com a técnica e com tudo o mais que faz parte da história. Nesse sentido, acredita na construção, por meio dela, do que chama de tecnodemocracia, definida como *cena pública, onde os atores são cidadãos iguais, e onde a razão do mais forte nem sempre prevalece* (1993, p.196).

Lévy também nos ajudará a refletir sobre o que é o real, o virtual, o presencial e as dimensões on-line e off-line, pois sem conjeturamos sobre estas questões não é possível levar adiante nossas reflexões sobre um fenômeno que está ancorado no ciberespaço.

Colocando-se em discussão o virtual e o real, verifica-se que estas duas dimensões não podem ser abordadas como se fossem particulares e diferentes (mesmo se, de alguma forma, elas o são), nem se pode afirmar que são iguais. Elas perpassam universos que estão interconectados, mas que não são a mesma coisa. No entanto, não se pretende abordá-los de forma que representem uma dicotomia, e sim entendê-las como passíveis de formar um imbricamento. Qualquer investigação que tenha por objeto o ciberespaço perpassa esta discussão.

Mesmo parecendo uma novidade, a discussão que aborda o real e o virtual não se deve, porém, apenas à emergência do ciberespaço. Ainda que tenha sido o ciberespaço que gerou a discussão em torno do tema, não é somente nele que podem ocorrer relações comunicativas virtuais. A telefonia, por exemplo, já proporcionou a virtualidade antes disto. Com efeito, a comunicação telefônica é um bom exemplo de comunicação não-presencial, mas nem sempre é percebida desta forma. Segundo Lévy, *o telefone é a primeira mídia de telepresença* (1999, p.81). Por que apenas a CMC, que é estabelecida pela Internet, é encarada como virtual? Não seriam virtuais as ligações telefônicas, da mesma forma? Sim, elas são virtuais no sentido de não serem presenciais, mas fazem parte do mundo comunicacional a que os indivíduos estão expostos há tanto tempo que foram naturalizadas.

Normalmente se acredita que a comunicação telefônica só é estabelecida entre indivíduos que já possuem uma relação anterior; isto, entretanto, nem sempre acontece vide as ligações de telemarketing, os enganos telefônicos, e até mesmo as comunicações

através de diversos serviços, como disque-amizade e tele-sexo. Então, por que a CMC provoca reações e advertências em relação à comunicação presencial, quase como aquele velho aviso de que “não se deve falar com estranhos”? A CMC pode, em princípio, também ser estabelecida entre estranhos, mas acreditamos que eles podem converter-se em conhecidos ou até mesmo amigos, na medida em que o conhecimento se aprofunde. Este é um dos pontos que pretendemos investigar em nosso trabalho.

Silva (2000), em trabalho sobre o IRC (Internet Relay Chats), considera a CMC a partir das perspectivas on-line e off-line. Ela os emprega para fazer uma distinção entre os fenômenos que são mediados pela Internet daqueles que não o são. Argumenta que desta maneira pode entender o fenômeno estudado de forma não dicotômica, pois procura: *pensar os dois planos como associados e interdependentes, apesar de terem suas peculiaridades.* (2000, p.36)

Castells (2000, p.395), autor que vem estudando o que chama de sociedade em rede, argumenta que *de certo modo, toda realidade é percebida de maneira virtual.* Ele exemplifica que a característica deste novo sistema de comunicação, que define como sendo organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação, é a construção da virtualidade real. Para ele, a maneira de perceber a realidade é virtual, na medida em que ela se constrói através de símbolos. E estes símbolos não são interpretados ao pé da letra, literalmente. De forma que desejar a realidade independentemente de códigos que possibilitem o entendimento desta é pretender o impossível. O autor (2000, p.395) afirma que o sistema de comunicação virtual :

É um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo de faz-de-conta, na qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicacional da experiência, mas se transformam na experiência.

Por sua vez, Lévy argumenta que virtual seria aquilo que *apresenta um desprendimento do aqui e agora, ou talvez o que não está presente* (1996, p.19). Mas, aquilo que é concreto deveria ser expresso em sua materialidade para ser considerado real? Refletindo-se sobre este assunto, conclui-se que várias coisas podem ser denominadas virtuais, como, por exemplo, os sentimentos. Ou os pensamentos. Desta forma, circunscrever o que é real e o que é virtual é sempre difícil. Deixando-se de

considerar *o que não está presente* como não sendo também algo concreto, efetivo, preciso, perde-se muita coisa de que é real, embora não tenha uma materialidade corpórea.

Em sua obra *Cibercultura* (1999), Lévy aborda e mesmo amplia sua concepção de virtualidade, acolhendo para ela, três sentidos: um sentido técnico, unido à informática; um outro de uso corrente e senso comum; e um último, filosófico. Para a filosofia, virtual é *o que existe em potência e não em ato*. Também existe aquele sentido ligado ao uso corrente e senso comum, e que se refere à imaterialidade, oposta a uma realidade que supõe uma aparência palpável. Quanto ao sentido dado pela informática, entende o virtual como característica ou dispositivo que na realidade não existe, mas que é simulado por um computador e pode ser usado por um usuário como se existisse.

Neste trabalho procurar-se-á entender o virtual ligando-o com todas as formas de comunicação que sejam mediadas por computador; portanto, circunscreveremos o virtual ao ciberespaço. Compreendemos o virtual a partir da perspectiva de Castells (2000), pois não se pode delinear precisamente qual realidade não está inserida no virtual. No entanto, na prática, os indivíduos distinguem a comunicação virtual da presencial, esta abrangendo efetivamente a presença física dos indivíduos. Desta forma, para os fins do presente trabalho, esta oposição será mantida.

2.2. A democratização radical da vida pessoal e as transformações da intimidade

Preocupado em entender as práticas sociais da atual modernidade – que chama de alta modernidade – Giddens interessou-se pelo tema das transformações da intimidade, tendo dedicado um livro a estudá-lo (1993). Mesmo sem abordar a questão dos blogs, esta obra foi de grande importância para o desenvolvimento da presente dissertação.

Estudando a modernidade, Giddens (1991) a define como sendo um modo de vida predominantemente europeu, surgido no final do Século XIV e XVII, o qual espalhou sua influência mundo afora. As mudanças provocadas por ela foram extensas e açambarcantes e aconteceram em um espaço de tempo muito curto historicamente. Uma maneira de pensar as transformações ou as discontinuidades que causou seria prestar atenção à velocidade e aos propósitos da mudança. As instituições modernas não podem

ser julgadas como se fossem uma continuidade do que já existia antes, pois muitas são realmente novas, como o Estado-nação, por exemplo.

Segundo Giddens, uma consequência importante da modernidade foi ter possibilitado a separação entre espaço e tempo, o que permitiu uma organização racional das práticas sociais, interferindo diretamente no modo de vida de milhares de pessoas e universalizando o passado como comum a todos.

A modernidade, conforme Giddens, realiza sobretudo o que ele entende por desencaixe. Os mecanismos de desencaixe afetam a vida cotidiana, numa interação dialética, na medida em que consistem em: *Deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço. (...) Esta separação [tempo-espaço] permite desencaixar as instituições e este fenômeno serve para abrir múltiplas possibilidades de mudança, liberando das restrições dos hábitos e das práticas locais* (1991, p.28-29).

Os meios de comunicação – como os transportes, ainda no século XIV; o telefone, no século XIX; ou a Internet, no século XX - cumprem o papel de facilitar sobremaneira os deslocamentos, e portanto, podem ser vistos como mecanismos de desencaixe. Isto invalida, ao menos em parte, a tese de que hoje em dia todos os indivíduos vivem num mundo de estranhos, pois nem mesmo a distância pode afetar as relações íntimas, já que as comunicações ligam todos no planeta.

Nesse sentido, Giddens (1991) argumenta que atualmente está acontecendo uma radicalização da modernidade e que em um mundo de modernidade radicalizada, a sociedade é constituída globalmente; ninguém é forasteiro e não se pode evitar o contato com os outros. No entanto, os elos sociais têm que ser construídos individualmente, pois não são mais herdados do passado, como tradicionalmente. O que ocorre é *uma transformação genuína da própria natureza do pessoal*. Esta transformação envolve o autoconhecimento e a predisposição favorável em relação ao outro. Segundo ele:

a confiança pessoal torna-se um projeto, a ser “trabalhado” pelas partes envolvidas, e requer a *abertura do indivíduo para o outro*. Onde ela não pode ser controlada por códigos normativos fixos, a confiança tem que ser *ganha*, e o meio de fazê-lo consiste em abertura e cordialidade demonstráveis.(1999, p.123)

O autor analisa as mudanças sofridas também pelo sentimento de confiança a

partir da modernidade, quando não se tem mais as ancoragens proporcionadas pela comunidade ou laços de parentesco que ocorriam na sociedade tradicional. Na modernidade radicalizada, essas ancoragens vão ser proporcionadas em grande medida pelos sistemas técnicos (em especial os de comunicação), que chama de sistemas abstratos. Assim, lembra (1999, p.122): *Com o desenvolvimento dos sistemas abstratos, a confiança em princípios impessoais, bem como em outros anônimos, torna-se indispensável à existência social. A confiança impessoalizada deste tipo é discrepante da confiança básica.*

Esta impessoalidade que advém dos sistemas abstratos não é oposta à intimidade; existe um cruzamento entre elas, e muitas vezes depende-se dos mecanismos que são fornecidos por estes sistemas para manter ou ampliar relações que podem vir a se tornar íntimas. A confiança nestes sistemas muitas vezes depende de conhecimento técnico, que também proporciona segurança, mas difere daquela que é obtida através da confiança pessoal. Esta é construída através da mutualidade e de intimidade, conforme afirma o autor: *a fé na integridade de um outro é uma fonte primordial de um sentimento de integridade e autenticidade do eu* (1991, p.117). Esta confiança não necessariamente é perene, ou seja, ela pode ser rompida a qualquer momento e a intimidade também deixar de existir. Ela tem que ser construída todos os dias e depende, como já foi mencionado anteriormente, do autoconhecimento e também da auto-expressão. É preciso conhecer-se bem e saber expressar-se para evitar os mal entendidos, para assegurar a continuidade da confiança: *Nas relações de intimidade do tipo moderno, a confiança é sempre ambivalente, e a possibilidade de rompimento está sempre mais ou menos presente* (Giddens, 1991, p.144).

Assim, sem evocar esta necessidade de confiança no outro é impossível entender o que propõe Giddens (1993) com o conceito de *democratização radical da vida pessoal* para se referir à prática – própria à alta modernidade – da negociação nos relacionamentos, seja com o parceiro ou os pais, filhos e outros parentes, além dos amigos. Isto pressupõe o respeito pelas posições do outro, e a não-imposição de suas próprias posições, procurando-se manter a autonomia: *No terreno da vida pessoal, autonomia significa a realização bem sucedida do projeto reflexivo do eu – a condição de se relacionar com outras pessoas de modo igualitário* (Giddens, 1993, p.206)

Para Giddens, a intimidade não implica em perder a personalidade, mas em conhecer a si mesmo e ao outro. Para conhecer as próprias características, os indivíduos podem ser autodidatas, ou apelar para ajuda externa. Um cruzamento entre intimidade e impessoalidade acontece quando se apela para o conhecimento técnico para fortalecer o autoconhecimento. Isto pode ser obtido através da contratação de pessoas especializadas, tais como psicólogos e psiquiatras, ou então adquirindo literatura sobre o assunto. Nesse sentido é que podemos atribuir também aos blogs a mesma função.

Com efeito, os blogs e as relações que se estabelecem a partir deles exprimem exemplarmente a radicalização da modernidade de que fala Giddens, bem como as mutações que ocorrem hoje na intimidade. Surfando na Internet à procura de conteúdos em sites ou blogs que possam ser esclarecedores para o autoconhecimento, ou escrevendo sobre as angústias que os assaltam, os indivíduos travam relações mais ou menos duráveis, que podem inclusive chegar ao estabelecimento de amizades sinceras e ao compartilhamento da intimidade.

As transformações ocorridas na intimidade derivam também do processo de autonomia do eu e da reflexividade. A autonomia do eu consiste em reconhecer a individualidade do homem moderno, o qual se torna mais importante do que o grupo em que está inserido. Este processo está ligado ao rompimento com a sociedade tradicional, em que não existe mais a verdade do grupo como um parâmetro norteador a seguir, e os indivíduos se tornam responsáveis por suas próprias escolhas. Isto os leva a se questionarem constantemente, visto estarem inseridos em um mundo repleto de informações, onde têm que fazer escolhas e refletir sobre elas “quase” o tempo todo, pois terão de suportar suas conseqüências.

Giddens (1993, p.215) denomina de *política de estilo de vida operando no contexto da reflexividade institucional* a política que coloca o indivíduo a pensar e a decidir aspectos de sua vida cotidiana, mas que não estão tradicionalmente inseridos na política tradicional, que acontecia em espaços pré-determinados, com representantes especificamente escolhidos.

A *política de estilo de vida* leva o indivíduo a construir uma ética particular, agora que ele ficou órfão da tradição e não tem mais como saber se as suas atitudes estão corretas e são pertinentes. Esta ética deixa de ser particular no momento em que

este indivíduo estabelece contato com os outros e percebe neles as mesmas angústias que podem levar às mesmas respostas.

Resumindo, o que importa sobretudo reter das análises de Giddens é o entendimento de que mesmo se as relações pessoais não estão mais ancoradas apenas ao lugar em que se vive, *as relações íntimas podem ser mantidas à distância (...), e laços pessoais são continuamente atados com outros que nos eram anteriormente desconhecidos* (1991, p.143). Isto pode acontecer ou por causa da facilidade dos meios de transporte ou da evolução imensamente rápida das comunicações, inclusive as desencadeadas pela CMC, como os blogs, por exemplo.

2.3. Nomeando o problema

A questão das transformações da intimidade também é analisada por Bauman (2001), mas a partir de uma outra perspectiva, no caso, a partir da discussão a respeito da oposição entre o público e o privado.

O autor parte do estudo de programas de entrevistas na TV, onde, segundo ele, revelar o que é de “foro íntimo” não é considerado ofensivo; ao mesmo tempo, o que é considerado privado não se torna público apenas pela sua exposição, mas continuará privado. Porém, agora não se torna tão descabida a sua revelação, pois o sofrimento não é mais “privado”, na medida em que é compartilhado. Desta forma, a esfera pública transforma-se em um palco, onde podem ser expostas todas as mazelas que seriam consideradas privadas e, portanto, não interessariam a ninguém. O autor não condena a indiscrição que tais programas suscitam, pois, para ele, a questão é mais do que apenas curiosidade, argumentando que estes programas demonstram que os problemas, embora privados, acontecem com todos, e que cada um é responsável por solucionar o seu próprio.

Este tipo de reflexão ajuda a pensar sobre a exposição que é feita nos blogs. Assim como os programas de entrevista, os blogs podem expor questões que seriam consideradas privadas e, portanto, não destinadas à exposição pública.

O autor critica, porém, o excesso de exposição de questões que seriam consideradas privadas, e atribui a isto um enfraquecimento na confiança em relação à

política com P maiúsculo (2001, p.83). Para ele, estas questões privadas discutidas em público apenas são legitimadas e naturalizadas, pois através de sua exposição tornam-se *adequadas para discussão pública* (2001, p.82). Elas não se tornam questões públicas, não perdem sua condição inicial, pois serão sempre questões privadas. Segundo ele (2001, p.49), *para o indivíduo, o espaço público não é muito mais que uma tela gigante em que as aflições privadas são projetadas sem cessar*

A importância desse fenômeno, porém, reside sobretudo no fato de que levou à identificação daquilo que Bauman (2001, p. 81) definiu como *nomear o problema*:

os programas de entrevistas são lições públicas de uma linguagem ainda-não-nascida-mas-prestes-a-nascer. Fornecem as palavras que poderão ser utilizadas para “nomear o problema” – para expressar, em modos publicamente legíveis, o que até agora era inefável e assim permaneceria sem tais palavras.

Como as entrevistas são realizadas não apenas com gente famosa, com celebridades, mas também com pessoas comuns, que sofrem, vivem e têm problemas, elas exercem um grande fascínio sobre estas pessoas comuns. Seus problemas, antes de serem expressos publicamente permanecem “íntimos demais”, como se não fossem problemas que podem atingir a todos neste mundo de incertezas; ao serem publicizados, assumiriam sua verdadeira dimensão. Se aquele que vive como todo mundo, que tem que enfrentar o mundo de competição e incerteza consegue encontrar soluções para sua vida, significa que os outros, também “comuns”, serão igualmente capazes de encontrá-las. Bauman (2001, p.80) argumenta que *o fato de ela não ser uma celebridade, sua anonimidade, pode fazer com que o exemplo seja mais fácil de seguir e assim ter um potencial adicional próprio*.

Num mundo onde se pode viver apenas de seu próprio “potencial”, não existem soluções coletivas, e por isto a busca de exemplos que possam servir de parâmetros é tão importante. Com efeito, isto ajuda a seguir pensando que não se está sozinho e se os outros, tão anônimos quanto qualquer um de nós, encontram soluções satisfatórias para sua vida, então o que impediria que o mesmo venha a acontecer com todas as pessoas?

Estudando a modernidade atual, que chama de modernidade líquida, Bauman (2001) faz ainda uma análise interessante sobre a forma como os seres humanos entendem o mundo a partir de seu conhecimento, da forma como vivem o dia-a-dia,

trabalham e comportam-se, tanto em público, como privadamente, etc. Segundo ele:

O modo como os seres humanos entendem o mundo tende a ser sempre *praxeomórfico*: é sempre determinado pelo *know-how* do dia, pelo que as pessoas podem fazer e pelo modo como usualmente o fazem. (2001, p. 68).

Como Giddens, ele também se refere ao aumento da necessidade de se fazer escolhas. Se no tempo da modernidade pesada, os indivíduos tinham parâmetros sólidos em que se referenciar – e que sugeriam inclusive metáforas de controle, tais como *1984*, de George Orwell ou *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley – nestes tempos de modernidade líquida, tais parâmetros são muito mais tênues. Não se pode advogar fé irrestrita, seja no futuro ou no poder da ciência, ou ainda em revoluções libertadoras que redimirão a todos. Este é um mundo em que os indivíduos têm que, sozinhos, enfrentar suas dificuldades e resolver seus problemas. Isto não quer dizer que a solidão não tenha um outro lado: se agora *é cada uma para si*, também as possibilidades de escolhas são maiores, seu leque é múltiplo e variado, embora nem sempre isto possa ser considerado uma vantagem:

Como as Supremas Repartições que cuidavam da regularidade do mundo e guardavam os limites entre o certo e o errado não estão mais à vista, o mundo se torna uma coleção infinita de possibilidades: um contêiner cheio até a boca com uma quantidade incontável de oportunidades a serem exploradas ou já perdidas. (2001, p.73)

Desta forma, os indivíduos debatem-se entre a procura de satisfação diante das possibilidades que se apresentam diante deles, e a frustração que sentem ao perceber que uma vida só não é o bastante para que possa vivenciá-las. Se neste mundo o indivíduo pode ter a *liberdade de tornar-se qualquer um* (2001, p.74), ao escolher uma possibilidade ele estará descartando as outras, e isto restringirá sua liberdade:

estar inacabado, incompleto e subdeterminado é um estado cheio de riscos e ansiedade, mas seu contrário também não traz um prazer pleno, pois fecha antecipadamente o que a liberdade precisa manter em aberto. (2001, p.75)

Assim, na sociedade da modernidade líquida não se fornecem mais receitas prontas de felicidade e caminhos para se chegar ao céu ou a emancipação humana, ou seja qual for o título bonito e promissor em que se possa dar ao bem-estar. Agora são os

indivíduos que têm que trilhar seu próprio caminho, sem apoios coletivos, só podendo contar consigo próprios. Todas as suas ações e a responsabilidade por elas são particulares, individuais. Como os indivíduos ainda não se tornaram super-heróis resistentes a tudo, eles buscam a ajuda que podem, seja ao assistir um programa de entrevistas que fale dos problemas privados, seja ao recorrer à literatura de auto-ajuda. Nesse sentido, Bauman argumenta criticamente que:

Os conselhos que os conselheiros oferecem se referem à política-vida, não à Política com P maiúsculo; eles se referem ao que as pessoas aconselhadas podem fazer elas mesmas e para si próprias, cada uma para si – não ao que podem realizar em conjunto para cada uma delas, se unirem forças. (2001, p.77)

De uma maneira geral, os blogs, ou pelo menos muitos deles, são hoje uma outra forma de exposição de problemas, que as palavras de Bauman podem perfeitamente servir para explicar.

Bauman (2001) refere-se ainda à expectativa que todos têm de fazer de suas vidas uma obra de arte. Esta obra de arte chama-se identidade. Julga-se que os outros a possuem quando os observamos de longe, e ela se torna uma meta a alcançar. Esta identidade seria capaz de dar uma direção, um porto seguro em meio ao caos vivido, nesta sociedade em que nada mais parece sólido e consistente. No entanto, o espetáculo que os outros oferecem é fugidio, pois ele muda conforma as circunstâncias; mesmo assim, a vida de outros que se expõem parece sempre mais interessante do que a que se vive.

A identidade parece algo sólido, harmônico e consistente, esta é a imagem que se desenha. Os outros parecem tê-la, mas isto é uma ilusão. Elas são sólidas apenas para os que são espectadores delas, isto é, que não são os seus intérpretes, não as vivenciam. Quando ela é vivenciada pelos indivíduos, está sendo constantemente atravessada por turbulências que demonstram o quanto ela é frágil e transitória. No entanto, ao mesmo tempo em que se deseja a solidez de uma opção identitária, ela pode embargar, atrapalhar todas as outras possíveis opções eventualmente disponíveis aos indivíduos.

Bauman alerta que esta liberdade de ser hoje uma coisa e amanhã outra, totalmente diferente, é típica da sociedade de consumo. Faz parte inclusive daquilo que é comercializado de forma massiva, mas cuja propaganda alardeia que tal ou qual

produto tornará único àquele que for usá-lo. Assim, os programas de entrevista além de servirem para “nomear o problema”, atuam também como indução ao consumo, ao levar os indivíduos a buscar identidades diferentes através de recursos para se tornarem únicos.

Para Bauman, o processo de individualização é definido como a transformação da *identidade humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’* e [cabendo aos] *atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das conseqüências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização* (2001, p.40).

No entanto, quando da modernidade pesada, aqueles que sozinhos não conseguiam lutar por suas necessidades podiam juntar forças e atuar coletivamente, pois seus lugares estavam garantidos e seguros e o problema se resumia em como conquistá-los. Nos tempos da modernidade líquida, não só não existem lugares, como eles são transitórios, frágeis. Além disto, a responsabilidade agora é completamente individual e os seres humanos são responsáveis por tudo em suas vidas, mesmo que não possam controlar aquilo que acontece em torno deles: *Riscos e contradições continuam a ser socialmente produzidos; são apenas o dever e a necessidade de enfrentá-los que estão sendo individualizado* (2001, p.42)

Esta individualização foi herdada da modernidade, e deixa os indivíduos à mercê de sua própria sorte, sem nenhum projeto coletivo que garanta a emancipação; apesar da promessa de liberdade que traz consigo, ela pode tornar-se insatisfatória, pois eles estão sozinhos para enfrentar os riscos que suas escolhas (às vezes praticamente impostas pelas circunstâncias) os obrigam. Com efeito, a individualização carrega em seu bojo a promessa da realização, e a sensação de que se é responsável por escolhas e pelas conseqüências derivadas dela.

Bauman (2001, p.39) reforça a questão da individualização na modernidade e as mudanças que ela vem tendo ao longo do tempo, posto que é dinâmica, assim como a sociedade:

a sociedade moderna existe em sua atividade incessante de ‘individualização’, assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias da rede de entrelaçamentos chamada sociedade.

Bauman (2001, p.46) insiste sobre *a necessidade desesperada de fazer parte da rede*. Inspirado por Richard Sennett, afirma que os indivíduos procuram compartilhar

suas intimidades como um meio de “construção da comunidade”.

Ao mesmo tempo, este autor reforça a ampliação da liberdade que existe hoje, lembrando que junto com ela vêm às conseqüências a enfrentar. Trata-se de um mundo de possibilidades infinitas, o que traz angústia e um certo sentimento de impotência, pois não é possível viver tudo o que se apresenta. Porém, estas possibilidades não estão assim tão disponíveis a todos os indivíduos, principalmente para aqueles que não conseguem mover-se tão rapidamente nestes tempos fluidos.

Bauman (2003) também se preocupa em entender o sentido das comunidades atualmente. Segundo ele, o termo comunidade evoca doces momentos, de aconchego, de ternura, constitui para todos uma lembrança cálida. Estar em comunidade, imaginativamente significa não precisar reconhecer as diferenças, não precisar negociar, resolver pendengas, ceder espaço ao outro. Mais ainda, não é preciso nem admitir que existe um “outro”, pois todos os que, ilusoriamente, estão vivendo em uma comunidade, são parte de um mesmo todo. Isto é, contra eles não é preciso haver nenhuma espécie de prevenção, pois não se trata de outros que sejam desconhecidos, já que da comunidade só participam indivíduos que não podem ameaçar: eles são partícipes, não inimigos; companheiros, não opositores: *Comunidade é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá* (2003, p.9).

De fato, esta busca de pertencimento, do sentimento de fazer parte de uma comunidade, corresponde à tentativa de se querer ao mesmo tempo liberdade e segurança. No entanto, esta combinação apresenta-se como um contra-senso no mundo real, pois quando se busca uma, tem que se abdicar da outra. A realidade a respeito das comunidades, na verdade, é que elas não podem existir sem a negação do outro, do que é diferente daqueles que pertencem à comunidade. Manter a comunidade pode dar trabalho para colocar os invasores para fora, e não trazer a tranqüilidade esperada, além de ter que sacrificar grande parcela de liberdade individual. Assim, para Bauman, só em comunidades irreais liberdade e segurança podem coexistir. A questão que nos colocamos é: não será esta combinação possível nas chamadas comunidades virtuais? Não será justamente esta possibilidade que explicaria a adesão de muitos a CMC?

2.4. O teatro: máscaras e interação social

As formas de interação social constituem um objeto de investigação recorrente por parte dos cientistas sociais. Goffman (1985), em sua obra “A representação do eu na vida cotidiana”, trata da questão de forma bastante original. Utilizando-se da metáfora teatral, procura elucidar como se desenvolvem as interações e representações, como se dão os conflitos e as vivências dos atores, que são personagens principais, coadjuvantes e platéia, alternadamente. Goffman (1985) está interessado em perceber como o ser humano vivencia seu dia-a-dia e analisa como os indivíduos aprendem e internalizam os comportamentos que têm quando estão em público. Essa análise serve sobretudo para perceber como eles utilizam seus conhecimentos para viver as diversas situações que se apresentam cotidianamente, sem ter que refletir constantemente sobre elas. Para os propósitos deste trabalho, seqüestraremos alguns dos conceitos de Goffman (1985), reinterpretando-os para poderem ser usados no contexto da CMC.

Goffman (1985) trata os indivíduos como se estes fossem atores, estivessem representando e ao mesmo tempo tentando dirigir a atenção daqueles que estivessem em contato com eles, ou seja, estivessem contracenando com os mesmos, a fim de controlar as impressões que esta platéia – o outro – pudesse ter, tal e qual os personagens em uma cena de teatro. Ele diz textualmente: *Somente me ocuparei dos problemas dramaturgicos do participante ao representar a atividade perante os outros* (1985, p.23)

Goffman (1985) focaliza a interação em um contexto face a face. Segundo ele, quando os indivíduos estão frente a frente procuram obter informações uns a respeito dos outros, para poder saber como proceder, que tipo de comportamento adotar:

A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada (Goffman:1985, p.11).

Isto é particularmente interessante quando o outro é um completo desconhecido, pois através de suas formas de agir é possível entender qual o tipo de comportamento que este terá. Aqueles que os estão conhecendo podem, através de suas experiências

anteriores com outros que agiam de forma parecida, não só perceber, como agir:

Podemos apreciar a importância capital da informação que o indivíduo inicialmente possui ou adquire a respeito dos companheiros participantes, já que é com base nesta informação inicial que o indivíduo começa a definir a situação e a planejar linhas de ação, em resposta. (Goffman: 1985, p.19)

No entanto, isto também serve muitas vezes para prejudicar o comportamento alheio, enquadrando-os em estereótipos, mesmo que não obtenham comprovação adequada.

Alguns psicólogos argumentam que, no decorrer da vida, os indivíduos vão interpretando papéis que não seriam representativos de seus desejos. Isto pode iniciar-se na mais tenra infância, quando a criança tem determinados tipos de atitudes que sente que podem lhe proporcionar vantagens ou evitar castigos. Muitas vezes os indivíduos enrolam-se tanto nos papéis que interpretam perante os outros, que acabam desconhecendo a si mesmos. Criam uma persona, uma máscara, que mesmo intimamente não conseguem despir. Esta máscara acaba incorporando-se ao indivíduo e interferindo em seus relacionamentos, pois este pode vestir uma máscara para cada ocasião, conforme achar necessário.

De fato, os seres humanos usam diferentes máscaras, tornam-se personas que podem ser moldadas conforme os ambientes em que houver a interação. Desta forma, agem de acordo com o palco em que estão atuando.

Goffman analisa duas formas de comunicação: as *impressões dadas* e as *impressões emitidas*. O autor define as *impressões dadas* como aquelas que o indivíduo é capaz de transmitir através da fluência verbal, ou seja, os outros terão determinadas reações de acordo com o que o indivíduo expresse em sua fala. As *impressões emitidas* são as não-verbais, e são percebidas pelo gestual do indivíduo, a troca de olhares com determinadas pessoas, ou mesmo um gesto que denote confrontação em relação ao que o indivíduo está expressando verbalmente. Ou ainda, que esteja em desacordo com suas atitudes físicas, como, por exemplo, expressar afeto por alguém e pouco depois estar menosprezando esta mesma pessoa, quando julga não estar sendo observado por ela, ou por outras que conheçam os dois.

Goffman (1985) argumenta que o indivíduo pode, inclusive, *estar sinceramente convencido de que a impressão de realidade que encena é a verdadeira realidade*

(1985, p.25). No entanto, ele mesmo faz uma ressalva, ao explicar que os indivíduos podem oscilar entre os dois extremos: ao mesmo tempo acreditar piamente naquilo que faz; ou então ter plena consciência de que o papel que representam é pura encenação, mesmo que não façam isto com más intenções. E esta encenação pode inclusive internalizar-se de tal forma, que eles mesmos acabem se tornando aquilo que antes usavam apenas como máscara, e ainda mais, isto pode representar o que estes almejam ser:

em certo sentido, e na medida em que esta máscara representa a concepção que formamos de nós mesmos – o papel que nos esforçamos por chegar a viver – esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas. (1985, p. 27).

No entanto, não se pode esquecer que o indivíduo pode estar tão inteiramente envolvido em uma representação, na qual ele acredite tanto no papel que desempenha, que ao perceber que sua “encenação” deixou algo a desejar, e isto venha a desacreditar as impressões que os outros possam ter dele, tal fato pode custar-lhe muito caro. Isto justamente porque ele empenhou-se tanto na própria representação, internalizou-a até passar realmente a acreditar naquilo, e uma falha torna-se cruel para ele, já que poderá acabar decepcionando a si mesmo como indivíduo. Goffman (1985) argumenta que ao acontecer uma ruptura:

as concepções de si mesmo em torno das quais foi construída sua personalidade podem ficar desacreditadas. Estas são as conseqüências que as rupturas podem ter do ponto de vista da personalidade do indivíduo. (Goffman, 1985, p, 223).

Nosso autor argumenta ainda que os indivíduos ao interagirem com os outros procuram mostrar seu lado “apresentável”, pois querem ser aceitas por eles. Assim estariam operando na região de fachada, ou seja, estariam prontos para representar seu papel, para entrar em interação com o outro e manter a impressão que eles desejem que o outro perceba. Desta forma, o outro responderia conforme os atributos que ele saiba serem devidos à situação em que se encontram. Já a região de bastidores ou de fundos acena com a liberação dos controles estritos exigidos pela região de fachada. Nesta região, o ator libera a rigidez e se solta, revelando-se em atitudes mais íntimas, mantidas

com aqueles com quem pode partilhar momentos de relaxamento, em que não precisa manter máscaras sociais tão rígidas.

Goffman (1985, p.120) alerta: *Em toda a sociedade ocidental tende a haver uma linguagem de comportamento informal ou de bastidores e outra linguagem de comportamento para ocasiões em que uma representação está sendo exibida.*

Nesse sentido é que acreditamos que até mesmo a forma de escrever, quando em interação proporcionada pela CMC, pode ser reveladora da região em que os indivíduos estão operando, além de nos informarem também sobre quem são estes indivíduos. Textos burilados, sem erros de concordância, pontuação ou gramaticais denotam cuidado com a linguagem e a percepção de que seus autores estão agindo na região de fachada. Idéias lançadas sem o mesmo cuidado e atenção, quase que como uma isca para colher as primeiras impressões sobre elas, evidenciam atitudes próprias à região de fundos.

O autor diz textualmente que *o mundo, na verdade, é uma reunião* (Goffman, 1985, p.41), querendo referir-se a que as interações só são passíveis de acontecer quando os indivíduos estabelecem algum tipo de comunicação entre si, e é nestes contatos que, segundo ele, *a realidade está acontecendo.*

Entendemos que a mediação que acontece na comunicação pelo computador não se opõe às interessantes análises deste autor, motivo pelo qual nos pareceu oportuno utilizar suas reflexões para pensarmos também as interações acontecidas através dela. O seqüestro dos conceitos pode, portanto, ser feito. As análises de Goffman sobre como os indivíduos se comportam perante os outros podem ser transportadas para o contexto on-line, pois eles aí também se revelam, mesmo que sutilmente, através do uso de palavras, sinais gráficos, emoticons e até mesmo pelo layout que os blogueiros escolhem para seus blogs, pois eles parecem saber muito bem que: *Na vida cotidiana, por certo, há uma clara compreensão de que as primeiras impressões são importantes* (Goffman, 1985, p.19)

2.5. A amizade: relação igualitária

Neste último item discutiremos sobre a amizade. Amizades são iniciadas a partir

da CMC e, portanto, têm relação com o nosso tema de investigação e com a sociedade tecnológica em que vivemos, seja ela classificada como modernidade radicalizada ou líquida. Escolhemos Francesco Alberoni (1984), que é um especialista neste tema, para nos ajudar a entender um pouco mais sobre esse sentimento, e buscamos novamente apoio nas reflexões de Giddens (1991).

Alberoni (1984) tece suas considerações sobre a amizade dizendo que esta não é uma relação hierárquica, possível ocorrer somente entre iguais. Mesmo quando esta acontece entre indivíduos que têm, por exemplo, situação econômica diferenciada, o verdadeiro amigo não usa o poder econômico do outro para se beneficiar; nesse caso, a amizade não seria verdadeira, estaria baseada em interesse e, a partir disto, transformar-se-ia em uma relação de negócio e não mais de amizade: *a amizade conforme a vantagem, seja aquela nos negócios, seja aquela dos políticos (...) tem muito pouco de efetiva e dura enquanto dura a vantagem.* (Alberoni, 1982, p.08). Da mesma forma, diz ele, as amizades que são iniciadas entre colegas de trabalho e que só conseguem manter-se enquanto a convivência perdura, também não têm bases sólidas; entre eles não foi estabelecido o que Alberoni conceitua como encontro e que é o verdadeiro início da amizade:

a amizade começa como um ato descontínuo, um salto. Há um momento em que experimentamos um forte impulso de simpatia, um interesse, sentimos uma afinidade com uma pessoa (...) chamaremos de encontro essa experiência. (...) o encontro é ele próprio um momento de felicidade, de grande intensidade vital. É um momento em que compreendemos alguma coisa de nós mesmos e do mundo. (Alberoni: 1982, p.13/14).

Afirmar que a amizade só pode ser estabelecida entre iguais, significa considerar os indivíduos como igualitários em relação ao poder que possam exercer: *a amizade é incompatível com um desequilíbrio excessivamente grande de poder* (Alberoni, 1982, p.44). Não quer dizer que eles tenham que ter os mesmos gostos ou preferências. O autor inclusive argumenta que os indivíduos se completam nas relações de amizade, pois a partir de perspectivas diferentes conseguem encontrar pontos em comum, como se estabelecessem uma complementaridade de si mesmos através do outro, do amigo, a qual pode ser percebida quando o encontro acontece: *o encontro não é reconhecer uma*

identidade ou uma semelhança. É perceber que o outro nos completa e que nós o completamos. (...) No encontro, duas pessoas diferentes conseguem ver do mesmo modo a mesma realidade. (Alberoni:1982, p.14/15).

Segundo Alberoni (1982), os amigos conseguem se ajudar, pois através das reflexões de um o outro consegue entender a si mesmo. Entretanto, as palavras de um amigo não serão proferidas em tom professoral; caso o fossem, manifestar-se-ia um desequilíbrio de poder que não combina com a amizade. O amigo partilha o caminho e entende a alma do outro; o que ele faz é ajudar a trilhar parte da estrada, a encontrar as respostas para o que é problemático ou angustiante:

o amigo é aquele que, a cada vez, nos faz entrever a meta e que percorre conosco um trecho de caminho. Do encontro com o amigo espero, portanto, sempre uma revelação. (...) a revelação do amigo não é um ensinamento. É um chegar juntos a mesma conclusão por meio de pontos de vista diferentes. É, na verdade, uma convergência. (Alberoni: 1982, p.18)

A amizade é, segundo ainda Alberoni, uma forma de amor entre as pessoas (1982, p.9). Mas ele o compara ao amor de *Philia*, uma forma de amor diferente de *Eros*, que leva ao romance entre os indivíduos. A diferença estaria no fato de a amizade pautar-se por critérios morais; entre os amigos não se estabelece uma relação de ciúme, pois não se deve restringir a liberdade do amigo: *a amizade requer, em primeiro lugar, a liberdade do outro, se faz um esforço ainda que mínimo para cerceá-la, deixa instantaneamente de ser verdadeira amizade* (Alberoni, 1982, p.29).

A amizade inicia-se pela vontade e por ela também é terminada, ou seja, ela só persiste enquanto houver reciprocidade. Desta forma, se um amigo maltrata o outro, o faz por sua livre vontade e isto torna os encontros impossíveis. Podem acontecer percalços no caminho, mas então os amigos se encontrarão e tentarão retroceder até a época de suas vidas em que os mal-entendidos não tinham acontecido. A partir daí, avaliam se a amizade realmente pode continuar a persistir.

Para Alberoni (1982), o amigo tem a capacidade de ver o interior do outro com benevolência e de ajudá-lo a ser ele mesmo: *Os outros são indiferentes. Seus corações são frios e, com isso, não vêem nem mesmo o que somos na realidade. Somente o amigo nos vê por aquilo que somos* (1982, p.35). Amigos são, portanto, importantes para

aquecer o coração, para aconchegar os indivíduos que vivem nesta sociedade de modernidade líquida, tanto quanto o eram antigamente.

Para o autor, na amizade não existe o ciúme, mas sim a decepção quando nosso amigo não nos dá a atenção devida, pois do amigo espera-se afeto. Se ele nega isso, não está sendo verdadeiramente amigo. Aliás, a amizade verdadeira não é ciumenta, ela convive não apenas com um amigo, mas com vários. Isto não significa que ela seja menos intensa. Aliás, a intensidade também não pode ser medida pela quantidade de encontros que os amigos possam ter. Se o amigo é sincero, se a amizade é uma complementaridade, não é preciso que haja uma seqüência longa de encontros para provar o valor da amizade. Até mesmo um encontro apenas, desde que seja significativo, pode marcar o amigo: *podem até ficar juntos, porque fazem a mesma viagem até o fim da vida. Mas também podem encontrar-se uma só vez.* (Alberoni: 1982, p.54).

O autor argumenta ainda que a amizade pode ser formada por poucos afetos, que serão *profundos, renovados e redescobertos inúmeras vezes e que são pilares do sistema* (1982, p.54). No entanto, nada impede que se desenvolvam outros afetos que possam ser alimentados a partir destes poucos afetos ou então que passem a fazer parte de um outro ambiente de relações. Ele pondera que os indivíduos quando vivenciam novas possibilidades de amizades crescem e se enriquecem com elas, ao invés dos outros que fecham seu círculo de amizades:

quando a amizade fica confinada dentro de um campo de solidariedade étnica ou política ou religioso, quando não conseguem nunca abrir-se para o exterior, sobre uma outra pessoa, sobre um outro encontro, perde alguma coisa (...). E há sempre a possibilidade de encontrar alguém que nos enriquece, que percorre um trecho de estrada conosco, que nos estimula, que nos mostra uma possível meta (Alberoni, 1982, p.54/55).

Este seria o motivo pelo qual a amizade não pode ser definida a partir de um grupo. Em um grupo de indivíduos que possam ter estudado juntos ou participado de algum movimento forma-se uma solidariedade, mas isto não significa amizade. Ela pode surgir a partir daí, mas estar em um grupo não garante que se consiga fazer amigos, pois é uma outra ótica que rege esta relação.

Com efeito, pode-se a partir dos conhecimentos estabelecidos num tipo de

situação grupal para saber se é possível ou não confiar nos indivíduos. Acreditamos que isso é verdadeiro quando tratamos de CMC, pois é mais fácil reconhecer quando se pode ser *todos o mesmo* (Bauman, 2001).

Além de Alberoni (1982), Giddens (1991) também discorre a respeito da amizade. Este esclarece que em sociedades tradicionais a amizade estava associada à honra e a sinceridade, e mais precisamente, estava ligada à necessidade de se saber que o contrário dos amigos eram os inimigos. A amizade servia como uma garantia quando não se podia apelar aos laços de parentesco ou comunitários, devido a dimensão da tarefa a ser realizada. Na sociedade moderna, o contrário dos amigos são os conhecidos ou colegas, e em vez de ser apoiada na honra e na sinceridade, a amizade agora baseia-se na lealdade derivada do afeto pessoal. A sinceridade não é tão importante quanto a autenticidade, que Giddens define como: *a exigência que o outro seja aberto e bem intencionado* (1991, p.121). Nesse sentido, o autor vai além e diz que o bom amigo nem sempre fala a verdade, mas sim tenta proteger o bem estar emocional do outro.

Podemos dizer que os dois autores têm sobre esta questão divergências e convergências. Há divergências quanto à questão da sinceridade, quando Alberoni (1982) sustenta que o amigo ao falar a verdade para o outro não o faz procurando magoá-lo, mas sim querendo alertá-lo, de forma tal, que outras pessoas talvez não pudessem fazê-lo. Mais ainda, amigo é aquele que vê o que o indivíduo às vezes não consegue perceber sobre si mesmo. Já uma convergência surge quando ambos os autores afirmam que os amigos tentam cuidar do bem estar um do outro, e também quando são abertos e bem intencionados. Outra convergência seria a classificação dos amigos como distinta dos conhecidos ou colegas. Giddens (1991), no entanto, argumenta que a amizade íntima sempre foi uma prerrogativa feminina, justamente pela capacidade das mulheres de construir a intimidade, enquanto que Alberoni (1982) não se pronuncia a respeito.

Para encontrar amigos, ou melhor, fazer amigos é preciso revelar-se. Quando analisamos o que vemos acontecer nos blogs, acreditamos que é possível e mesmo plausível que o encontro possa vir a acontecer. Este é o motivo pelo qual incluímos em nossa pesquisa o tópico amizade. As argumentações de Alberoni sobre o tema aproximam-se de um tipo ideal, como ele mesmo afirma. No entanto, segundo o autor, a

amizade sempre existiu, desde a Antiguidade até nossos dias, e provavelmente vigorará no futuro, pois ela é: *apenas um modelo ideal que pede para ser respeitado* (1989, p.153).

Na conclusão deste capítulo, apenas queremos reafirmar o quanto as leituras dos textos dos autores apresentados foram importantes para o entendimento do que está acontecendo hoje na blogosfera ou mundo dos blogs. As reflexões teóricas sobre a atual modernidade – seja qual for o nome que se queira dar a ela – atravessam de forma mais ou menos explícita a análise dos dados que obtivemos sobre as novas formas de sociabilidade que estão emergindo a partir do desenvolvimento de novas tecnologias comunicacionais, análise que será o objeto dos dois capítulos que seguem.

Capítulo 3

Investigando quem são os habitantes e os motivos para o povoamento da blogosfera

Neste capítulo apresentaremos os resultados da pesquisa que realizamos, apresentação que terá continuidade no próximo capítulo. Neste primeiro momento da análise das informações obtidas, o objetivo principal será identificar quem são os blogueiros, onde vivem e como se divertem, traçando um perfil ampliado dessa categoria de usuários de Internet. Devido a um preconceito antigo e recorrente em relação às pessoas que são aficionadas pela tecnologia, especialmente pela Internet, também procuramos investigar até que ponto seus interesses ficavam restritos ao ciberespaço e desligados do mundo presencial. Sobre este tipo de preconceito tendíamos a concordar com Lèvy (1999: p.129) quando diz: *a imagem do indivíduo “isolado em frente a sua tela” é muito mais próxima do fantasma do que da pesquisa sociológica.* Uma das intenções era compreender quais as motivações para possuírem blogs e o que estes significavam para eles; seriam somente um modismo passageiro ou já faziam parte atuante de suas vidas? Para atingirmos nossos objetivos o caminho foi longo e árduo. O ponto de partida da pesquisa aqui retratada consistiu em uma verdadeira “garimpagem”, como explicaremos a seguir.

3.1. “A garimpagem”

Para explicar melhor a denominação de “garimpo” para a fase inicial da pesquisa, recorreremos ao significado que o próprio dicionário dá ao termo: buscar metais ou jóias preciosas. Para buscar estes metais e jóias preciosas, muitas vezes o garimpeiro tem que utilizar uma peneira e passar horas peneirando areia até encontrar uma pequena pepita de ouro ou o que quer que seja. Para podermos encontrar os blogs que utilizamos em nossa pesquisa o trabalho foi similar.

Foram necessárias muitas e muitas horas a postos diante do computador, conectada à Internet, fazendo buscas por blogs de pessoas que residissem em Santa

Catarina, ou mais precisamente em Florianópolis, Balneário Camboriú e Blumenau, cidades escolhidas devido à proximidade do local de nossa residência. Isto porque, inicialmente, a proposta era entrevistar também alguns blogueiros pessoal e presencialmente, ao invés de apenas por e-mail. Esta etapa, porém, não se realizou, pois não sentimos a necessidade de informações complementares.

A proposta era ainda entrevistar preferencialmente blogueiros de determinada idade, entre 25 e 35 anos, cujos blogs revelassem aspectos de sua vida privada, ou seja, que eles os utilizassem como diários e que fossem atualizados pelo menos semanalmente. No entanto, à medida que procurávamos os blogs, utilizando para isto os sítios www.google.com.br, www.blogs.com.br, www.catarinas.blogspot.com e www.kartoo.com tivemos que mudar de estratégia. O sítio mais utilizado passou a ser o www.blogs.com.br, já que este permitia que se fizesse a pesquisa por estado e cidade (embora o www.catarinas.blogspot.com também possibilitasse a pesquisa por cidades, ficamos mais circunscrita ao www.blogs.com.br, pela quantidade de blogs hospedados nele). Este sítio nos informava que em Balneário Camboriú existiam 51 blogs cadastrados; em Florianópolis eram 415 e em Blumenau 92.

Em virtude da quantidade de blogs cadastrados, era preciso visitá-los, ler um pouco de seu conteúdo e conseguir formas de estabelecer contato, descobrir os e-mails dos autores. Muitos não deixam seus e-mails disponíveis, ou então estes estão quase que disfarçados, isto é, é preciso fazer um pequeno garimpo para encontrá-los. Alguns não disponibilizavam e-mails, mas tinham sistema de comentários após cada post; então, era por este meio que estabelecíamos contato.

Retomando a imagem da garimpagem, até conseguir definir a amostra foram muitas horas de leitura por blogs que tinham a linguagem “axim”, e que foram descartados. Explicando melhor, esses são blogs cuja leitura parece uma perfeita decifração de hieróglifos, tal a dificuldade de entender o que está escrito mediante a quantidade de letras maiúsculas e minúsculas intercaladas, e a linguagem que fica bem distante do português oficialmente praticado, como no exemplo que segue:

EIIIIIIIIII!!!!!!!! Meeeeeee nem acredito q esse blog ainda tah vivo.... entao.... OI GENTEEEEEEEEEE :] Qm eh vivo sempre aperece neh????? Boum tamus aqui... vamu ve se conseguimos mudar umas coisinhas e outras, aqui e ali, pra tudo fik

direitinhuu!!!! Bjinhuxxxxxxxxxx das "SUMIDAS" hihihihhi.

Além disto, muitos blogs cadastrados simplesmente não abriam, outros não existiam mais, ou então só possuíam um post, confirmando as estatísticas dos blogs que rapidamente nascem e mais rapidamente ainda morrem; outros ainda mais pareciam com *flogs*, mas este não era o perfil de blogueiros que procurávamos.

Assim, a quantidade de blogs cadastrados e as inúmeras dificuldades que encontramos em nossa garimpagem fizeram com que tivéssemos que ajustar nossas expectativas. Conseguimos, porém, após duras penas, selecionar em torno de 60 blogs para nossa amostra inicial, a qual pode então ser caracterizada com amostra intencional. Enviamos em seguida, para os blogueiros selecionados, e-mails contendo um questionário com perguntas abertas e fechadas. Destes e-mails remetidos, retornaram 27 com as respostas, e com certa rapidez, ou seja, em dois ou três dias no máximo. Além disso, os que responderam aos e-mails, o fizeram não só com presteza, mas mesmo com satisfação por estar respondendo à pesquisa: não encontramos dificuldade nesse ponto [1]. Assim, decidimos trabalhar com essa amostra: por um lado, ela representa 45% da amostra preliminar, o que significa um bom retorno de respostas à correspondência enviada a desconhecidos; por outro, com base nas nossas leituras, sabíamos que depois de passado esse período de tempo, dificilmente os blogueiros responderiam.

Apesar desta preocupação com a escolha dos informantes, é preciso deixar claro que nossa pesquisa não teve a intenção de ser quantitativa, nem de ser representativa, do ponto de vista estatístico, dos milhões de blogs hoje existentes, conforme dados apresentados anteriormente. Desta forma, ao usarmos a palavra “blogueiros” estamos nos referindo unicamente aos que responderam ao questionário; entendemos que nossas descobertas dizem respeito aos blogueiros que fazem o que chamamos de evasão provocada e consentida da intimidade, e é a estes que estamos nos referindo. A seguir, apresentaremos nossos protagonistas.

3.2. Um perfil inicial

Um de nossos objetivos era saber quem são estas pessoas que “cultivam” blogs. Assim, para estabelecer seu perfil inicial, lhes perguntamos que idade tinham, a que sexo pertenciam, se estavam estudando ou não e qual seu grau de escolaridade. Embora

nossa intenção inicial tenha sido a de selecionar informantes na faixa de 25 a 35 anos, verificamos que na nossa garimpagem havíamos atingido blogueiros entre 14 e 59 anos. Decidimos mantê-los todos, inclusive os mais jovens, já que atingiam nosso critério de linguagem inteligível e com conteúdo. Isto também serviria para desmistificar a idéia de que os blogs são apenas divertimento de adolescentes. Desta forma, quatro pesquisados podem ser considerados adolescentes, já que estão nas idades de 14 a 18 anos; a parte mais significativa dos blogueiros que responderam a nossa pesquisa situou-se na faixa etária de 24 a 28 anos, como se pode visualizar na tabela 1.

Tabela 1 – Idade dos blogueiros pesquisados

Idade	Nº absolutos	Percentual
14 a 18	04	14,81%
19 a 23	06	22,22%
24 a 28	10	37,03%
29 a 34	01	3,70%
35 a 39	04	14,81%
40 a 44	01	3,70%
45 a 49	00	0,00
50 a 54	00	0,00
55 a 59	01	3,70%%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Considerando a faixa de 19 a 23 anos juntamente com os blogueiros de 24 a 28 anos, temos um percentual de 59,25% . No que diz respeito ao sexo, em nossa pesquisa a quantidade de mulheres não chegou a ser tão significativa quanto esperávamos.

Tabela 2 – Sexo dos blogueiros pesquisados

Sexo	Nº absolutos	Percentual
Feminino	15	55,56%
Masculino	12	44,44%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Dos 27 blogueiros pesquisados, 16 declararam estar estudando; estes se distribuíram entre ensino médio, cursinho, graduação e pós-graduação. Além disto,

outros dois informantes declararam serem autodidatas, criando uma categoria que não tinha sido disponibilizada no questionário. Um deles inclusive declara que tal fato fez com que respondesse que não estudava, pois não havia na pergunta como classificar seu nível de escolaridade:

Estudo constantemente na Internet, aprendendo programas e outras coisas necessárias à minha profissão. Portanto não há como estabelecer um nível, já que essa classificação pertence ao sistema convencional de aprendizado. (blogueira, superior incompleto, 36 anos).

No geral, um dado importante a respeito dos blogueiros foi seu nível de escolaridade, significativamente alto, como mostra a tabela 3:

Tabela 3 – Nível de escolaridade dos blogueiros pesquisados

Nível escolar	Nº absolutos	Percentual
1º grau completo	01	3,70%
2º grau incompleto	02	7,41%
2º grau completo	02	7,41%
Superior incompleto	11	40,74%
Superior completo	05	18,52%
Pós graduação	06	22,22%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Com efeito, o percentual de blogueiros situados nas faixas que compreendem desde os que têm superior incompleto até os pós-graduados, chegou a 81,48%. São pessoas no mínimo persistentes em relação à busca do conhecimento. Talvez esteja aí uma explicação coerente para esta vontade de manter seus blogs, já que eles demandam tempo e empenho, visto que os blogueiros têm que refletir sobre o que escrever, principalmente se desejarem leitores; para isso, o texto precisa ser interessante de ser lido. De fato, se alguém se dispõe a ler um blog, espera no mínimo que o texto prenda a atenção, seja concordando ou discordando do que está ali exposto, e para elaborá-lo é preciso pensar sobre ele, encontrar assuntos interessantes, ou então tornar a exposição da própria vida instigante.

3.3. Os blogueiros: onde moram e como se divertem

Nossos blogueiros residem em diversas cidades, sendo que a maioria no sul do Brasil e dois no exterior. O projeto inicial de pesquisa pretendia restringir os blogueiros pesquisados às cidades de Balneário Camboriú, Florianópolis e Blumenau. No entanto, por problemas semelhantes com relação à faixa etária, tivemos que estender nosso universo. O interesse em saber onde os blogueiros residiam advinha de uma hipótese inicialmente aventada, segundo a qual eles podiam ser pessoas reclusas, interessadas em divertimentos relacionados à Internet e aos blogs, talvez devido à carência de opções de lazer ou culturais em suas cidades. Isto faria com que eles ficassem mais tempo conectados, tendo de relacionar-se virtualmente, já que não haveria muitas oportunidades para fazer isto presencialmente.

Para esclarecer isto perguntamos também quais qualidades e defeitos podiam nos contar sobre suas cidades, se elas possibilitavam locais de encontro, de conversa e se as coisas negativas que vislumbrassem nelas os fariam não ter vontade de sair, e sim ficar em casa, em frente ao computador, blogando. Os resultados encontrados estão na tabela 4.

Tabela 4 – Locais de moradia

Local de residência	Nº blogueiros	Qualidades	Defeitos
Grande Florianópolis	12	Beleza natural 08	Infra-estrutura deficiente/ Crescimento desordenado 10
		Tranquilidade/ cidade pequena 05	Custo de vida alto/ Falta de opções culturais e/ou lazer 05
		Outros	Violência

		05	03
Sub total	12	18	18
S. C. menos Grande Florianópolis	08	Tranqüilidade/ cidade pequena 10	Infra-estrutura deficiente/ Crescimento desordenado 05
		Outros 03	Falta de opções culturais e/ou lazer 05
Sub total	08	13	10
O u t r o s estados	05	Beleza natural/opções de lazer e/ou culturais 02	Trânsito 02
		Tranqüilidade/segurança 02	Violência 02
Sub total	05	04	04
Exterior	02	Tranqüilidade 01	Transporte público 01
Sub total	02	01	01
Totais	27	36	33

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Nossos informantes, em sua maioria (20), residem em Santa Catarina, sendo 12 na Grande Florianópolis, e oito divididos entre Balneário Camboriú (04), Blumenau (03) e Criciúma (01). Os residentes em outros estados são advindos da cidade do Rio de Janeiro (02), São Paulo (01), Brasília (01) e Vitória (01). Já os blogueiros que se encontram no exterior residem em Amsterdã (01) na Holanda, e Hockessin (01) nos Estados Unidos da América.

Mesmo que o número total entre os defeitos e as qualidades encontradas em seus locais de residência não seja relevante (36 qualidades e 33 defeitos), nos interessava saber se eles realmente desfrutavam de suas cidades, se saíam para encontrar seus amigos. Com efeito, se as qualidades que eles apontaram em suas cidades se

relacionavam à beleza natural e à tranqüilidade, nada mais normal do que sair e encontrar os amigos, fazer programas. Contrariamente, as queixas sobre violência, falta de infra-estrutura ou de opções de lazer e/ou culturais justificariam opções mais domésticas.

Para sabermos o que faziam “no mundo real” inquirimos deles quais suas formas de diversão e disponibilizamos para isto algumas opções, permitindo que assinalassem mais do que um tipo de entretenimento, dando ainda a opção “outros” para eles poderem acrescentar o que gostavam de fazer e que não estava apontado por nós. Segue na tabela 5.

Tabela 5 – Locais de diversão

Locais de entretenimento	Nºs absolutos	Percentual
Cinema	26	24,76%
Esporte	10	9,52%
Sair para a balada	19	18,10%
Shopping centers	14	13,33%
Praia	12	11,43%
Outros	24	22,86%
Total	105	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Chamou a atenção o fato deles gostarem muito de ir ao cinema (24,76%); já no item “outros”, eles apontam diversões variadas, como viajar (03), ouvir música (05), ensaiar com a banda (02), escrever, namorar, fazer jardinagem, frequentar livrarias, cafés e pubs, fazer meditação (02); ler (06) e navegar na Internet (06). Curiosamente, o número dos que assinalam ler como diversão é o mesmo dos que associam também a Internet a entretenimento. Muitas atividades estão relacionadas à tranqüilidade, como ouvir música, ler e navegar na Internet. Parecem ser pessoas que preferem diversões tranqüilas, embora isto não os impeça de saírem, fazendo programas como ir para baladas, shoppings, praias, nem de praticar esportes.

3.4. A identificação dos blogueiros: sim, nós mostramos nossa cara!

Um aspecto importante para definir o perfil dos blogueiros era investigar se eles revelavam ou não suas identidades nos seus blog. Tínhamos interesse em saber se usavam nicks (os apelidos) e qual a relação destes com suas escolhas pessoais. Ao analisarmos suas respostas, verificamos que 13 deles usam nicks e 14 identificam-se por seus nomes. Isto dá percentuais de 48,15% e 51,85%, não se revelando portanto grande diferença a favor dos que se identificam por seus nomes. Aqueles que usam nicks, o fazem pelos motivos mais diversos. Suas justificativas vão desde apelidos de faculdade - *Leigo na Coisa* (blogueiro, superior incompleto, 20 anos) - passando por preferências alimentícias - *Caféina Girl* (blogueira, mestrado concluído, 26 anos) - ou ainda tem relação com o nome do blog - *Perdida* (blogueira, superior completo e cursando mestrado, 25 anos) do blog www.perdidaemfloripa.blogspot.com.br. Apenas um deles revelou não querer identificar-se de forma nenhuma perante a família ou os amigos, e seu nick é *O Proibido* (blogueiro, pós graduado, 35 anos). A justificativa para o completo anonimato são os assuntos que trata:

Como trato de assuntos muito íntimos, achei por bem não me identificar por meu nome ou por um apelido conhecido. A escolha do nick foi oriunda do próprio nome do blog. Eu precisava ser um personagem das minhas histórias. Como são histórias proibidas, que envolvem traição, O Proibido caiu como uma luva. (blogueiro, pós-graduado em tecnologia da informação, 35 anos).

Os nicks também podem ser relacionados a preferências cinematográficas, tais como: *Viola* (blogueira, pós-graduada, 28 anos), cuja escolha aconteceu ao assistir um filme de época, em que um personagem adotava este nome, do qual ela gostou; e *Mr.Spock*, cuja inspiração foi o personagem Dr.Spock, da série Jornada nas Estrelas (blogueiro, segundo grau incompleto, 15 anos). Dois blogueiros relacionam seus nicks com aspectos de sua personalidade: *Minina da Lua* (blogueira, superior incompleto, 23 anos) que mesmo adotando um nick informa seu nome no blog na parte em que disponibiliza seu portfólio e *O Curinga*. Para este o curinga seria:

o questionador, o que vê a sociedade, o meio em que vive e o questiona, participa e interfere intensamente nele. (blogueiro, segundo grau completo, 24 anos).

Para complementar nosso interesse em saber o quanto eles se expõem através de seus nicks, verificamos que quatro pesquisados têm relação com seus nomes reais, pois usam diminutivos dos mesmos ou sobrenomes: *DVeras* (blogueiro, superior completo,

38 anos), Varda (blogueiro, superior incompleto, 28 anos), Cristina Moter (blogueira, segundo grau completo, 18 anos), ou misto de nome e apelido, como Kadw Hock Selhorst (blogueiro, superior incompleto, 21 anos). DVeras justifica seu nick :

É mais curto, tem boa sonoridade e se refere a verdade – embora eu não tenha necessariamente compromisso com ela. (blogueiro, superior completo, 38 anos).

No entanto, dos que se identificam por nicks, seis deles revelam seus nomes de maneiras diversas. Isto elevaria o percentual de identificação a 74,07% contra apenas 25,93% dos que não se identificam. Na verdade, em geral eles não parecem muito preocupados com o anonimato; pelo contrário, expõem-se mesmo usando nicks. Eles não são blogueiros “famosos” na Internet e isto pode ser uma boa razão para que não se preocupem com o assédio; assim, talvez por não terem um número tão grande de leitores – já que não são conhecidos – não se sentem intimidados e continuam a “mostrar a sua cara”.

Quanto aos que usam seus nomes verdadeiros, nosso questionamento não exigia que justificassem porque agiam desta forma. Mesmo assim, alguns deles teceram comentários interessantes a respeito. Um deles menciona que o blog serve como instrumento de comunicação, e a adoção do nome verdadeiro se dá para que seus amigos e familiares, ou mesmo conhecidos que há muito tempo tenham perdido contato, possam lê-lo. E comenta sobre a questão de adoção ou não de nick:

creio que o nick seja para quem procura um certo anonimato. Este não é o meu caso. Mas o fato de assinar o meu nome verdadeiro me torna menos anônimo? (blogueiro, pós-graduado, 29 anos).

Este tipo de comentário justifica a afirmação que fizemos acima: já que não são os “famosos” da Internet, podem se comportar como verdadeiros anônimos, mesmo quando revelam seus nomes.

Outra blogueira pesquisada também vê o blog como instrumento de comunicação e se reporta à questão do anonimato, relacionando-a com a confiança que é preciso estabelecer nos relacionamentos:

Eu uso meu nome próprio. Para estabelecermos relações de confiança é preciso que nos identifiquemos. Eu vejo os blogs como uma oportunidade de nos relacionarmos verdadeiramente com as pessoas, de criar conexões reais, por isso sou contra o anonimato (blogueira, superior incompleto, 36 anos).

Esta é uma blogueira conhecida, no sentido de já ter tido e ainda ter muitas visitas, já que até 11 de novembro de 2004 seu blog tinha recebido 147.741 acessos. Mesmo assim, sua postura parece com a dos blogueiros que pesquisamos e que não são tão conhecidos, ou tenham tido tantas visitas.

3.5. Blog, leve coadjuvante para a solidão

Desejávamos saber se os blogs ajudavam os blogueiros a não se sentirem sozinhos, se eles poderiam ser considerados um auxiliar para que não sentissem solidão, isto é, se através deles encontravam acolhida para enfrentar este mundo de incertezas e cobranças; trata-se, afinal de uma sociedade onde se desfruta de liberdade para escolher, mas onde não se encontram referenciais tão sólidos quanto os que havia em uma sociedade tradicional, quando as mudanças não eram tão velozes quanto são hoje (Giddens, 1991). Ainda que nossos blogueiros sejam pessoas que saem, se divertem e mesmo desfrutam de suas cidades, nos interessava saber, enfim, se eles utilizavam o blog como forma de superar a solidão.

Dos 27 blogueiros que responderam á pesquisa, quatro moram com amigos, 16 com a família e sete moram sozinhos. Destes que moram sós, apenas uma revelou sentir certa solidão, embora não de forma enfática. Na resposta que deu a questão já se renunciou uma das funções principais do blog, isto é, servir como ferramenta de comunicação:

De certa maneira sim, porque é uma forma de dividir meu dia-a-dia e minhas histórias com outras pessoas. Inclusive com meus amigos e pessoas queridas que estão em outra cidade (blogueira, superior completo, 25 anos).

Um resultado que nos surpreendeu foram três blogueiros que moram com suas famílias, mas que declararam sentirem-se solitários às vezes, utilizando o blog como forma de extravasar sentimentos, sem ter que ouvir recriminações. Um dos empregos do blog é, portanto, servir como desabafo:

muitas vezes me sinto solitária; a Internet, o blog, me ajuda a extravasar. Na frente do computador eu xingo, choro, desabafo e não tenho olhares me recriminando por isso.(blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Houve ainda quem mencionasse a companhia que o blog faz por causa da

interação que provoca, e que ajuda a superar a solidão:

Mesmo não morando sozinha eu acredito que o blog muitas vezes me ajudou a não me sentir solitária. O blog cumpre este papel porque permite um alto grau de interação com um número grande de pessoas, já que é um facilitador do diálogo entre o autor do blog e seus leitores, e também com outros autores e seus leitores. (blogueira, superior incompleto, 36 anos).

Esta blogueira acredita no poder de interação que o blog proporciona, mas existem opiniões divergentes sobre isto, manifestada por outro de nossos pesquisados:

O blog é apenas um hobby (talvez passageiro, talvez não) e não permite tanto contato interpessoal pela Internet. É mais 'distante' que uma sala de chat (blogueiro, superior incompleto, 24 anos).

3.6. A descoberta dos blogs e o que eles significam

Uma curiosidade recorrente que tínhamos sobre os blogs dizia respeito a como os blogueiros os descobriram, já que estatísticas relatavam que poucos internautas se utilizavam deles, ou mesmo tinham conhecimento sobre os mesmos, conforme veiculado por matéria no Estado de São Paulo publicada em 15 de outubro de 2003. Dentro da pequena parcela de usuários da Internet que conhecem os blogs, 18 de nossos blogueiros os descobriram navegando na mesma, enquanto nove deles foram apresentados à ferramenta por amigos.

Existem várias definições sobre o que é um blog, apresentadas tanto na Internet ou em artigos impressos, mas nos interessava saber o que o blog significava para os blogueiros, como eles definiam a ferramenta e como definiam seus próprios blogs. Algumas tendências foram apontadas em suas respostas. A partir das tendências apresentadas, elaboramos as categorias que apresentamos a seguir.

Definição clássica – páginas atualizadas freqüentemente e compostas de pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica.

Diário – relato do dia-a-dia, resgate de memória, desabafo de problemas e revelação de sentimentos.

Ferramenta de interação – meio de debate entre blogueiro e leitor ou mesmo entre leitores.

Modo de expressão e publicação – forma através da qual os blogueiros expressam suas

idéias, o que pensam a respeito dos acontecimentos, a maneira de veicular notícias que achem interessantes, é a “voz” deles na Internet.

Instrumento de comunicação - meio de conhecer outras pessoas, fazer amizades, mandar notícias a parentes e amigos.

Exposição de trabalhos - modo de expor trabalhos.

As respostas a respeito de como eles definiam o que era um blog eram livres, ou seja, não tínhamos especificado as categorias que relacionamos acima. Não queríamos impor nossa própria definição e desta forma elas surgiram quando da análise das respostas; por este motivo, os blogueiros pesquisados puderam apontar uma ou mais das categorias listadas acima quando nos responderam. Seguem na tabela 6 as frequências das escolhas.

Tabela 6 – Definição sobre blog

Definição	Nºs absolutos	Percentual
Clássica	06	12,50%
Diário	09	18,75%
Ferramenta de interação	06	12,50%
Modo de expressão e publicação	12	25,00%
Instrumento de comunicação	07	14,59%
Exposição de trabalhos	04	8,33%
Sem definição	04	8,33%
Total	48	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Percebe-se que o que mais circula em suas mentes é a ferramenta sendo definida como modo de expressão e publicação (25,00%) e como diário (18,75%), juntamente com instrumento de comunicação (14,59%).

Da mesma forma, quando inquiridos sobre como definiam seus blogs, as respostas se repetiram e na mesma intensidade e ordem: modo de expressão e publicação (28,85%), diário (26,92%) e instrumento de comunicação (19,23%). Observe-se que a definição clássica foi abandonada.

Tabela 7 – Definições sobre seus blogs

Definição	Nºs absolutos	Percentual
Clássica	0	0,0%

Diário	14	26,92%
Ferramenta de interação	05	9,62%
Modo de expressão e publicação	15	28,85%
Instrumento de comunicação	10	19,23%
Exposição de trabalhos	06	11,54%
Sem definição	02	3,84%
Total	52	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Em seus blogs, os blogueiros sentem-se livres para expressar suas idéias e publicá-las: é a liberação do pólo da emissão, pois através da ferramenta são abertas novas possibilidades, ao contrário do que ocorria com os meios de comunicação tradicionais, sempre controlados por outrem. Segundo Lemos(2002):

Esta liberação do emissor (relativa, como toda liberdade, mas ampliada em relação aos *mass media*) cria o atual excesso de informação, mas também possibilita expressões livres, múltiplas. O excesso, paradoxalmente, permite a pluralização de vozes e, efetivamente, o contato social.

Esta liberdade permite que os blogueiros brinquem, ou mesmo levem-se muito a sério:

colocar dados interessantes e pouco convencionais e até mesmo satirizar fatos de comum conhecimento. (blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Blogs (...) são espaços para falar da própria vida de forma reflexiva (...)Como 'personagens' de um mundo em convulsão, as pessoas que escrevem em blogs refletem as vivências e a realidade ao seu redor; ou apenas liberam suas criações literárias. (blogueiro, segundo grau completo, 24 anos).

Neste caso, mesclam-se as diversas possibilidades que o blog oferece: diário, modo de expressão e publicação, exposição de trabalhos e instrumento de comunicação. Na prática, eles não separam os diversos usos que o blog pode ter; usam-nos da melhor forma que encontram, misturando tudo:

Meu blog é um blog de variedades, de notícias gerais e também um blog pessoal, tudo ao mesmo tempo. (blogueira, superior incompleto, 36 anos).

Entre os que optaram por definir seus blogs como diários, suas respostas variam entre relato do dia-a-dia, resgate de memória, desabafo de problemas e revelação de sentimentos.

O relato do cotidiano serve também para preservar a memória, seja a de um filho ou do próprio blogueiro ou blogueira:

Registro a evolução do meu filho X, de um ano e nove meses, com a intenção de que um dia ele leia tudo isso. (blogueiro, superior completo, 38 anos).

Meu Blog é uma parte das minhas vivências, acho útil para consultas futuras (blogueira, superior incompleto, 23 anos).

O blog tem “ouvidos muito pacientes”, servindo para que os blogueiros desabafem as agruras e amarguras do dia a dia; neste momento, quando senta para escrever seus desabafos, os blogueiros não parecem estar preocupados com fazer amigos:

é uma espécie de diário que gosto de escrever coisas mais pessoais... uma forma de desabafo (blogueira, pós-graduada, 28 anos).

Mas o meu blog é mesmo uma forma de desabafar, de fugir dessa realidade que é tão cruel às vezes.(blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Escrevo mais nos dias em que não estou bem. Em que sinto necessidade de falar, chorar, desabafar. Não escrevo com a intenção de que outras pessoas leiam e comentem, claro que isso é sempre bom, mas escrevo pra mim mesma, como forma de colocar pra fora o que está me fazendo mal, o que não está cabendo mais aqui dentro.(blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Mesmo que eles percebam o blog como ferramenta de interação, o fato de desabafar sem se importar com o que os outros possam comentar, não deixa de ser contraditório e ambivalente. Acreditamos, assim, que os blogueiros são frutos de seu tempo e oscilam entre a individualização e o que Bauman (2001) chama de sentimento de querer pertencer a algo, fazer parte de uma rede. Esta ambivalência percorre a modernidade; ao mesmo tempo quer-se a liberdade – derivada da individualização – e a segurança de pertencer a uma comunidade, como se estes desejos não se excluíssem, como fosse possível ter liberdade e segurança ao mesmo tempo, não precisando nunca ter que abdicar de um deles para poder desfrutar do outro. Segundo Bauman (2003, p.10):

Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito. De qualquer modo, nenhuma receita foi inventada até hoje para esse ajuste.

Apesar desta dicotomia existente entre liberdade e segurança, entre a comunidade – os outros para confortá-los – e a individualização – o escrever para si mesma -, em seus blogs os blogueiros externam sentimentos pessoais, ainda que não exponham tão completamente os sentimentos, pois existem tentativas de ocultamento:

Geralmente tudo o que escrevo é sobre o que penso e sinto(...)Há dias em que falo de mim diretamente, em outros não (blogueira, pós-graduada, 26 anos).

Eu não expesso tudo o que sinto no meu blog porque tenho medo da reação da família (blogueira, superior completo, 25 anos).

Não escrevo ali metade do que eu penso em escrever, tento não me identificar demais ali também, embora eu saiba que em certa medida é impossível, afinal sou eu quem está escrevendo. (blogueira, pós-graduada, 26 anos).

O blog é muito utilizado como instrumento de comunicação, principalmente para aqueles que mudaram de local de moradia e se encontram distantes dos parentes e amigos, muitas vezes até em outros países; o blog facilita muito a vida deles. Desta forma, podem contar o que está lhes acontecendo, sem precisar escrever para cada um separadamente:

Minha família e amigos (os quais estão longe) ficavam mais inteirados com o que estava acontecendo comigo. (blogueira, pós-graduada, 26 anos).

O meu blog é a minha forma de comunicação com amigos e família no Brasil. (blogueira, superior completo, 25 anos).

Curiosamente, mesmo entre os blogueiros existem preconceitos contra os blogs; assim, há os que acham que eles são:

amontoados de bobagens escritos por adolescentes que mal sabem escrever. (blogueiro, superior incompleto, 36 anos).

Há quem considere que o blog serve como aprendizado, ou ainda para exposição de trabalhos:

(uso para) disponibilizar crônicas de minha autoria (blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Outra possibilidade para o blog também é a de ser uma ferramenta de interação, uma forma de conhecer outras pessoas e manter contato:

Meu blog foi um meio que encontrei, paralelo ao msn, para continuar mantendo contato com algumas pessoas que conheci em outros blogs. (blogueira, superior

completo, 22 anos).

Pelas observações e leituras feitas em diversos blogs, durante o percurso da pesquisa e mesmo antes, é possível afirmar que a interação pode acontecer até mesmo entre os leitores do blogueiro, que eventualmente trocam comentários no blog em que estão dando suas opiniões. Sobre a interação entre o blogueiro e seu leitor trataremos mais adiante, quando abordamos a sociabilidade nos blogs. Antes disso, nos interessava saber quais foram os motivos que levaram nossos blogueiros a terem blogs e os assuntos relatados neles.

3.7. Os motivos para ter blogs e quais os assuntos relatados

Para entender o que levava algumas pessoas a terem blogs, elaboramos uma lista com oito motivos que os informantes podiam escolher, pontuando de 1 a 5 o que lhes parecessem mais ou menos importante. Classificamos 1 e 2 como “menos importante”, 3 foi definido por “importante” e 4 e 5 equivaleram a “muito importante”. Eles podiam inclusive eleger quais as respostas que queriam marcar, não sendo necessário que pontuassem todas. Suas respostas estão sintetizadas na tabela 8.

Tabela 8 – Motivos para ter blog

Motivos para ter blogs	Pouco importante		Importante		Muito importante		Nºs absolutos e % sobre o total das respostas
	Nºs absolutos	Percentual	Nºs absolutos	Percentual	Nºs absolutos	Percentual	
Vários amigos(as) já tinham	13	92,86%	01	7,14%	00	0,0%	14 (11,29 %)
Para me comunicar com meus amigos(as)	09	52,94%	03	17,65%	05	29,41%	17 (13,71 %)
Para fazer outros amigos(as)	07	43,75%	07	43,75%	02	12,50%	16 (12,90 %)
Para escrever sobre assuntos que me interessavam	02	9,10%	02	9,10%	18	81,81%	22 (17,74 %)
Para relatar fatos cotidianos como forma de desabafo	06	33,33%	04	22,22%	08	44,44%	18 (14,52 %)

Para saber a opinião dos outros sobre o que eu escrevo	09	52,94%	02	11,76%	06	35,30%	17 (13,71 %)
Como um meio de dar opinião sobre o que eu leio na Internet	05	45,45%	01	9,10%	05	45,45%	11 (8,87 %)
Queria tornar-me conhecido através do blog	08	88,88%	01	11,11%	00	0,0%	09 (7,26 %)
Total							124

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Observação: neste questionamento cinco informantes não entenderam que deveriam pontuar e assinalaram as respostas com X, motivo pelo qual foram descartadas.

Os blogueiros, vivendo nestes tempos de modernidade radicalizada, estão sendo constantemente bombardeados por informações e têm que fazer escolhas e refletir sobre elas “quase” o tempo todo. Quando os indivíduos em questão resolvem, por exemplo, escrever um blog em que podem comunicar suas idéias e interagir com seus leitores, isto pressupõe um exercício de reflexividade. Esta reflexividade lhes faz perceber como suas ações são recebidas, e através da observação das reações podem planejar “correções de rumo”, tentando minimizar os erros. O blog proporciona que o indivíduo, ao decidir qual estilo de vida adotar, se torne um emissor de informações, e na medida em que não está “ilhado”, deixe de ser apenas um “telespectador” de sua própria vida.

De fato, o blogueiro ao utilizar a CMC, se torna um autor-relator de sua própria história, *assina aí sua existência de autor* (Certeau :1994, p.94), pois está falando de si mesmo e de seus interesses, ao contrário do que acontece com o telespectador em relação à televisão. É uma maneira de não ser o que Certeau (1994, p.94.) define como um simples telespectador, que *não escreve coisa alguma na tela da TV. Ele é afastado do produto, excluído de sua manifestação. Perde seus direitos de autor, para se tornar, ao que parece, um puro receptor, o espelho de um ator multiforme e narcísico.*

Com efeito, os blogs são certamente o meio de todos terem voz e vez na Internet, pois permite a liberação do pólo de emissão. Segundo Lemos (2002), quem sabe eles sejam mesmo

uma forma ainda pouco estudada de democracia, que fez com que cada um tivesse o direito a se expressar, criando janelas eletrônicas a seu bel-prazer, nas quais toda a história de uma vida (ou como ela deveria ser descrita, segundo

quem está no comando) estaria à disposição.

Isto se confirma pelo número de respostas que o tópico “para escrever sobre assuntos que me interessavam” teve, já que foi assinalado 22 vezes (sendo a escolha de percentual mais elevado, no total: 17,74%) e que 18 blogueiros (81,81%) dos que marcaram esta opção o elegeram como muito importante.

Os blogueiros não são pessoas de se deixarem levar ou influenciar por seus amigos, como motivo para possuírem blogs, conforme demonstrado pela resposta dada ao questionamento: dos 14 entrevistados (11,29% do total geral) que assinalaram esta opção, 13 blogueiros (92,86%) situaram suas respostas nas opções nunca e raramente, o que tornou essa alternativa pouco importante. Outra surpresa se deu no quesito “para me comunicar com meus amigos (as)”, cujas respostas, apesar de somarem 17 (13,70% do total geral), foram classificadas sobretudo como alternativa pouco importante (52,94%), ou seja, nove indicações de 17.

Quando o motivo apresentado foi “para fazer outros amigos (as)”, as escolhas se dividiram entre pouco importante e importante; curiosamente, as duas tiveram o mesmo percentual (43,75%) dentre os 16 entrevistados (12,90% do total geral) que marcaram o mesmo motivo. Nossa admiração se deve ao fato de que, quando inquirimos sobre a definição de seus blogs, a utilização destes como instrumento de comunicação recebeu respostas significativas (19,23%, vide tabela 7), mesmo tendo ficado em terceiro lugar. Assim, não deixa de ser ambivalente este tipo de resposta.

O diário na sua significação de “desabafo” (44,44%) foi considerado muito importante por oito dos 18 informantes (14,52% do total geral) que assinalaram este motivo, o que coaduna com as respostas obtidas na tabela 7, em que 14 blogueiros (26,92%) evidenciaram esta tendência, ainda que tenhamos definido outros três significados para ele. Mesmo que nossos blogueiros tenham o blog como modo de expressão e publicação, não parecem importar-se com a opinião dos outros sobre o que eles escrevem, já que de 17 (13,71% do total geral) que indicaram como motivo para ter um blog “saber a opinião dos outros sobre o que eu escrevo”, nove optaram por definir o mesmo motivo como pouco importante (52,94%). Isto demonstra que, mesmo o blog sendo tomado como ferramenta de interação e instrumento de comunicação, ele é primordialmente espaço do blogueiro, a fim de que este manifeste aí suas opiniões,

sentimentos, desabafos, o que inclusive foi verbalizado por uma blogueira conforme citação já transcrita anteriormente. Tal resultado vale para a maioria, ainda que alguns se preocupam sim com o que os outros pensam, considerando o registro na categoria de “muito importante” (35,30%), para o mesmo motivo.

Surpresas têm sido a tônica ao analisar as respostas de nossos pesquisados, e no quesito intitulado “Como um meio de dar opinião sobre o que eu leio na Internet”, as respostas dividiram-se igualmente entre pouco importante e muito importante, com percentual idêntico (45,45%). Com efeito, houve um “empate” entre as importâncias determinadas por eles, singularmente decompostas entre “pouco e muito”.

A procura da fama parece não lhes interessar realmente, pois o percentual das respostas que consideram este motivo como pouco importante, foi bastante elevado (88,88%) correspondendo a oito dos nove (7,26% do total geral) que o assinalaram. Eles usam seus blogs como ferramenta de interação, como instrumento de comunicação; sabem que estão expondo muito de si mesmos, ou pelo menos, a respeito do que gostam e suas preferências artísticas, mas não parecem estar buscando fama ou notoriedade por meio desta exposição.

Outro de nossos objetivos era investigar que assuntos os blogueiros expunham em seus blogs. Quando se pensa sobre este fenômeno e se reflete sobre as *políticas possíveis*, segundo as argumentações de Giddens (1993), é possível estabelecer conexões. Vive-se em um mundo globalizado, em que as influências entrecruzam-se a todo o momento. A *política de vida* pode dizer respeito à auto-realização, enquanto a *política emancipatória* fala de lutas a favor da igualdade e da justiça. Os blogs podem tratar de todos os assuntos e efetivamente o fazem: de sexo a receitas culinárias; pode-se, além de bobagens, encontrar reflexões interessantes sobre o eu e as emoções do outro e também ler sobre o que aconteceu na guerra do Iraque ou em nosso país, com boas opiniões inclusive.

Para saber quais os assuntos que os blogueiros relatavam em seus blog, apresentamos a eles cinco opções para selecionar, além do quesito “outros”, para acrescentar o que lhes aprouvesse. Novamente eles poderiam pontuar, e desta vez 1 e 2 queriam dizer “nunca e raramente”, 3 significava “algumas vezes” e 4 e 5 “quase sempre e sempre”. A escolha das respostas estava livre, podendo-se marcar aquelas que

lhes parecessem primordiais. Na pergunta “assuntos relatados nos blogs” tivemos um problema, e um blogueiro apenas assinalou com x, motivo pelo qual invalidamos sua resposta. Seguem as respostas válidas, na tabela 9:

Tabela 9 - Assuntos relatados no blog

Assuntos relatados nos blogs	Nunca e raramente		Algumas vezes		Quase sempre e sempre		Nºs absolutos e % sobre o total das respostas
	Nºs absolutos	Percentual	Nºs absolutos	Percentual	Nºs absolutos	Percentual	
Relatos comuns do cotidiano	04	15,38%	05	19,23%	17	65,39%	26 (20,31%)
Comentários sobre fatos e notícias veiculados nos meios de comunicação	04	15,38%	06	23,08%	16	61,54%	26 (20,31%)
Suas opiniões sobre algum assunto	02	12,50%	09	56,25%	05	31,25	16 (12,50%)
Desabafo sobre seus problemas	11	42,30%	07	26,92%	08	30,78%	26 (20,31%)
Sentimentos a respeito de si mesmo(a) que você poderia relatar em um diário	12	46,16%	04	15,38%	10	38,46%	26 (20,31%)
Poesias, músicas, ficção, criações artísticas e/ou literárias, sátiras*			01	12,50%	07	87,50%	08 (6,25%)
Total							128

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Definimos anteriormente o diário como “relato do dia a dia, resgate de memória, desabafo de problemas e revelação de sentimentos”. Verificamos que os blogs são muito usados para este fim, mesmo que sendo para relatos comuns do cotidiano, já que 17 (65,39%) blogueiros – dos 26 que marcaram esta opção (20,31% do total geral) – afirmaram ser sobre isto que quase sempre ou sempre escreviam. Observa-se que, quando inquiridos sobre os motivos para terem blogs, eles parecem sentir-se mais livres para optar – vide as respostas sobre desabafo (44,44%) na tabela 8 mais acima - do que

quando indagamos aqui sobre quais assuntos relatam em seus blogs; neste caso eles teriam que ser mais diretos e realmente definir o tipo de assuntos que permeia seus escritos, o que pode tê-los intimidado (ou seja, achamos elevado o número dos que afirmaram fazer esses relatos nunca e raramente ou algumas vezes).

No questionamento a respeito dos assuntos que o blogueiro relata em seu blog, lançamos o quesito “Comentários sobre fatos e notícias veiculados nos meios de comunicação”. Um total de 16 blogueiros dos 26 (20,31% do total geral) que optaram por este quesito responderam que consideravam ser este um assunto sobre o qual eles escreviam “quase sempre e sempre” (61,54%), e isto também nos surpreendeu, já que na tabela 8 – motivos para ter blog - as respostas no quesito “Como um meio de dar opinião sobre o que eu leio na Internet” ficaram mais divididas. Talvez os blogueiros tenham entendido que os “meios de comunicação” englobam muito mais que a Internet, e sejam mais atrativos do que comentar a respeito do que lêem na mesma. Os meios de comunicação estão muito interligados e o que se lê na Internet à tarde, possivelmente pode estar no jornal da televisão à noite. De qualquer forma, reforça-se ser este um assunto recorrente entre os blogueiros, já que a tabela 9 complementa lacunas que possam ter ficado na tabela 8, em relação aos quesitos: “comentar fatos e notícias veiculados nos meios de comunicação” e “como um meio de dar opinião sobre o que eu leio na Internet”.

Quando questionados se seus blogs poderiam ser o meio para que eles externassem “suas opiniões sobre algum assunto”, nove deles optaram por “algumas vezes” (56,25%), e não percebemos oposição entre este quesito e o intitulado “para escrever sobre assuntos que interessavam ao blogueiro” e que foi classificado como muito importante - vide tabela 08 em que este tópico foi o maior percentual (81,81%) - isto porque não especificamos qual assunto, deixando-os livres para responderem, uma vez que os questionamentos não se assemelham.

Quanto às respostas sobre o desabafo, estas contrastam com as obtidas quando inquiridos sobre os motivos para ter blogs – vide tabela 8, em relação a “para relatar fatos cotidianos como forma de desabafo (44,44%) – já que no questionamento “assuntos relatados no blog”, o tópico “desabafos sobre seus problemas” atingiu a mais alta pontuação (42,30%), com 11 blogueiros, dos 26 (20,31% do total geral) que

assinaram este quesito, optando por esta alternativa, justamente nas opções “nunca e raramente”. O mesmo se deu no quesito “sentimentos a respeito de si mesmo(a) que você poderia relatar em um diário”, opção de 12 (46,16%) dos 26 que a marcaram (20,31% do total geral). Com este tópico pretendíamos saber se eles revelavam aquilo que antigamente os indivíduos faziam em seus diários, isto é, com toda a aura de segredo que este possuía, sem quase nenhuma possibilidade de que seu conteúdo fosse revelado. No entanto, nesta alternativa proposta a eles, temos que considerar também outra resposta, abrangendo também a opção “quase sempre e sempre”, marcada por dez (38,46%) deles. Isto porque consideramos a categoria diário como relato do dia-a-dia, resgate de memória, desabafo de problemas e revelação de sentimentos, como já mencionado anteriormente, motivo pelo qual não se pode descartar dez respostas, ainda mais se considerarmos que quatro (15,38%) deles fazem isto algumas vezes.

O último quesito da tabela 9 foi criado pelos blogueiros e desta forma não foram todos os que o pontuaram, motivo pelo qual não a analisaremos profundamente, apenas a apresentamos a título de ilustração, como uma forma de reforçar que alguns usam seus blogs para expor seus trabalhos, salientando que as “poesias, músicas, ficção, criações artísticas e/ou literárias, sátiras”, não necessariamente precisam ser do autor do blog, mas produções que o agradem, postadas para que outros compartilhem. Isto também não significa dizer que sejam apenas transcrições, pois alguns postam escritos de sua autoria.

Para além das estatísticas, às vezes de leitura ambígua, o que podemos concluir das respostas às questões sintetizadas nas duas últimas tabelas é que os blogueiros usam seus blogs principalmente como meio de expressão e publicação. Eles são realmente o espaço que o blogueiro encontrou para falar sobre o que lhe interessa, independente de estar abordando um assunto específico, ou então relatar sobre o que acontece nos meios de comunicação. Torna-se evidente que ele usa sua casa digital para nela relatar seu cotidiano, até mesmo em forma de desabafo. Destacamos isto não somente para demonstrar o que das duas tabelas consideramos mais importante, mas para dizer que tanto em motivos para possuir blogs, quanto em assuntos relatados neles, reafirma-se o que os blogueiros definiram através de suas respostas e que categorizamos anteriormente no item **As descobertas dos blogs e o que eles significam.**

3.8 . Dedicção aos blogs

Um outro ponto que queríamos esclarecer sobre a dedicação dos blogueiros a seus blogs dizia respeito a quanto tempo eles utilizam para escrevê-los, pensar nos assuntos a serem postados e ler outros blogs.

Lançamos assim um questionamento, inquirindo inicialmente sobre há quanto tempo seus blogs existiam, informação que consta da tabela 10.

Tabela 10 – Tempo de existência dos blogs

Tempo	Nº absolutos	Percentual
- de 6 meses	03	11,11%
Entre 6 meses e 1 ano	09	33,33%
Entre 1 e 2 anos	05	18,52%
Entre 2 e 4 anos	10	37,04
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Os blogueiros pesquisados são assíduos; dez deles (37,04%) já possuem blogs por um período compreendido entre dois e quatro anos, conforme tabela 10, ou seja, não são blogueiros “desistentes”. Isto contraria o que outras pesquisas têm revelado sobre a questão, isto é, que os blogs nascem e morrem muito rápido; já que manter um blog não é tarefa fácil, eles são muitas vezes efêmeros. A hipótese aventada aqui é que os blogueiros com disposição para responder questionários – inclusive o nosso - realmente são aqueles que têm uma dedicação maior ao seu blog, tanto que o cultivam há bastante tempo.

É preciso empregar muitos momentos do dia ou da semana para escrever os posts, ler outros blogs, etc., dialogando principalmente com aqueles que o visitaram e deixaram comentários, como uma atitude de boa vizinhança e retribuição. Dos 27 blogueiros pesquisados, apenas um declarou não ler outros blogs. Este blogueiro é uma voz que destoa na blogosfera, em que praticamente todos lêem outros blogs. Sua justificativa para não ler outros blogs é a falta de qualidade dos textos:

creio francamente que a maioria das pessoas que escrevem diários não lêem os demais. E que muitas vezes quando o fazem o fazem simplesmente porque estão

sem idéias ou aborrecidas consigo mesmas. Nos poucos casos lêem porque encontraram bons escritores ou, melhor, escritores razoáveis. Não lembro de ninguém realmente bom e acho que o meio nem tem como formar grandes escritores. (Blogueiro, pós-graduado, 29 anos).

Tudo isto demanda tempo, entre pensar, escrever, ler, retribuir comentários e visitas:

eu gasto muito tempo lendo blogs e, por decorrência, respondendo emails e conversando no MSN.(...) Respondo 100% dos emails que recebo. Já cheguei a responder 131 emails num mesmo dia. (blogueiro, pós graduado, 35 anos).

As tabelas 11 e 12 abaixo nos dão uma idéia do tempo utilizado para ler e escrever os blogs.

Tabela 11 - Tempo para escrever o blog.

Tempo para escrever blogs	N ^o s absolutos	Percentual
entre ½ e 1 hora	18	66,67%
entre 1 e 2 horas	03	11,11%
entre 2 e 3 horas	02	7,40%
Não sabe	04	14,82%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora

Tabela 12 - Tempo para ler outros blogs

Tempo para ler blogs	N ^o s absolutos	Percentual
entre ½ e 1 hora	13	50,00%
entre 1 e 2 horas	07	26,92%
entre 2 e 3 horas	02	7,70%
Não quantificaram o tempo	04	15,38%
Total	26	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora

Obs.: Apresentamos apenas 26 blogueiros dos 27 pesquisados, pois um declarou não ler outros blogs.

Se somarmos o tempo despendido para ler e escrever os blogs obteremos algo em torno de ½ hora a até 2 horas diárias, sem considerar que sete (26,92%) blogueiros passam entre 1 ou 2 horas lendo outros blogs. É um tempo considerável para pessoas

que têm outras tarefas a realizar, além das prosaicas necessidades do dia-a-dia, como comer, dormir, transportar-se de um lugar a outro, etc. Lembramos que 16 deles estudam e que 21 trabalham. Mesmo se não pesquisamos sobre suas atividades profissionais, na resposta dada ao questionamento sobre qual local utilizavam para atualizar seus blogs, 21 mencionaram ser em seu trabalho (vide tabela 15). A frequência dessa atualização encontra-se na tabela 14.

Tabela 13 – Atualização do blog

Escrita no blog	N ^o s absolutos	Percentual
Diária	08	29,64%
Semanal	09	33,33%
Quinzenal	01	3,70%
Sem periodicidade certa	09	33,33%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora

Nossos blogueiros são bastante dedicados a seus blogs, como se pode perceber pela frequência com que postam: as atualizações são feitas diária e semanalmente, por 17 deles (62,97%). Procuramos também investigar de quais lugares eles acessavam seus blogs para os alimentar com conteúdos, informações que estão sintetizadas na tabela 15. Para satisfazer nosso intento, lançamos uma pergunta com alternativas possíveis, mais o quesito “outros”, caso os lugares que apontamos não tivessem sido suficientes para cobrir todas as possibilidades. Também disponibilizamos alternativas, “nunca e raramente” significando a pontuação 1 e 2; 3 para “algumas vezes”; e 4 e 5 expressavam “quase sempre e sempre”. Eles deveriam especificar conforme a ordem de utilização.

Tabela 14 – Lugares onde acessar a Internet para atualizar o blog

Lugares	Nunca e raramente		Algumas vezes		Quase sempre e sempre		N ^o s absolutos % sobre o total das respostas
	N ^o s absolutos	Percentual	N ^o s absolutos	Percentual	N ^o s absolutos	Percentual	
Casa	04	15,39%	03	11,54%	19	73,07%	26 (28,38%)
Trabalho	05	23,81%	02	9,53%	14	66,66%	21 (23,33%)
Escola/Universidade	12	70,58%	03	17,65%	02	11,77%	17 (18,38%)
Casa de amigos	13	68,42%	05	26,32%	01	5,26%	19 (21,11%)

Outros	06	85,71%	01	14,29%	00	0,0%	07 (7,77%)
Total							90

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Podemos perceber que o lugar em que eles mais atualizam seus blogs é a casa em que vivem, apontada por 19 deles dentre os 26 (28,38 % do total geral) que assinalaram esta opção como a alternativa utilizada “sempre ou quase sempre”. O trabalho vem em seqüência, escolhido por 14 blogueiros dentre os 21 (23,33% do total geral) que marcaram este quesito, como o local preferencial para suas atualizações. Os lugares ditos sociáveis, tais como escola/universidade e casa de amigos, espaços estes de concentração e/ou conversa, foram os menos citados para a atualização de seus blogs, já que eles escolheram as alternativas “nunca e raramente”. Em casa, no trabalho, e mesmo na escola ou universidade pode-se encontrar pessoas com quem não se queira conversar, mas nas casas dos amigos provavelmente esta possibilidade é bem mais remota; isto pode ser o motivo porque eles não usam muito este local para atualizar seus blogs, suas casas digitais. Em casa de amigos, talvez nem todos os possuam. Na escola ou universidade os computadores disponíveis têm que ser divididos com outras pessoas, ou mesmo podem não estar franqueados a este tipo de atividade.

Assim, concluímos que se escolhe a casa como fonte de atualização pela tranquilidade que esta pode proporcionar, já que se precisa pensar para elaborar um post. Como muitos utilizam seus blogs como forma de desabafo, para isto nada melhor que um lugar em que se possa estar só, ou então que se tenha liberdade para dizer que se quer estar só, como quando se está com familiares.

Quanto à atualização que é feita no trabalho, alternativa que obteve a segunda preferência, acreditamos que grande parte daqueles que usam este local deve trabalhar conectada à Internet, embora não tenhamos indagado isto especificamente. No entanto, sabe-se que esta é uma prática muito difundida, e em alguns locais até estimulada. Rheingold (1993) relata a respeito dos primeiros programadores, os que criavam e criam as soluções no mundo da informática, que quando foram impedidos de “brincar com seus joguinhos”, tal situação fez com que decaísse muito sua produtividade. Nossos blogueiros não precisam necessariamente ser experts em informática, ou mesmo trabalhar diretamente em alguma atividade correlata, mas o uso que parecem fazer de

seus blogs tem o mesmo sentido lúdico, algo a fazer em meio a um dia de trabalho, que pode ser muito estressante. Podemos supor que é uma fuga, um passeio que podem fazer a um outro local, para sua casa digital chamada blog, logo ali ao alcance de seus dedos.

3.9. Nem só de blog se ocupa o blogueiro

Além do tempo que eles dedicam à atividade blogueira – vamos denominá-la assim, já que envolve mais do que apenas escrever no blog - pedimos a eles que listassem quais outras atividades realizavam na Internet, e foi possível detectar 21 alternativas reunidas na tabela 16. Eles estavam livres para listar suas atividades, pois a pergunta não teve respostas direcionadas ou pré-selecionadas anteriormente pela pesquisadora.

Tabela 15 - Atividades na Internet

Atividades na Internet	Nºs absolutos	Percentual
Pesquisas	22	22,00%
Ler notícias/artigos	16	16,00%
Messenger/ICQ/Chat	15	15,00%
Blogs e fotologs	13	13,00%
Emails	09	9,00%
Orkut/listas de discussão	08	8,00%
Assistir clips/vídeos/ouvir mp3/downloads	06	6,00%
Jogar/RPG	05	5,00%
Trabalho/estudo	04	4,00%
Compras/Internet banking	02	2,00%
Total	100	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Verificamos que nossos informantes são ecléticos e fazem várias outras coisas na Internet, principalmente pesquisas (22,00%) e leituras, tanto voltadas ao aprendizado, quanto à obtenção de informação em notícias, revistas, jornais, artigos (16,00%), muitas vezes mesmo com a intenção de terem assunto para seus posts:

(faço) pesquisas pra assuntos novos nos posts (blogueiro, superior incompleto, 36 anos).

Também comunicam-se muito por meio do Messenger (MSN), ICQ e estão aderindo às novidades, tais como o ORKUT e outras (15,00%). Os blogs – junto com os fotologs – representam um percentual de 13,00%, e não são, portanto, os responsáveis pela estadia deles na Internet, ou pelo menos não são os únicos, já que durante a navegação eles podem estar lendo e-mails, fazendo pesquisas, comunicando-se pelo MSM ou por ICQ, etc, e todas estas coisas podem estar sendo realizadas concomitantemente.

A Internet parece ser bastante familiar para eles, um ambiente em que se sentem bem, sendo utilizado principalmente para ler, pesquisar, e se comunicar, já que o par trabalho/estudo e compras/Internet banking foi o menos citado, com um percentual de 6,00%. A Internet tem um uso mais lúdico do que propriamente dedicado a atividades que possam render dinheiro, ou para fazer compras e pagar contas, atividades mais “práticas”, digamos.

Já foi demonstrado anteriormente que eles não são reclusos, mas saem e se divertem. Não parece fácil encontrar tempo para tudo isto - estudar, trabalhar, atividade blogueira, diversão – ou seja, para levar a vida on-line e a off-line, respectivamente.

3.10. Blogs despertam culpa ou prazer?

Como os blogs tomam bastante tempo de suas vidas, procuramos investigar se sentiam culpados por se dedicarem aos mesmos e se isto interferia em suas relações familiares. Dos blogueiros pesquisados, 24 (88,88%) não sentem culpa absolutamente, e mesmo que pudessem ter sentido culpa no início, ela foi diminuindo a medida em que o tempo de dedicação ao blog também foi restringido:

Talvez no início.(...). Se já me senti culpada? Bem, apenas quando deixava de fazer outras coisas (...) Mas agora tenho realmente diminuído o tempo que passo brincando ali. (blogueira, pós-graduada, 26 anos).

Mesmo que eles mantenham os blogs há muito tempo e estes lhes proporcionem prazer, quando se ocupar deles se torna uma obrigação isto chega a fatigar:

Sim, houve um tempo em que o blog passou a ser uma obrigação, obrigação de mantê-lo atualizado, obrigação de responder a todos que me contatavam, por email ou por comentários (...) Culpada nunca me senti, me divertia muito. Mas fui cansando. (Blogueira, superior incompleto, 36 anos).

Ainda que canse às vezes, o ato de blogar também causa prazer:

não...nunca me senti culpada pois é uma coisa que dá bastante prazer.(blogueira, pós-graduada, 28 anos).

Ninguém nunca reclamou e eu não me sinto culpada porque eu me sinto muito bem escrevendo no meu blogger.(blogueira, superior incompleto, 25 anos).

Os sentimentos em relação ao blog, portanto não tendem para o bem (prazer) ou para o mal (culpa), mas certamente para proporcionar bem-estar. Em geral, o blog serve sobretudo para que reflitam sobre suas vidas, como uma forma de se conhecer, de entenderem melhor o que está acontecendo com eles:

Nunca me senti culpado: o blog é um meio de manter-me atento ao que tenho feito, refletir (sobre) minha vida, para identificar problemas e caminhos.(blogueiro, segundo grau completo, 24 anos).

Dois (7,41%) dos blogueiros pesquisados não souberam definir seus sentimentos, se sentiam culpa ou não, e uma inclusive menciona que seus amigos não entendiam o porquê dos seus desabaços:

Meus amigos dizem que não tenho necessidade de escrever tudo aquilo, principalmente quando iniciei o blog, em que eu estava passando por uma fase mais down. Escrevia, chorava e depois quando alguém que me conhecia lia ficava assustado por eu pensar tudo aquilo e vinha me falar pra eu parar com besteira que não tinha nada a ver eu falar aquelas coisas (Blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Esta mesma blogueira menciona que ao escrever não está se importando com o que os outros vão pensar, conforme relatado quando tratamos sobre o blog servir como forma de desabaço. Apenas uma (3,71%) dentre os blogueiros pesquisados sente alguma culpa e isto ocorria devido ao tempo consagrado ao blog:

eu dedicava mais ou menos 3 horas por dia para isso.(blogueira, segundo grau completo, 18 anos).

As reclamações que podem acontecer tendo em vista o tempo que se dedicam aos blogs também não são capazes de fazer com que eles se sintam culpados. Algumas vêm de pessoas com quem eles trabalham; e outras ainda de familiares que reclamam do tempo em que eles ficam conectados a Internet, mas desconhecem que eles possuam blogs:

Só leio/escrevo blogs no trabalho. Em casa não tenho privacidade. Sim, as

peessoas aqui no trampo reclamam. (blogueiro, pós-graduado, 35 anos).

Já reclamaram muito pelo tempo que fico no computador, mas não diretamente do blog. (...) meus familiares principalmente, não sabem que eu tenho blog e nem fazem a menor idéia do que é isso (...) Não é ele o causador direto da minha estadia na internet. (blogueira, primeiro grau completo, 14 anos).

Nunca reclamaram em relação ao blog, até mesmo porque nem todos sabem que eu o possuo. Entretanto reclamam do tempo que eu passo na Internet. (blogueira, superior completo, 22 anos).

Este tipo de comportamento revela uma espécie de ocultamento, de não querer revelar-se para a família. Há o desejo de fazer algo que seja somente seu, seja por busca de privacidade ou por achar que a família nem possa imaginar o que é isto. É a procura pelo “tempo privado”. Schittine (2004, p.51) fala sobre isto nesta passagem, em que, procura explicar o que este tipo de sentimento significa para ela:

A minha hipótese é a de que grande parte das pessoas tenha encontrado uma maneira de desdobrar seu tempo. Ou seja, de estar em dois lugares ao mesmo tempo: um ambiente onde trabalham e têm suas obrigações diárias com os amigos e a família, e um outro em que cuidam de seus próprios interesses. É claro que essa possibilidade nos tempos atuais só existe virtualmente. E o computador pessoal foi o maior aliado nesse sentido.

No entanto, discordamos dela quando estabelece que este tipo de isolamento da família só possa existir virtualmente e que dependa especificamente da tecnologia, nesse caso, simbolizada pelo computador. Parece-nos determinista demais, pois a hipótese desconhece outras possibilidades, como usufruir um bom livro, sem se estar atento ao que acontece ao redor, se deixando levar pelos pensamentos ou pela imaginação. A interação pode não estar acontecendo, mas os personagens com suas alegrias e dramas podem chegar a ser “reais” quando os conhecemos e travamos contato com eles. Desta forma, o usufruto do tempo privado, específico do indivíduo, está acontecendo a despeito dele estar em família ou não. Os antigos amigos por correspondência existiam antes do advento do computador e muitas vezes eram completos desconhecidos; escrever para eles era parte também do “tempo privado”, não se podendo afirmar que a interação não acontecia. Hoje a comunicação pode ser bem mais rápida, como quando usamos o e-mail (inclusive para alguém que não conhecemos, para que este nos informe sobre algo que desejamos saber), mas as cartas são precursoras destes fatos.

Como alguns entrevistados mencionaram em suas respostas, o blog é também é usado como ferramenta de comunicação com suas famílias, que apreciam que eles escrevam, principalmente quando os blogueiros estão morando em outras cidades, ou outros países, distantes de seu local de origem; os parentes chegam inclusive a reclamar quando eles não fazem atualizações freqüentes:

Pelo contrário! Eles pedem para eu escrever mais. (blogueira, superior completo, 25 anos).

Não, meus amigos e minha família gostam de ler as histórias que escrevo lá. (blogueira, superior completo, 25 anos).

Nunca, alguns até reclamam que eu não atualizo com freqüência. (blogueira, superior completo, 25 anos).

3.11. Blogs residentes e “ativos” na mente dos blogueiros

Que os blogs são parte da vida dos blogueiros, tomam tempo em suas vidas parece ser um fato; mas, eles ficam “ocupando” espaço na cabeça deles, quando não estão conectados? Ou seja, os blogs ficam residentes ou não na mente dos blogueiros? Saber a respeito de tal coisa nos interessava muito e para isto os questionamos sobre o quanto eles pensavam em seus blogs quando não estavam conectados, se anotavam assuntos para postar mais tarde. Queríamos saber, enfim, se a atividade que realizam quando estão on-line invadia a vida deles quando estavam off-line.

Tabela 16 – Permanência do blog na mente dos blogueiros.

Permanência do blog	Nºs absolutos	Percentual
Pensa e anota	09	33,33%
Pensa , mas só anota as vezes	04	14,82%
Pensa e não anota	04	14,82%
Não pensa antes, escreve direto	09	33,33%
Escreve sem destino exclusivo para o blog	01	3,70%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Podemos verificar pelos dados da tabela 17 que o blog realmente permanece na cabeça do blogueiro, mesmo quando ele está off-line, isto é, o blog é residente mesmo

quando não está sendo ativado on-line.

Se considerarmos os que pensam e anotam e aqueles que pensam, mas só anotam às vezes chegaremos a um percentual elevado: 48,15%, pois 13 blogueiros fazem isto. E este percentual aumenta ainda mais quando consideramos os que pensam, mas não chegam a anotar, o que pode levar a arrependimentos: 62,97%, 17 dos informantes. Muitas situações podem servir de inspiração para um post, sejam elas boas ou ruins, particulares ou vividas com familiares ou entre amigos.

Durante a aula também, quando algo me incomoda escrevo num papel e mais tarde digito e complemento para postar. (blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Geralmente os momentos tristes ou muito engraçados rendem bons posts. Anoto sim, se idéias vêm à minha cabeça, anoto tudo numa folha para pensar num post em seguida. (blogueira, superior completo, 22 anos).

De vez em quando comento com as amigas: isso vai para meu blog. Só (anoto) quando estou viajando ou se estou sem computador disponível. (blogueira, superior completo, 25 anos).

Constantemente me pego “escrevendo” mentalmente um texto para o blog. E sempre me arrependo de não anotar. (blogueiro, segundo grau completo, 24 anos).

Alguns deles, com o passar do tempo podem mudar os costumes, e se a importância do blog for diminuindo em suas vidas, eles passam a dedicar-se menos a ele, seja em termos de tempo real, ou então no “tempo de residência do blog” em suas cabeças:

Isso sim, já fiz muito. Ambas as coisas. E acho que o fazia com um prazer equivalente aquele que um jornalista(...)ao anotar na sua caderneta(...)algo que(...)tenha algum valor(...)fiz isso no começo. No meio. Hoje não faço mais porque o blog já não tem tanta importância assim. (blogueiro, pós-graduado, 29 anos).

Costumava fazer isso sim, até hoje ainda penso assim de vez em quando. Mas não anotava não. (blogueira, superior incompleto, 36 anos).

Estes dois últimos informantes são blogueiros antigos, pois mantêm seus blogs já há entre dois e quatro anos. Talvez, após um certo tempo, perca-se o frescor da novidade e o trabalho que dá manter o blog já não seja proporcional ao prazer que se obtém com ele. No entanto, isto nem sempre é verdadeiro, pois outros oito blogueiros pesquisados,

tão “antigos” quanto, não evidenciam o desconforto que estes dois manifestam. E mesmo entre eles, “os antigos”, o costume de anotar permanece, embora não seja extensivo a todos; apenas quatro deles fazem anotações:

Sim...freqüentemente escrevo em papezinhos coisas que me vêm a mente para não esquecer quando for escrever no blog.(blogueira, pós-graduada, 28 anos).

Um destes blogueiros resistentes encara o blog como “as pessoas”, e segundo ele, escreve para elas:

Anotar eu não anoto, mas sempre que eu sento no pc, eu vejo o blog como “as pessoas” !! Então eu falo com as pessoas, eu escrevo para as pessoas. (blogueiro, superior incompleto, 28 anos).

Os que não anotam, dizem apenas que se sentam na frente do computador e escrevem. Uma blogueira alega que a inspiração deve vir na hora, pois se fosse pensada antes, talvez ficasse truncada:

Não anoto nada. Escrevo o que me vem na mente no momento. Gosto de deixar “as energias fluírem” sobre o momento. Gosto de escrever o que penso na hora e não ficar planejando o que escrever. É o mesmo da vida real. Já notou, que, quando você faz um plano, decora um texto, decora falas pra dizer a uma pessoa importante, o modo de dizer ou algo do tipo, nada sai igual ao que você planejou, sai algo diferente mas com a mesma idéia???Então, pra que eu escrever, anotar, se não vai ficar igual? Se for importante pra mim eu vou lembrar e vou escrever como quiser na hora. (blogueira, primeiro grau completo, 14 anos).

3.12. Blogs, ficar com eles ou deixá-los

Como já parece estar claro, ter um blog é uma atividade que demanda tempo e empenho, o que nos levou a investigar se seus autores já haviam sentido vontade de abandoná-los e se já tinham feito isto antes, abandonando outros blogs que por ventura já tivessem.

Tabela 17 – Vontade de abandonar o blog

Vontade de abandonar o blog	Nºs absolutos	Percentual
Sim	13	48,15%
Não	14	51,85%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

O pensamento de abandonar o blog já passou por quase a metade dos blogueiros pesquisados (48,15%), mas a maioria (51,85%) deles resiste a este desejo. Aqueles que confessam já ter sentido vontade de abandonar seus blogs alegam os mais diversos motivos: falta de criatividade, de inspiração, de espaço no provedor, de tempo para escrever, e cansaço também. No entanto, eles continuam resistentes. Um deles diz que esta vontade de abandonar o blog é normal:

Já, todo blogueiro passa por crises, por semanas sem comentários e coisas do tipo, mas isso é normal. Um blog pessoal só pode ser mantido por alguém que tenho o espírito jornalístico... é preciso ter uma vontade interna de contar coisas, e nem todos tem isso, algumas pessoas criam blog's só pelo modismo e então elas o abandonam, criando mais lixo virtual. (blogueiro, superior incompleto, 28 anos).

A vontade de compartilhar, de utilizar o blog como instrumento de interação com o outro, o leitor, parece propiciar, na falta de um retorno efetivo, uma sensação de abandono; na verdade, o blogueiro é estimulado pelos comentários que recebe. Assim, é mesmo necessário ter o que o blogueiro chamou de *vontade interna de contar coisas*.

Quando o blog serve como ferramenta de comunicação, este motivo pode ser suficiente para que o blogueiro não abandone sua “casa virtual”:

Já tive vontade de deletá-lo e o que me impediu foi o desejo de não perder a ligação com as pessoas (blogueira, superior incompleto, 36 anos).

Sim. O que me impediu foi o fato do blog ser um meio de comunicação com alguns dos meus amigos virtuais (blogueira, superior completo, 22 anos).

Mas o costume de blogar, o prazer que se sente em fazer isto até o ponto de ser encarado como vício, pode ser também um motivo suficiente para não abandonar o blog:

Sim. O que impediu, provavelmente, foi o vício. Blogs trazem sensações boas, sabe? (blogueira, segundo grau incompleto, 17 anos).

Já abandonei vários outros endereços, talvez por desânimo de continuar a escrever, mas sempre volto, já se tornou uma necessidade em minha vida. (blogueira, segundo grau completo, 18 anos). Sou dependente do meu blog (blogueiro, pós-graduado, 35 anos).

Sobre esta questão do vício em relação aos blogs, tópico que inicialmente

pretendíamos abordar nesta pesquisa, mas que no decorrer do trabalho acabamos por abandonar, não questionamos nossos informantes. Mesmo assim, ela aparece muito levemente nas respostas de nossos blogueiros, que o relacionam com a interatividade proporcionada pelo blog. Conforme reportagem publicada no jornal CruzeiroNet, efetuada por Estela Casagrande, um blogueiro menciona que a compulsividade pode advir justamente dela, embora ele não ache que blogar possa se tornar vício:

Não acredito que manter um blog possa se tornar um vício. Já tive conhecimento de pessoas que desenvolveram uma relação de dependência, não exatamente com o blog, mas mais propriamente com a interatividade e os comentários dos visitantes em seus blogs.

Outros blogueiros, entretanto, mencionam que pessoas propensas ao vício viciam-se em qualquer coisa; também falam que com a velocidade de atualização, a informação pode se tornar viciante, pois a resposta é muito rápida. Se o problema é a interatividade, saber quem deixou comentários, ou de que forma o que se escreveu é recebido, pode se tornar compulsivo.

Giddens (1993) argumenta sobre o vício e a compulsividade. Segundo ele (1993), os vícios levam a sentimentos ruins, de perda de controle sobre si mesmo. Eles são também seguidos de vários vícios, ou seja, não coexistem sozinhos; um vício sempre encobre outro e aquele que tem propensão a algum tipo de vício poderá substituí-lo, quando este não puder ser satisfeito ou se tenha que abandoná-lo. Giddens (1993:87) argumenta que “o viciado, antes de tudo, é alguém ‘imoderado’ palavra que não está relacionada apenas à ordem pública, mas a uma recusa, a uma aversão discreta de se aceitar o próprio destino”.

O vício está relacionado a uma ordem pós-tradicional, pois em uma sociedade tradicional existiam padrões norteadores do comportamento dos indivíduos, enquanto hoje em dia se tem que escolher entre estilos de vida que podem levar ao vício. Vícios podem ser definidos conforme a época vivida, e o que hoje é considerado patológico poderia não o ser antes, ou então o são na medida em que afetam o comportamento dos indivíduos, cerceiam suas atividades ou tomam conta da maior parte de suas vidas. Os nossos blogueiros não tiveram uma manifestação tão acirrada em relação ao vício, e quando os questionamos em relação ao tempo em que ficavam na Internet, não eram os blogs os únicos responsáveis, pois eles realizam outras tarefas na Internet, conforme

indicamos na tabela 15.

À pergunta sobre a vontade de abandonar os blogs somamos outra, visando investigar se eles já tinham abandonado outros blogs, e se demonstravam arrependimento de tal ação. Seguem as informações obtidas na tabela 18.

Tabela 18 – Abandono de outro blog

	Nºs absolutos	Percentual
Sim, já abandonou	11	40,74%
Não, nunca teve outro	11	40,74%
Não abandonou, mantém mais de um	05	18,52%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

A resposta mais significativa para nós – embora os números sejam iguais - são os blogueiros que já tiveram outros blogs e os abandonaram. Não pudemos perceber neles sentimentos atuais de desistência; ao contrário, eles têm blogs ativos: dois existem há menos de 6 meses (18,18%), outros dois entre 6 meses e 1 ano (18,18%) e dois entre 1 e 2 anos(18,18%). Cinco deles cultivam seus blogs entre 2 e 4 anos (45,46%). Se somarmos os que mantêm os blogs pelo período de 1 a 4 anos, chegaremos ao percentual de 63,64%. A pergunta em relação ao tempo em que eles blogam foi feita com relação ao blog que eles usaram para responder a pesquisa, e não para o outro que tenha sido abandonado, ou os outros blogs que eles possam manter paralelamente. Mesmo assim, consideraremos suas respostas em relação ao tempo que seus blogs principais estão ativos como um parâmetro para comentar sua resistência no mundo blogueiro.

Os que já abandonaram algum blog no passado não se sentem desistentes, tanto que mantém seus novos blogs pelos períodos que relatamos acima. Seis deles dizem claramente que não se arrependeram ao deixar os blogs que tinham criado e expõem seus motivos, tal como um blogueiro que abandonou um blog anterior porque era comunitário:

Comecei em blogs participando de um que eu acompanhei desde o início. Eram 3 garotas. Eu lhes mandava alguns textos por email e elas os publicavam. Duas

resolveram sair e a que ficou me convidou a escrever junto com ela. Durou 7 meses. Foi muito bom. Mas, como ela praticamente o deixou na minha mão, eu desisti. Não me arrependi porque eu já tinha o meu blog em paralelo (blogueiro, pós-graduado, 35 anos).

As alegações são as mais diversas e vão desde a falta de tempo para levar mais de um blog, a ausência de leitores, ou então a prática que o blog antigo proporcionou e os progressos que trouxeram para o novo recomeço:

Eu já criei e abandonei outros blogs sim, não me arrependi, não dava tempo de levar mais de um blog (blogueira, superior incompleto, 36 anos).

Sim, porque ninguém o visitava. Sem arrependimento, fiz outro muito melhor (blogueira, segundo grau incompleto, 17 anos).

Não me arrependo pois cada término determinou um começo ainda melhor, desde os layouts, que comecei a fazer, aos posts, cada vez melhores e espontâneos (blogueira, segundo grau completo, 18 anos).

Foi surpreendente a resposta da blogueira que criou um blog com que não se identificava e não conseguiu ter paciência para postar nele:

Sim. Criei um “blog anônimo” onde poderia me expor sem me identificar. O abandonei e não me arrependi. Não tive paciência pra ficar postando por lá. (blogueira, superior completo, 22 anos).

Esta mesma blogueira se identifica com nome, sobrenome e a cidade onde mora em seu blog atual e revela não ter gostado da “casa digital” que tinha criado e onde poderia se esconder, através do anonimato. Não funcionou para ela.

Outros cinco blogueiros não chegaram a demonstrar arrependimento propriamente e um deles inclusive não considera que tenha abandonado outros blogs, mas que eles agora têm uma vida própria que independe dele:

Não digo arrependimento, mas pena por ter que deixar um trabalho (blogueiro, superior incompleto, 36 anos).

Não penso assim. Não creio que os outros anteriores ao 5º e último blog tenham sido abandonados. A matéria deles está toda lá, viva, pulsante, própria. Continua reagindo conforme é lida, relida ou não. Não depende mais tanto assim de mim. E creio que há uma linha que une tudo, todos eles, que é a minha necessidade de escrever. Para mim todos os 5 são como uma coisa só (blogueiro, pós-graduado, 29 anos).

Podemos perceber a resistência dos blogueiros quando analisamos suas falas que

dão para perceber a vontade de permanência que têm em relação a seus blogs:

Sim, apenas um, mas continua ativo, eu não o deletei. Apenas não escrevo mais como escrevia antes (blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Tenho outros e acho que não vou abandoná-los (blogueira, superior incompleto, 25 anos). *Eu mantenho outro blog, o 5v (<http://vvvvv.blogspot.com/>), desde fins de 2001. Nunca o abandonei completamente e nem pretendo* (blogueiro, segundo grau completo, 24 anos). *Nunca abandonei. Já mudei de endereço, mas foi apenas pra dar continuidade* (blogueiro, superior incompleto, 44 anos).

Neste capítulo analisamos quem são os blogueiros, soubemos o que fazem para se divertir, onde moram, se seus blogs os ajudam ou não a driblar a solidão, o que pensam sobre a ferramenta blog em geral e sobre os seus próprios em particular; quais os motivos para tê-los, o que falam neles. Eles nos surpreenderam por sua dedicação e pelo prazer que demonstram em relação a eles. Os blogs ficam residentes e “ativos” em suas mentes durante seu dia-a-dia, tal como um vírus de computador. No entanto, a diferença crucial em relação à metáfora, é que o blog pode ser considerado um “vírus” que faz pensar, ao invés de ter que ser deletado pelos malefícios que produz. Isto pode ser o que os leva a manter seus blogs, mesmo entre aqueles que já tiveram outros e os abandonaram.

No próximo capítulo continuaremos a análise iniciada neste e nosso foco se concentrará na sociabilidade, nas relações de amizade proporcionadas pela CMC e nas transformações da intimidade que percebemos nos blogs. Estes são os pontos principais da pesquisa aqui relatada, embora o que discorreremos neste capítulo que ora se encerra foram importantes para situarmos o leitor sobre quem são os blogueiros e como eles lidam com seus blogs, em que universo eles se localizam nesta vasta área do ciberespaço em que pode acontecer a interação. Sigamos pois com nossa tarefa.

Capítulo 4

Os blogs e os blogueiros. Como ser vizinho na rede, espiar a vida dos outros e ainda ser convidado a voltar

Neste quarto capítulo continuaremos relatando e analisando os resultados da pesquisa empírica, focalizando agora questões como a sociabilidade, as relações de amizade e as transformações da intimidade.

Procuramos investigar que tipo de intimidade os indivíduos revelam ao falarem sobre si mesmos, em seus blogs; como se tecem relações em contextos desprovidos de intimidade física; se a comunicação estende-se do contexto on-line para o off-line, ou se permanece apenas on-line. A questão implícita é: até que ponto a Comunicação Mediada por Computador (CMC) estabelecida através dos blogs poderia estar substituindo as do mundo real?

4.1. A sociabilidade

As Ciências Sociais normalmente centram suas análises em contextos de interação social, onde os atores se defrontam face a face. Apesar de já existirem trabalhos sobre a sociabilidade on-line (Rheingold, 1993; Mackinnon, 1992, entre outros), o tema ainda é novidade. Interessava-nos perceber como se teciam relações de amizade em contextos desprovidos de intimidade física, e se elas apresentavam ou não diferenças em relação às desenvolvidas face a face. Também desejávamos investigar que critérios são utilizados para a formação de comunidades on-line. Para elucidar estas questões, inquirimos os informantes a respeito de suas práticas: como faziam suas escolhas, para, por exemplo, ler outros blogs? Como retribuía as visitas feitas aos seus blogs? Deletavam ou não comentários desagradáveis? Como se processavam as relações de amizade? Eles conheceram pessoas através do blog? Estas relações estenderam-se para o contexto off-line? Procuramos, enfim, conhecer como se relacionavam através da

Rede criando uma sociabilidade on-line, e se esta se estendia para além disto.

4.2. Práticas de retribuição de visitas e de indicação de leitura de blogs

O blogueiro normalmente escreve seu blog e lê uma relação de outros blogs, formando suas preferências a partir do que lê. Os blogs podem ser lidos pelos amigos próximos, mas também podem servir como uma espécie de apresentação pessoal, um “cartão de visita” bastante elaborado e interessante de ser “apresentado” quando se conhecem outras pessoas, como relata a repórter Emily Nussbaum, que escreve a coluna de Reprises da seção de Artes & Lazer do The New York Times, reproduzindo a fala de um adolescente que entrevistou:

É assim, este é o número do meu celular, meu email, meu apelido na Internet, oh, e - aqui está meu LiveJournal. Pessoalmente, eu iria ao LJ desta pessoa antes de ligar, mandar um email, ou contatá-la no AIM - AOL Instant Messenger (programa de mensagens instantâneas da AOL) – porque desta maneira eu a conheceria melhor.

Pode parecer estranho para quem foi acostumado a conviver com um outro tipo de relacionamento, e talvez demore a entender este tipo de comunicação mediada por computador; mas os blogs não se restringem a isto, ou seja, a circular apenas na lista de amigos próximos ou na daqueles que foram “fisicamente” apresentados. Na verdade, existe uma certa forma de “convite” a estranhos quando, por exemplo, um blogueiro visita um blog que não conhecia e deixa um comentário, dizendo que gostou do blog visitado e “convidando” o outro a visitá-lo também. Como podemos perceber pela tabela abaixo, este “convite” realmente funciona.

Dos blogueiros pesquisados, apenas um deles declarou não ler outros blogs, representando, porém, uma voz destoante na multidão, já que normalmente – e esta contestação foi reforçada pela pesquisa - a quase totalidade dos blogueiros lêem outros blogs. Perguntamos a eles de que maneira escolhiam os blogs que liam, lembrando que podiam optar por mais de uma resposta; os resultados estão na Tabela 19.

Tabela 19 – Como escolher quais blogs ler

Como escolhe:	Nºs absolutos	Percentual
Aleatoriamente, ao acaso	14	20,00%
Indicados por amigos(as)	17	24,29%
Os que deixam comentários em seu blog	21	30,00%
Os que falam sobre assuntos específicos	14	20,00%
Os que são bastante comentados na Internet	04	5,71%
Total	70	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora

Reforçando a idéia de retribuição, quase que numa espécie de relação de vizinhança de suas casas virtuais, os mais citados foram os que deixam comentários nos blogs, com o maior percentual (30,00%), assinalado por 21 blogueiros. Se um blogueiro recebe uma “visita” em seu blog e esta deixa um comentário, pode-se afirmar que é quase obrigação a retribuição da visita, com um comentário de agradecimento, também dizendo algo a respeito do que o blogueiro visitante – cuja visita está sendo retribuída – postou. Preferencialmente, escreve-se alguma coisa mais elaborada, já que os comentários banais são ignorados. Normalmente espera-se um comentário inteligente.

Geralmente respondo, quando se trata de um comentário ou e-mail. Não quando é aquela coisa de “gostei do seu blog, passa no meu também” isso eu não considero. (blogueira, superior incompleto, 19 anos)

A cortesia da retribuição alia-se à curiosidade de conhecer a “casa” do outro, e mesmo quando já a conhecem, não deixam de retribuir a visita feita, numa demonstração de civilidade, de boa educação blogueira. Em segundo lugar, vêm os blogs indicados por amigos ou amigas, com 24,29% das preferências, escolhido por 17 blogueiros. Empatados em terceiro lugar, estão os que falam sobre assuntos específicos (e mesmo inquirindo sobre qual assunto, infelizmente eles não declararam suas preferências) e os que são lidos aleatoriamente, ao acaso, provavelmente através de links em outros blogs, ou através da leitura de comentários – em que os blogueiros costumam deixar seus endereços – ou mesmo navegando na Internet, sem destino certo.

A surpresa para nós foi o baixo índice de leitura que têm os blogs que são bastante comentados na Internet, com um percentual de 5,71%. Isto pode indicar que eles são avessos aos “famosos” da rede, uma vez que também não utilizam seus blogs

para buscar a fama, conforme já descrito anteriormente. Ou mesmo, que a maioria dos blogueiros desconhecem quais são estes blogs mais “comentados”, tais como o <http://queridoleitor.zip.net/>, de Rosana Hermann, que chegou a ter 149 pessoas on-line em 5 de novembro de 2004, para se ter idéia de sua fama, e o internETC <http://cora.blogspot.com/>, de Cora Ronai.

Perguntamos a eles também se faziam indicações de blogs a seus amigos e quais seriam seus critérios. Este foi um questionamento em aberto, e os blogueiros podiam externar livremente suas opiniões.

Tabela 20 – Critérios para a indicação de leitura dos blogs.

Critérios para indicar blogs	Nºs absolutos	Percentual
Links no blog	06	22,22%
Texto e/ou imagens interessantes, críticos ou engraçados	11	40,75%
O amigo também é blogueiro	01	3,70%
Não indica	09	33,33%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Nove deles (33,33%) não se dão propriamente ao trabalho de fazer indicações, e seis (22,22%) mencionam que os links em seus blogs já servem como critério de recomendação. Os principais critérios para a indicação dos blogs são que tenham:

Bom texto e imagem, que tenha algo a dizer, ou seja, engraçado (blogueiro, superior completo, 38 anos).

O que de fato predomina é a busca pelo bom texto, que este seja interessante, bem escrito, critério citado por oito blogueiros. Em seguida, vem a indicação “em virtude da diversão que o blog possa proporcionar”, critério a que se atêm quatro blogueiros, parâmetros que se mesclam, como se pode perceber no comentário do blogueiro acima. São estas as qualidades utilizadas para fazer a recomendação, e apesar dos blogs serem veículos para desabafo dos blogueiros, às vezes mesmo sem preocupar-se com o que o leitor vai achar, conforme mencionado antes por uma blogueira, ter um texto que seja engraçado serve como forma de atrativo. Esta é outra ambivalência da blogosfera e uma demonstração de que não se pode enquadrar os blogs

dentro de um formato pré-determinado, já que eles podem ter usos múltiplos e servir a inúmeros fins.

Neste item, surgiram também coisas inusitadas, como a resposta indignada de uma blogueira, dizendo as razões para não fazer indicações. Esta afirmação tão enfática não é usual no mundo blogueiro; pelo contrário, quase sempre busca-se a interação com o outro, o leitor:

Não costumo “fazer propaganda” nem do meu blog nem dos outros. Escrevo porque gosto e não porque quero que os outros leiam. (blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Com efeito, foi possível perceber que na formação de suas “redes de vizinhança” o que predomina mesmo é o sentido de retribuição, a mencionada cordialidade que pode até mesmo evoluir para uma possível amizade, ou uma espécie de coleguismo. Esta rede pode se formar seja através de indicação por links em seus blogs, ou pela leitura de blogs interessantes e engraçados (62,97%), que podem ter sido descobertos aleatoriamente (20,00%), ou então terem sido indicados por amigos (24,29%), reforçando-se ainda mais a questão da retribuição, o retorno da visita para aqueles que deixam comentários em seus blogs (30,00%). Busca-se algo mais do que blogs com gifs ou lindas dolss; desejam-se textos com qualidade, nas palavras dos próprios blogueiros:

Sim, (...) o critério básico é a qualidade do texto, tenha o blog a proposta que tiver (blogueira, superior incompleto, 36 anos).

Sim, indico. O critério usado é qualidade. Se acho que o blog a tem, indico (blogueira, superior completo, 22 anos).

4.3. As interações nos blogs

Para investigarmos como se processavam as interações, perguntamos qual o meio que eles utilizavam para manter contato com seus leitores: se existia espaço para comentários, se disponibilizavam seus e-mails ou ainda se se interessavam ou não por comentários. Verificamos que todos os blogueiros pesquisados utilizam sistema de comentários, e ainda dez deles também deixam seus e-mails como forma de contato. Dessa forma, os blogueiros que pesquisamos dão mostras inequívocas de que buscam a interação com seus leitores:

Aumenta a interatividade. Gosto de ouvir (grifo nosso) o que os outros pensam do que escrevo e de utilizar o blog como ferramenta de comunicação. Não publico o e-mail para evitar que seja capturado por robôs de spam. (blogueiro, superior completo, 38 anos).

Foi interessante o blogueiro mencionar a palavra **ouvir**, utilizando-a no sentido de conversa mesmo, confirmando o que outro blogueiro já mencionara anteriormente, dizendo que escrevia seu blog para as pessoas, porque ao sentar diante do computador ele via o blog como “as pessoas”, no sentido de personalizar mesmo a comunicação, de *atribuir dotes e qualidade pessoais a algo*, como menciona o dicionário eletrônico Michaelis. O blog é o espaço personalizado de cada um, e eles vêem os outros que vêm visitá-los também como “as pessoas”.

A importância dos comentários é tamanha que estes são citados como a razão para se escrever o blog; eles são a resposta que o blogueiro tem ao escrever e publicar seus textos, sendo inclusive fonte de inspiração e mesmo de intromissão no ato de escrever:

Sem os comentários, eu não teria razão para escrever um blog. Minha intenção é justamente provocar interação entre os leitores e eu (blogueiro, pós-graduado, 35 anos).

Se vou publicar porque não saber o que as pessoas pensam a respeito? Que autor tem essa oportunidade? Isso influi e contribui na sua maneira de escrever, na sua clareza, no seu pieguismo, no seu jeito um tanto quanto reacionário de ser, na sua vaidade, na qualidade abstrata e obscura de suas idéias e ideais... (blogueiro, pós-graduado, 29 anos).

Com efeito, o blogueiro pode, ao deparar-se com os comentários sobre o que escreve, redefinir suas idéias, suas expectativas, não que isto signifique uma maleabilidade incoerente de opiniões ou um esforço constante para agradar outrem, mas porque ninguém é tão suficientemente centrado e perfeitamente realizado que não possa surpreender-se com visões que contribuem para que pense de outra forma, ou então que veja uma questão por prismas diferentes daqueles aos quais está acostumado.

Os comentários dão o retorno ao blogueiro sobre o que ele está escrevendo, são o instrumento de interação que o blogueiro tem com seus leitores, sendo portanto uma ferramenta de comunicação. O valor dado a eles é tão grande que pode ser responsável pela postergação da publicação de textos novos. Apesar da busca pela fama não ser

primordial, há quem se importe com o número de comentários, responsável pela “popularidade” do blog:

É interessante saber o que os outros têm a dizer a respeito do que escrevi. Também é um espaço para os amigos distantes deixarem comentários (blogueira, superior completo, 25 anos).

Comentários são importantes, é bom saber que alguém está lendo o que você escreveu, que não fez aquilo para nada. Os blogueiros trocam comentários entre si, pois eles trazem uma certa moral ao blog, quanto mais comentado, mais popular o blog é. Eu mesmo às vezes deixo de postar esperando que alguém comente apenas para não fazer com que o post antigo fique com um número muito baixo de comentários. (blogueiro, segundo grau incompleto, 15 anos).

Procuramos saber ainda, se eles respondiam ou não aos comentários de seus leitores, informação que consta na Tabela 21.

Tabela 21 – Resposta aos comentários.

Respostas	Nºs absolutos	Percentual
Nunca	02	7,41%
Raramente	01	3,70%
Algumas vezes	04	14,82%
Quase sempre	08	29,63%
Sempre	12	44,44%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Um total de 20 blogueiros pesquisados (74,07%) responde aos comentários “quase sempre e sempre”. Suas alegações para isso são:

Gosto do princípio da reciprocidade (blogueiro, superior completo, 38 anos).

Procuo sempre retribuir as visitas que recebo (blogueira, superior completo, 25 anos).

Vemos surgir novamente a questão da retribuição, ou os leitores interferindo na inspiração do blogueiro através do entendimento que eles possam ter tido, ou não, a respeito do que escreveu:

Normalmente, utilizo comentários para escrever o próximo post, muitas vezes respondendo a questionamentos ou justificando o post anterior que não tenha sido bem entendido (blogueiro, pós-graduado, 35 anos).

A preocupação é tão grande com a resposta dos leitores que alguns blogueiros, previnem-se:

Uso dois sistemas de comentários, caso um falhe, há o reserva também ligado ! (blogueiro, superior incompleto, 28 anos).

Qual a graça de escrever em um ambiente interativo como a internet, sem ter retorno dos leitores, para o pior ou o melhor? Disponibilizo dois sistemas de comentários (era comum um ou outro estarem fora do ar, assim, os leitores sempre podiam comentar: era quase impossível os dois sistemas estarem fora do ar ao mesmo tempo) e também disponibilizo meu e-mail direto, para comunicações mais pessoais e/ou quando a pessoa não se interessa em apenas comentar.(blogueiro, segundo grau completo, 24 anos).

Os comentários têm a vantagem de serem mais rápidos, já que ficam normalmente em cima ou abaixo do que o blogueiro postou; desta forma; não é preciso que o leitor tenha que abrir outra página, ou o que quer que seja que utilize para mandar um e-mail:

Tem espaço pro comentário, pra deixarem a opinião e o endereço de seus blogs também, pois funciona tão bem quanto um email e é mais rápido (blogueira, segundo grau completo, 18 anos).

O leitor é valorizado, mesmo que a blogueira se recrimine por isto:

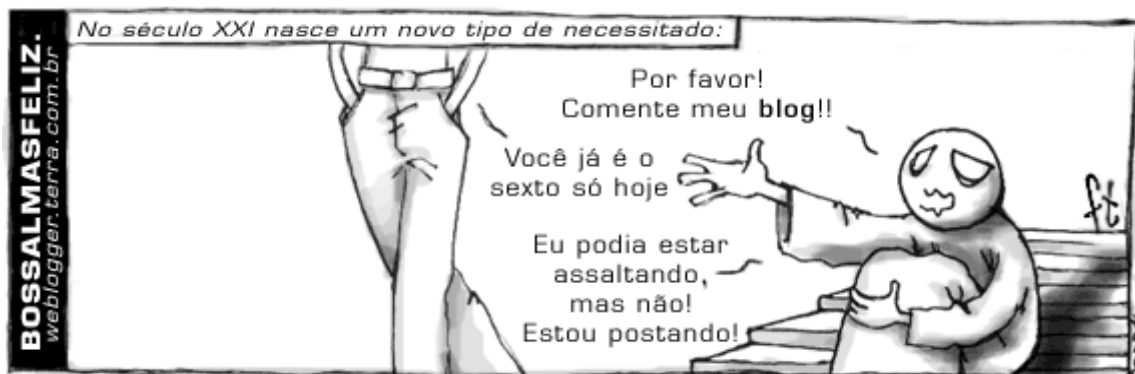
Importo-me demasiadamente com a opinião alheia a meu respeito(blogueira, segundo grau incompleto, 17 anos).

Segundo outra blogueira, os comentários são a “democracia” presente nos blogs, mas também possuem características negativas, nem tudo são flores:

Digamos que o comentário e o mail são formas de democratizar o blog, você não fica ali falando sozinha, há o feedback possível. Por outro lado, meu sistema de comentários permite que eu edite ou delete os comentários, porque eventualmente alguém deixa algum comentário nada polido, o que não é nada legal. Mas para falar a verdade, graças a esses comentários grosseiros, já considerei várias vezes a possibilidade de não ter mais espaço para comentários (blogueira, pós-graduada, 26 anos).

Eles retribuem visitas, dedicam-se aos seus blogs, mas como recebem as visitas dos outros? Serão estes outros sempre respeitosos ou não? Dúvidas que precisávamos investigar, e cujas respostas expomos abaixo.

4.4. Os comentários indesejáveis: evitá-los ou respeitá-los, eis a questão



por Fabio Takehara - Blog's owner

O que aponta a blogueira, em seu comentário acima, não foi a opção da maioria, e a charge acima ilustra a necessidade dos comentários. Perguntados se ao receberem algum comentário desagradável em seus blogs costumavam editá-lo, apagá-lo ou se o deixavam tal como foi enviado, 19 dos blogueiros pesquisados (67,86%) afirmaram deixar o comentário como está, e nove deles (32,14%) o apagam. A discordância dos números deve-se a um blogueiro que marcou as duas opções, justificando-se da seguinte forma:

Dependendo da gravidade, eu ignoro e deixo como estava, pois logo vem outro post e aquilo será esquecido... Porém, se a pessoa me ofende ou diz algo agressivo ou pornográfico eu edito, pois se eu apagasse iria diminuir o número de comentários...(blogueiro, segundo grau incompleto, 15 anos).

O fato dos blogueiros não deletarem os comentários desagradáveis que receberam talvez revele um exercício do que Giddens(1993) chama de *democratização radical da esfera pessoal*, ou seja, o exercício da negociação nos relacionamentos, feita principalmente a partir do respeito pelo que o outro pensa, ao invés da simples imposição de idéias. Um relacionamento arquitetado quando o blogueiro partilha sua

vida, seus interesses, seus problemas, mas que não segue os moldes das relações tradicionais, mas está firmado em uma confiança que se estrutura conforme o desenvolvimento do relacionamento, que pode levar inclusive a criação de laços de amizade.

De fato, foi possível perceber na comunidade blogueira, a exigência de sentimentos de afabilidade, tolerância e de incentivo mesmo à liberdade de opinião. No entanto, o não apagar os comentários também foi justificado por sentimentos de superioridade, indiferença (ou ainda problemas técnicos). E ainda cuidado com a imagem que as outras pessoas possam ter do blogueiro:

primeiro porque não ligo para o que pessoas banais que mal conheço dizem de mim, e segundo que em meu servidor não tem como apagar os comentários(blogueira, primeiro grau completo, 14 anos).

Se alguém quis comentar, mesmo sendo desagradável, que comente. Os comentários não me elevam nem me rebaixam. (blogueiro, superior incompleto, 20 anos).

É melhor para a minha imagem mostrar que sei ouvir as críticas do que ir apagando quem fala mal de mim. (blogueiro, superior incompleto, 20 anos).

Mas a democratização de que fala Giddens (1993) existe no respeito pela posição do outro, e a interatividade faz parte deste relacionamento:

Não costumo editar críticas pois elas fazem parte ativa do blog, é a opinião de um dos leitores, ou vários. Costumo analisar se a crítica teve fundamento ou não, se a pessoa deixa o endereço de seu blog, costumo retribuir a visita e responder ao comentário, analisando também com olhar crítico os posts da pessoa. (blogueira, segundo grau completo, 18 anos).

A intolerância a comentários desagradáveis foram poucos, mas também houve manifestações nesse sentido:

Não tenho obrigação nenhuma a ouvir desaforos no meu blog. Escrevo o que gosto e o que penso... se alguém não gostou então vá ler outro blog e não me encha o saco. Não obrigo ninguém a ler e também não vou mudar minha opinião porque alguém não gostou.(blogueira, pós-graduada, 28 anos).

Nunca tive problemas em relação à isso. Mas apagaria, se ocorresse, já que o blog é meu, não preciso, nem devo aturar ofensas à minha pessoa por lá.(blogueira, superior completo, 22 anos).

Uma identidade em processo, diuturnamente afetada pela reflexividade, é, assim,

forjada nos blogs, “cozida em um caldeirão” em que entra a coerção representada pelas críticas feitas pelo leitor, ou mesmo pela censura íntima exercida pelo blogueiro. Nela entra ainda a criatividade que o leitor traz com seus comentários, colaborando com idéias novas e pontos de vista jamais pensados pelo blogueiro. De fato, normalmente quem vê uma situação “de fora” pode ter do mesmo um entendimento que nunca tinha ocorrido àquele que está vivendo a situação, e ainda trazer interesses diferentes que ampliem as perspectivas, talvez não refletidas por quem está escrevendo o blog e expondo sua intimidade e convicções.

De qualquer forma, segundo os blogueiros, quem se dispõe a utilizar comentários deve estar preparado para ouvir as possíveis críticas que possam surgir:

Primeiro, que, se eu estou me expondo a escrever um blog sobre assuntos tão íntimos, sensíveis e polêmicos, devo estar preparado para receber todo tipo de comentário. Mesmo as críticas. Até mesmo os comentários que são feitos só pra sacanear. Meus leitores são fiéis e eu prego sempre que sou transparente e sincero. Manipular comentários seria como estelionato, ao meu ver. Segundo que não sei (nem me interessa aprender) editar comentários. (blogueiro, pós-graduado, 35 anos).

Mesmo aqueles que disseram apagar comentários desagradáveis, afirmam que só o fazem no caso de eventuais xingamentos. Eles estão dispostos a ouvir opiniões diferentes das suas, mas não a tolerar insultos ou palavras de baixo calão, pois consideram seus blogs como se fossem suas casas, mesmo sendo virtuais; desta forma, quando se entra em casas alheias, deve-se respeitar o território em que se está:

Quando comentamos em um blog devemos nos comportar como quando estamos na casa de alguém, pois afinal o blog é a casa “digital” da pessoa. Se alguém começasse a me xingar e me agredir verbalmente na minha casa eu faria com que a pessoa se retirasse, da mesma forma retiro comentários cuja única função é agredir. Se esta pessoa quer ser livre para dizer o que quiser, que faça uso da sua liberdade criando um blog para si e escrevendo lá todos os impropérios que queira, mas se quiser participar do meu espaço, como eu expliquei, que seja com respeito. (blogueira, superior incompleto, 36 anos).

Em geral, eles são a favor da liberdade de opinião e contrários a censurar seus leitores:

Respeito à opinião de cada um, cada um tem o direito de dizer o que pensa, assim como que tenho quando escrevo (blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Sou contra qualquer tipo de censura. Editar comentários seria uma forma de censurar a opinião de outra pessoa (blogueiro, superior incompleto, 36 anos).

Em resumo, os blogueiros partilham uma mescla de diferentes sentimentos quando se trata de pensar sobre a intervenção dos leitores em seus espaços, suas “casas digitais”, mas demonstraram muito respeito pela opinião alheia, embora ela seja divergente das suas, às vezes. Pode-se afirmar a respeito de grande parte dos blogueiros pesquisados, que estes vivem relacionamentos puros com seus leitores, parafraseando Giddens (1993), pois estão na relação blogueiro-leitor sem outra intenção além a de obter o prazer que esta relação possa trazer; eles não estão atrelados a convenções sociais, ainda mais quando seus leitores não são conhecidos ou amigos, e este foi um aspecto que este questionamento ressaltou. São indivíduos dispostos a ser o que Giddens (1993) chama de colaboradores do diálogo, o que se pode comprovar na fala da blogueira que, ao receber comentários mais “críticos”, os analisa com cuidado e retorna ao blog de quem comentou para fazer a mesma coisa, se encontrar razões para tal. Isto é, pensa sobre o que seu leitor escreveu, para saber se descobre aspectos até então desconhecidos para si mesma, ou seja, avalia se as críticas têm embasamento. Então, utiliza a linguagem argumentando criticamente sobre o que seu leitor fala, já que quase todos os leitores de blogs também são blogueiros e normalmente deixam seus endereços. Não parece existir em seu comentário uma intenção de retornar a crítica apenas pelo prazer de iniciar uma contenda escrita.

Existe também o interesse em “arrumar a casa”, para que as “pessoas” gostem de freqüentá-la, tornando-a mais bonita, mais leve ao carregar a página do blog, assunto que abordaremos em seqüência.

4.5. A competência técnica e a arrumação das casas digitais

Os blogueiros têm a sua disposição softwares com modelos prontos de layout para seus blogs. Perguntamos a eles se utilizavam estes modelos e nove deles (33,33%) responderam afirmativamente; um deles (3,70%) menciona que faz isto às vezes, e 17 deles (62,97%) não os utilizam, preferindo desenvolvê-los autonomamente. A quantidade de blogueiros que não utilizam modelos prontos ajudou a desmistificar a crença de que eles não sabem linguagem de programação. Também inquirimos se quando eles mudavam seus layouts faziam isso sozinhos ou procuravam ajuda. Dos 20

que admitiram mudar seus layouts, 16 deles (80,00%) o fizeram sozinhos e quatro deles (20,00%) procuraram ajuda. Mudar o layout significa tornar a “casa digital” mais bonita para os leitores, e mostrar que se tem conhecimento em linguagem de programação.

Assim, se o boom dos blogs ocorreu em grande parte devido ao fato de não ser necessário conhecer linguagem de programação para poder utilizá-lo, com o tempo veio o desejo de “arrumar a casa”, sendo necessário aprender como fazê-lo. A facilidade de uso do software pronto pode despertar a vontade em quem é “leigo” em relação à competência técnica exigida, mas com o tempo de manejo o blogueiro parece sentir necessidade de aprender mais.

Para comprovar que nossos blogueiros não são totalmente leigos em questões de competência técnica, perguntamos se eles já haviam usado algum tipo de página pessoal na Internet. Verificamos que dez (37,04%) já utilizavam algum tipo de página pessoal antes do advento dos blogs, e 17 (62,96%) não. O fato de alguns deles já possuírem intimidade com linguagem de programação provavelmente facilita muito quando utilizam em seus blogs modelos de layout prontos, pois podem modificá-los ou então simplesmente criar seus próprios, além de poderem usufruir outros recursos técnicos, como sistema de comentários, contador de acesso, etc. Mesmo estes não necessitam de grande competência técnica, pois esta pode se resumir a copiar e colar códigos de HTML. Ainda assim, quando se trata de deixar “bonita a casa digital” é necessário saber algo a respeito.

Perguntamos a nossos blogueiros se eles tinham mudado o layout de seus blogs para torná-los mais bonitos a fim de atrair mais leitores: 15 deles (55,56%) admitiram ter feito isto e 12 deles (44,44%) não. No entanto, as respostas foram ambíguas quanto à mudança ter sido feita para atrair mais leitores, pois admitem tê-la feito, marcam a opção sim – que teria relação com agradar os leitores – mas justificam dizendo que fizeram isto para si próprios:

Sim. Mudei não para atrair leitores, mas para me agradar. (blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Não para atrair mais leitores, mas para tornar o visual mais agradável (blogueiro, pós-graduado, 56 anos).

Se o objetivo não é agradar os leitores, mas a si mesmos, por que manter um

blog público? Novamente se repete à dicotomia: o blog é do blogueiro, mas ele quer leitores, e até arruma sua “casa digital” para que fique mais bonita; ao mesmo tempo, ele marca seu território, e vê o blog como primordialmente seu. E neste jogo, o blog fica sendo do blogueiro, onde ele recebe qualquer pessoa; se às vezes se ofende com as “visitas”, também respeita as opiniões dos visitantes.

Os motivos indicados para mudar os layouts são vários: pode ser por terem cansado dele; para deixar os blogs mais bonitos; e ainda para que quando as pessoas entrem neles percebam o autor presente no blog, ou seja, para que a “casa digital” pareça com o blogueiro:

Não mais bonito para atrair mais leitores, mas para facilitar a leitura e torná-lo mais próximo do que eu penso que seria ideal. Afinal, é o meu diário, é imprescindível que tenha “a minha cara”.(blogueiro, segundo grau completo, 24 anos).

Tento fazer do meu blog algo divertido e diferente, e também que fique com a “minha cara” (blogueiro, segundo grau incompleto, 15 anos).

4.6. A questão de saber quem são os outros, os leitores

Da mesma forma que desejávamos saber se eles arrumavam suas “casas digitais”, nos interessava conhecer a respeito da curiosidade que eles pudessem ter a respeito de seus leitores. Para elucidarmos tal fato, perguntamos a eles se queriam saber quem eram os leitores do seu blog, se amigos ou desconhecidos, e de que lugar eles procediam.

Tabela 22 – Interesse pelos leitores dos blogs

Interesse em saber quem são os leitores	Nºs absolutos	Percentual
Sim	17	62,97%
Não	09	33,33%
Não respondeu	01	3,70%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Dos blogueiros pesquisados, 17 deles (62,97%) desejam saber quem está lendo

seus blogs:

Me preocupo, pois quero saber quem está lendo minhas loucuras. (blogueira, superior incompleto, 25 anos).

SEMPRE! Eu quero saber pra quem estou escrevendo!!! Gostaria de conhecer todos pessoalmente, mas é difícil !! (blogueiro, superior incompleto, 28 anos).

Sim, por curiosidade (blogueira, pós-graduada, 28 anos).

A curiosidade a respeito de quem os está lendo acontece mesmo que os blogueiros saibam que nem todos os que visitam os blogs deixam comentários, pois se eles possuem contadores de acesso, sabem que as visitas acontecem e que poucas pessoas comentam:

Sim, sempre me interessa em saber quem são as pessoas que lêem, mas nem todos que visitam deixam comentários ou recados. Tenho leitores assíduos que sempre comentam (os quais eu também visito freqüentemente), mas acredito que existam outros anônimos (blogueira, pós-graduada, 26 anos).

No entanto, o desejo de saber quem está lendo o blog depende sobretudo do que o leitor comentar no mesmo:

Sim, mas não sempre. Depende do tipo de comentário que a pessoa deixa. Se for um “oi, passei por aqui, comenta no meu blog” às vezes nem vou olhar o blog da pessoa (blogueira, pós-graduada, 26 anos).

Já argumentamos anteriormente que os comentários apreciados são os que digam alguma coisa a respeito do conteúdo, mas o retorno do leitor é sempre importante; tanto que alguns blogueiros chegam a manter contato além do blog:

Sim, me preocupo às vezes do que irão achar dos meus textos e fotos... talvez uma questão de insegurança pessoal quem sabe. Mas acredito que todos pensem assim. Mesmo porque, a maioria das pessoas que vão ao meu blog são desconhecidos (blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Sim, teclo com todos pelo MSM (blogueira, superior incompleto, 23 anos).

Sempre procuro conhecer todos que me escrevem por email. Eventualmente, eu corro atrás de conhecer alguns que fazem comentários muito interessantes. (...) Sempre procuro saber, pelo menos, a idade, de onde é e que tipo de relacionamento afetivo a pessoa tem (blogueiro, pós-graduado, 35 anos).

O interesse por saber quem são os visitantes, seus leitores, deve-se a poder

estender aspectos da vida on-line para a off-line, conforme relata este blogueiro:

Sim, pois quando são meus amigos, gosto de comentar sobre o assunto, ou quando são blogueiros gosto de saber quem são para poder entrar no blog deles também (blogueiro, segundo grau incompleto, 15 anos).

Um de nossos blogueiros, entretanto, não abre seu blog para visitas inoportunas e se justifica dizendo qual é seu interesse:

Não tem sentido um sujeito utilizando um sistema de busca como o google encontrar meu blog procurando por “velhinhas com calcinhas vermelhas”, por exemplo. Meu blog não consta no google e em diversos sistemas de busca (existe um código específico nele para isso). (...) me interesso por aqueles que participam e/ou que chegam pelas poucas fontes de acesso que existem: blogs de amigos e links que deixo na internet, em comentários ou em perfis públicos (blogueiro, segundo grau completo, 24 anos).

Este tipo de manifestação confirma o que já argumentamos antes a respeito de ser conhecido na Internet, e que nossos blogueiros não demonstraram ser adeptos a esta tendência.

Dos nove (33,33%) blogueiros que não demonstram empenho em saber quem são seus leitores, alguns deles ao justificarem suas respostas relativizaram-nas, mas se pode perceber que havia algum interesse sim:

Não que seja uma preocupação, mas me interessei por conhecer algumas pessoas que me liam, e ficava feliz ao saber que um conhecido tinha lido meu blog. Alguns não eram amigos e se tornaram, na medida em que permiti a aproximação de pessoas que achei interessantes (blogueira, superior incompleto, 36 anos).

Esta relativização da resposta e a conseqüente afirmação de interesse é demonstrado pela constância do leitor, que acaba convencendo o blogueiro a se interessar por ele:

Não. Quando são amigos sei que são. Quando voltam sempre(...) aí sim procuro saber melhor quem são (blogueiro, pós-graduado, 29 anos).

Os blogueiros hospedam seus blogs na Internet, e portanto não estão fadados a ficar fechados em redutos que falem apenas sua língua materna, nem a receberem apenas conterrâneos. Para elucidarmos isto perguntamos se eles escreviam seus blogs utilizando outras línguas que não fosse o português, pois queríamos saber se eles

desejavam ampliar suas possibilidades de leitura. Um total de 17 blogueiros (62,96%) usam apenas o português, enquanto dez deles (37,04%) utilizam também o inglês, mas esta língua serve para postar letras de música, citações ou pequenas frases. Francês, italiano e alemão são muito pouco usados. A única exceção a respeito de um uso efetivo da língua inglesa é um blogueiro que posta em português e em inglês, e possui em seu blog um contador de acesso que permite identificar de que país é o visitante. Este blogueiro inclusive mora no exterior, e deve ser por este motivo que utiliza um contador que lhe permita esta opção.

Desejamos complementar o que se refere à sociabilidade on-line, abordando o tema da amizade. Este é um dos aspectos que mais nos interessaram quando da realização da pesquisa, pois diz respeito à capacidade de compartilhar a intimidade.

4.7. A amizade iniciada pelos blogs, uma miscelânea de sentimentos

Para atingirmos o objetivo acima, primordial em nossa pesquisa, perguntamos aos blogueiros se através de seus blogs eles tinham conhecido pessoas e formado amizades.

Tabela 23 - Laços de amizade blogueira

Laços de amizade	Nºs absolutos	Percentual
Sim	23	85,19%
Não	04	14,81%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora

Dos blogueiros pesquisados, 23 deles (85,19%) dizem ter iniciado amizade por meio de seus blogs, e apenas quatro deles (14,81%) não o fizeram. Este resultado nos surpreendeu, apesar de termos em nossas observações anteriores, percorrendo os blogs, percebido que se estabelecia uma espécie de afeto entre o blogueiro e seus leitores. Não sabíamos, porém, como eram realmente estes afetos e se eles diferiam dos que são constituídos presencialmente. Fizemos este questionamento também aos blogueiros.

Argüimos se estas amizades permaneceram apenas on-line ou se tinham se estendido para contextos off-line, ou seja, se houve encontros face-a-face, e ainda se eles foram mantidos on-line e off-line, concomitantemente.

Tabela 24 - Contextos da amizade

Contextos da amizade	Nº s absolutos	Percentual
Apenas on-line	11	44,00%
On-line e off-line	07	28,00%
Encontro pessoal	07	28,00%
Total	25	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora

Para 11 blogueiros (44,00%), a amizade ficou limitada à esfera on-line. Outros sete blogueiros (28,00%) tiveram encontros pessoais com seus novos amigos. Já sete deles (28,00%) levaram a amizade de forma on-line e off-line respectivamente.

Se adicionarmos às respostas as alternativas on-line e off-line e encontro pessoal, elevaremos o percentual de blogueiros que estenderam suas amizades para além do ciberespaço para 56,00%, (mesmo considerando o blogueiro que assinalou todas as alternativas), e isto supera o percentual (44,00%) dos que mantiveram apenas contatos on-line. Entretanto, mais do que apenas saber sobre percentuais, nos interessava perceber como eles entendiam este tipo de amizade, já que o meio em que ela começou é ainda novo para nós, está em seu início.

Tentamos categorizar as respostas de nossos blogueiros a partir das justificativas que eles ofereceram a respeito do valor da amizade, das diferenças que poderiam acontecer pelo fato desta ter começado apoiada em um meio tecnológico. A partir de suas observações, chegamos a cinco tipos de classificação: diferente para melhor; diferente para pior; diferente, mas sem valoração; amizade é sempre igual, independentemente do meio; amizade ideal é a que combina a presença física e a virtualidade.

Dos 23 blogueiros que admitiram ter feito amigos on-line (vide tabela 23), 21 deles forneceram justificativa para isso. Alguns deles, em suas respostas, manifestaram-se referindo-se a mais de uma tendência, e por isto a tabela 25 registrou um total mais elevado. Lembramos aqui que a ambivalência tem sido a tônica em

relação a algumas respostas, e neste tópico isso não foi diferente. Achemos enriquecedor para a pesquisa mostrar que eles podem pensar coisas diversas, e assim adotamos este tipo de procedimento: incluí-los em categorias diversas, mesmo que às vezes pareçam contraditórias.

Tabela 25 – Tipos de amizade

Tipos de amizade	Nº s absolutos	Percentual
Diferente para melhor	11	29,73%
Diferente para pior	10	27,03%
Diferente sem valoração	01	2,70%
Amizade é sempre igual	07	18,92%
Amizade ideal: virtual e presencial	08	21,62%
Total	37	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

A amizade feita na Internet é, antes de tudo, diferente. É o que se conclui quando verificamos que as respostas nas categorias “diferente para melhor” (29,73%), “diferente para pior” (27,03%) e “diferente sem valoração” (2,70%), todas elas somadas chegam a um percentual de 59,46%.

Os que consideram que a amizade é sempre igual, embora o veículo seja distinto, atingiu um percentual de 18,92%. A combinação ideal para parte dos blogueiros seria a possibilidade da virtualidade ao mesmo tempo em que os encontros presenciais também acontecessem, alternativa com um percentual de 21,62%.

Consideramos que a análise enriqueceria se confrontássemos as respostas a partir dos que travaram apenas relações on-line, ou seja, 11 blogueiros (vide tabela 24). Destes, sete deles (63,64%) avaliam que a amizade é diferente para pior. Dois deles (18,18%) consideram que a amizade desta forma é melhor e um (9,09%) não estabeleceu diferença de valor. Um deles não respondeu e outro (9,09%), pelas suas resposta,s está incluso nas três categorias: diferente para melhor ou pior e amizade ideal. Este considera que o ideal é a combinação das duas possibilidades: a on-line e a presencial:

Por escrito às vezes é possível conversar coisas que não se conversa normalmente com conhecidos em encontros presenciais. Abre-se espaço para mais confidências, creio. Por outro lado, a falta de presença física é limitante

em relação às possibilidades de conhecimento mais profundo do outro. Perde-se toda a riqueza da linguagem do corpo e há uma tendência maior de idealizar as pessoas (o que, diga-se, também ocorre no presencial, mas o encontro com a realidade é mais rápido). São formas diferentes de amizade. Creio que o ideal é combinar o presencial com a distância.. (blogueiro, superior completo, 38 anos).

Sete blogueiros mantêm relações de amizade on-line e off-line (vide tabela 24) e seguimos analisando em comparação com as categorias citadas acima. Lembramos que eles poderiam ter escolhido mais do que uma opção. Aqui as respostas modificam-se, talvez pelo fato dos blogueiros manterem ambas as formas de contatos. A amizade que inicia através da CMC foi considerada diferente para melhor com um percentual de 40,00%, e os que acham que é pior são apenas 20,00% deles. Quem considera que a amizade é igual atinge um percentual de 26,67%, talvez pelo motivo acima citado, de já terem se relacionado presencialmente. Já 13,33% consideram ideal a combinação das duas formas de amizade, virtual e presencial.

Ao tratarmos dos blogueiros que já se encontraram pessoalmente com seus amigos feitos através da CMC (vide tabela 24) e compararmos suas definições de amizade, 36,36% deles consideram que a amizade iniciada via blog é diferente para melhor, enquanto 27,28% consideram a amizade igual, seja em que contexto tenha se dado o início da mesma. O percentual dos que consideram a amizade diferente para pior e o tipo ideal de amizade – virtual e presencial – é o mesmo, com 18,18% das respostas. Seguimos lembrando que os blogueiros externaram mais que uma tendência em suas respostas. Novamente constatamos que o maior percentual (36,36%) acontece nos que consideram a amizade diferente para melhor e recordamos que estes blogueiros mantiveram contatos pessoais, o que é significativo e confirma a tendência percebida nos blogueiros que mantêm relações de amizade on-line e off-line respectivamente.

A seguir, passamos a relatar os sentimentos que este tipo de amizade desperta nos blogueiros. Existe uma mescla de sentimentos a esse respeito, e eles os interpretam de distintas formas. Nas análises que confrontaram os blogueiros que tiveram contatos pessoais e levam a amizade on-line e off-line, os percentuais de satisfação nos dizem que eles não desprezam esta amizade iniciada pelo meio eletrônico; pelo contrário, a consideram enriquecedora, apesar de se perder a linguagem do corpo e de poder acontecer a idealização da pessoa. A ambivalência aparece nas falas, como as duas

transcritas a seguir, que são de blogueiros que se relacionam apenas on-line:

Eu considero que as minhas amizades feitas de uma maneira “tradicional” têm mais valor sim. Porém a partir do momento que essa amizade virtual começa a ser presencial as coisas mudam e ela começa a ter o mesmo valor (blogueira, superior incompleto, 25 anos).

as minhas amizades foram diferentes sim daquelas que conheci por outros caminhos. Num certo sentido, para melhor. Porque a forma de conhecer essas pessoas era mediada restritamente pela nossa comunicação e, claro, personalidades. E transitava apenas nesse meio. Uma pessoa não aparecia na minha vida e gostava de mim porque eu era bonito ou feio (não sabia que rosto eu tinha), (...) sempre procurei encontrar pessoas interessantes e grandes amigos “virtuais”. Estes são insubstituíveis do seu modo (blogueiro, pós-graduado, 29 anos).

Outra questão apontada por eles diz respeito às máscaras que se pode utilizar neste tipo de comunicação, aspecto que pode ser visto como negativo. Para outros, porém, esta é uma característica enriquecedora; o meio eletrônico ao mesmo tempo em que pode esconder ou mascarar também permite maior revelação, podendo ser até mais fácil descobrir quando se usam subterfúgios:

A Internet é um meio muito impessoal de tratar com pessoas, ao relacionar-se através da Internet estamos tratando com pessoas virtuais. Essas pessoas podem ser ou não aquilo que acreditamos que ela seja (blogueira, segundo grau completo, 18 anos).

O meio não difere o relacionamento, pelo contrário, torna-o até mais confiável, por permitir que as pessoas se conheçam em termos de idéias, opiniões e valores antes de conhecerem a “casca”. Obviamente, isso não é válido para todo mundo na Internet, existem personagens sendo representados em maior e menor grau, mas isso é relativamente mais fácil de se identificar “on-line” do que no dia-a-dia.(...) Creio também que a “proteção” e a “máscara” que a Internet oferecem possibilitam mais honestidade e sinceridade. Na Internet, posso bloquear o usuário, posso fingir que “caí”, posso mudar meu endereço. Na vida real não é tão fácil (blogueiro, segundo grau completo, 24 anos, relaciona-se on-line e off-line).

Acho que as amizades virtuais tem o mesmo valor, senão mais, do que as feitas em outro meio. Pela Internet você tira suas máscaras e se mostra de um jeito que normalmente não acontece. Você desabafa, mostra seu interior mesmo (blogueira, superior incompleto, 19 anos, já se relacionou pessoalmente).

Justamente esta característica de permitir uma maior revelação é que torna a amizade diferente. Com efeito, o fato de conhecer a pessoa através do que ela escreve, pode suscitar a vontade de conhecê-la, e o que às vezes impede que isto aconteça é justamente a questão geográfica; este desejo de conhecimento pode inclusive ter por finalidade mais do que uma simples amizade, conforme ressalta a fala do blogueiro que segue:

As amizades feitas no blog diferem demais das feitas no dia-a-dia, pois, no blog, as pessoas já me conhecem demais. As do dia-a-dia, pouco sabem sobre minha vida. E isso torna a relação muito diferente (blogueiro, pós-graduado, 35 anos, já se relacionou pessoalmente).

No entanto, tenho um elenco de mais de 10 nomes de pessoas que eu PRECISO conhecer de verdade. Alguns ligados a sexo. A maioria por amizade mesmo. Se eu morasse num centro como Sampa ou Rio, já teria feito várias amizades pessoais... e já teria transado com muita gente também. Talvez, até já estivesse envolvido (blogueiro, pós-graduado, 35 anos).

A aptidão de compartilhar a intimidade – que Giddens (1993, p.146) define como *acima de tudo uma questão de comunicação emocional, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal* – é o que os blogueiros exercitam em seus blogs, o que se torna enriquecedor para a amizade:

Amizades virtuais, quando passam a ser pessoais, são muito melhores do que as que iniciam pessoalmente. Pela Internet você não tem medo ou vergonha de falar o que pensa e sente e quando encontra estes seus “amigos virtuais” acaba criando uma certa intimidade e a afinidade vem fácil (blogueira, segundo grau incompleto, 17 anos, amizade somente on-line).

Mas acho que algumas pessoas (nem todas), que conheci pelos blogs, eu as conheci melhor de forma mais rápida, pois elas transcreviam no blog seus pensamentos e sentimentos, falando com intimidade sobre si mesmos, compartilhando seus universos internos, o que facilitou o processo de se identificar e de se aproximar.(...) (blogueira, superior incompleto, 36 anos, amizade on-line e off-line).

É interessante notar a ressalva que faz uma blogueira, ao mencionar que o fato de uma amizade ter se tornado íntima não advém apenas de ter sido iniciada através dos blogs:

No entanto, fiz algumas amizades pelos blogs que até hoje são superficiais, depende da pessoa também e não só dos blogs, ainda que o blog facilite, já que nada acontecerá se o autor do blog não for uma pessoa acessível (blogueira,

superior incompleto, 36 anos, amizade on-line e off-line).

Há a consciência de que os blogs não constituem um outro mundo em que se digam palavras mágicas e tudo estará solucionado, é somente um outro contexto; este não depende apenas da tecnologia, embora esta possa ser facilitadora dos contatos:

Conheci muita gente através do meu blog e algumas dessas pessoas acabaram tornando-se amigas. Com relação ao valor da amizade, acho que a resposta seria sim e não. Depende da pessoa, e de você com a pessoa, assim como as amizades do “mundo real”. Às vezes uma amizade funciona muito bem na Internet e na vida real não rola. O mais interessante é ter conhecido muitas pessoas de outros lugares com as quais estendi minha comunicação para além do blog.(...) (blogueira, pós-graduada, 26 anos, amizade on-line e off-line).

Amizades são amizades, independente do meio em que elas surgiram. Conheci muitas pessoas pela internet. Seja por blog, mIRC, MSN ou fotolog. Considero todos da mesma maneira. Assim como tem pessoas que conheci pessoalmente e não considero amigos, tem pessoas que conheci na internet que não considero amigos (blogueiro, superior incompleto, 21 anos, já se relacionou pessoalmente).

Não existe outra vida na Internet, é a mesma vida apenas em um contexto diferente, pois se limita ao mundo das idéias; e este é que está exposto em palavras:

Acredito que não é possível comparar... a amizade feita através dos blogs, pelo menos no meu caso, é fundamentada principalmente nas idéias que defendo no blog. A partir daí, temos assuntos comuns para discussão. Não são amizades melhores ou piores, apenas diferentes, restritas a um mundo virtual...(blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Um de nossos pesquisados acha que o meio eletrônico é frio demais para que se forme uma amizade verdadeira, e somente quando acontece o contato físico é que a amizade pode realmente ocorrer; mas, mesmo existindo o contato físico, este pode decepcionar:

Amizade só é amizade realmente quando ultrapassa a frieza dos monitores e passa pro calor humano, ou ao menos um telefone. Já fiz amigos on-line que se tornaram amigos off-line também (blogueira, segundo grau completo, 18 anos). Na verdade, essas amizades não tiveram calor algum, houve um “encontro de blogueiros” na minha cidade, e eu fui, depois disso nunca mais os vi, não posso dizer que chegou a ser uma amizade...(blogueiro, segundo grau incompleto, 15 anos).

A expressão dos sentimentos, pelo menos no que se refere ao visual, a linguagem

do corpo, fica truncada pela Internet, já que a interação, a comunicação é mediada pelo computador, e por mais que existam sinais que permitam imitar emoções, como os emoticons, a expressão é muito importante para entender a interação, como lembra Goffman (1970, p.5): *No entanto, a interação face-a-face ocupa um lugar especial, porque toda vez que o indivíduo pode ser observado diretamente, uma grande quantidade de boas fontes de informações expressas fica disponível.* Isto faz com que os blogueiros elaborem a noção de amizade de forma diversa, entendendo que o meio com que ela inicia é que a diferencia, embora isto não possa desmerecê-la:

amizades virtuais podem ter o mesmo valor daquelas feitas no cotidiano, só que de modo geral fazem parte de um outro sistema de fazer amigos, demanda outra temporalidade, outro sistema de provas de confiança, fidelidade, suporte e coisas do tipo. Diria que são relações estruturalmente diferentes. Formas diferentes de versar sobre o mesmo tema (blogueira, pós-graduada, 26 anos).

Os sentimentos a respeito da amizade são diversos, contudo os que já se relacionaram pessoalmente com as pessoas que conheceram através do meio eletrônico têm impressões melhores a respeito da amizade. No entanto, isto não os faz alimentar ilusões a respeito da questão. Assim como na vida presencial, a amizade pode não funcionar, não decolar, não ir além dos primeiros contatos. O conhecimento prévio feito pelo blog é um facilitador; torna-se mais rápido perceber quando se pode ser “todos o mesmo”, tal como Bauman (2001) relata sobre os shopping-centers, espécie comunidade em que se pode combinar liberdade e segurança. Parafraseando o mesmo autor, ao escrever um blog o blogueiro explicita seus interesses, e por mais que tente, é muito difícil manter uma máscara por meses a fio, ainda mais se seus leitores estão ali sempre e são assíduos, interessam-se pelo que o blogueiro escreve, identificam-se mesmo com seus relatos, e podem afinal *serem todos o mesmo*.

4.8. Blogs, entre a ajuda e a identificação

Os blogs podem servir para muitos fins, inclusive o autoconhecimento, como veremos adiante, mas derivam também da necessidade de falar e de encontrar ouvidos pacientes. Os blogueiros, ao escreverem e lerem outros blogs, partilham a intimidade e podem até mesmo compartilhar da intimidade do outro; este outro que também sente e

sofre, e talvez passe por processos parecidos. Desta forma, através dos blogs existe a possibilidade de ser ouvido em um contexto desprovido da intimidade física, e dos pré-conceitos que cercam aqueles que conhecem quem escreve.

Pode ser que a comunicação estabelecida desta forma não venha carregada de conceitos pré-concebidos, de visões arraigadas, plenas de discussões mal-resolvidas; pelo contrário, o blog poderá funcionar como um divã virtual. Numa sociedade em permanente transformação, em que nada mais é o que costumava ser e que exige a perfeição, seja ela física, intelectual ou profissional, poder falar aleatoriamente e talvez obter respostas que ajudem a pessoa a não se sentir tão insegura ou só, pode ajudar e muito.

Procuramos saber sobre isto, perguntando aos blogueiros se os leitores, ao lerem seus blogs, sentiam que o que estava escrito os ajudava de alguma forma, por exemplo, a suportar sentimentos, a partilhar problemas comuns, etc. seguem os resultados na tabela 26.

Tabela 26 – Funções de identificação e ajuda

Identificação/ajuda	Nº s absolutos	Percentual
Sim	14	51,86%
Não	08	29,63%
Raramente	02	7,40%
Outros	03	11,11%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

Tínhamos uma hipótese afirmativa nesse sentido, a qual confirmou-se já que 14 blogueiros afirmaram sentir que o que eles escrevem poderia ter sido escrito por seus leitores, isto é, estes se identificam com o blogueiro, isto num percentual elevado (51,86%). Entre o blogueiro e o leitor, acontece uma simbiose de sentimentos, entre tristezas e alegrias:

Tem um caso, de um amigo que conheci através do blog, que leu um texto meu e desabafou no blog dele, contando parte de sua história com seu pai, (com) quem não falava desde os 13 anos (blogueira, superior incompleto, 19 anos).

O blog também serve para que o leitor relaxe e se divirta, e mesmo quando não

se trata exatamente de identificação, ele ajuda a suportar as tensões do dia-a-dia de forma alegre:

Já aconteceu mais de uma vez de uma pessoa comentar que entra no meu blog para rir um pouco e levantar seu astral (blogueira, superior completo, 25 anos).

Vivemos em uma sociedade de escolhas; no entanto, fomos deixados a sós. A sós para enfrentar um mundo de incertezas em que nada mais é sólido ou seguro, e portanto viver se torna um grande risco. Um risco que tem que ser enfrentado sem os sólidos alicerces que nos diziam como tudo devia ser, como quando havíamos nascido em determinada família ou quando tínhamos uma profissão em poderíamos seguir para toda a nossa vida. Hoje, nem a profissão ou a família que escolhemos quando adultos é “para sempre”. Claro que a rigor não o foi nunca, mas a sensação de incerteza acentuou-se muito. Por isto os blogs, ao permitirem ver como os outros estão vivendo suas vidas, fazem com que os leitores identifiquem-se com o autor. Um autor que é tão anônimo quanto o leitor e que sofre e vive problemas muito parecidos e próximos. É o que nos “fala” o percentual alto de identificação que nossos blogueiros relatam em suas respostas.

O que o blogueiro abaixo escreveu é algo que o próprio leitor gostaria de ter escrito e que muitas vezes o ajuda a refletir:

Sim, esses dias por exemplo uma menina copiou e colou no comentário um longo trecho que eu havia escrito e falou que parecia que era texto dela.(...) A parte engraçada é que já encontrei por aí “fãs” da “cafeinagirl”. Nunca imaginei que isso fosse possível até pessoas chegarem e dizerem “nossa, então você é cafeinagirl? Sou sua fã.”... ou coisas do tipo “ah, quando voce falou tal coisa no seu blog, nossa, aquilo foi muito legal de ler, me ajudou nisso e naquilo”... esse feedback acontece às vezes e acho que é algo bom pra pensar (blogueira, pós-graduada, 26 anos).

Blood (2002, p.14) também fala sobre estas possíveis identificações que acontecem entre o blogueiro e seus leitores em sua jornada no universo blogueiro, e os benefícios que isto pode trazer:

Os leitores dos weblogs clicam de um blog para o outro e analisam o ponto de vista de cada blogger numa conversa múltipla. E assim eles formulam suas próprias conclusões diante daquilo que lhes é importante. Lendo o ponto de vista de outras pessoas, eles irão questionar com prazer e avaliar o que tem sido dito. Ao fazer isso, os leitores possivelmente começam uma jornada na descoberta deles mesmos tanto quanto numa jornada de uma confiança intelectual em si mesmos.

O que aflige o blogueiro é compartilhado pelo leitor, e por vezes pode levá-lo a fazer confidências:

Sim, houve uma vez que eu falei sobre os momentos mais constrangedores da minha vida e nos comentários várias pessoas começaram a me contar fatos da vida delas também...(blogueiro, segundo grau incompleto, 15 anos).

Diversas vezes.(...) No texto do dia 26 de agosto de 2004 (quinta-feira) um amigo identificou-se com meu sentimento de perda pelas pessoas que desistem dos sonhos, que desistem de apostar em sua própria capacidade de interagir com o mundo, modificá-lo e ser feliz nele (blogueiro, segundo grau completo, 24 anos).

Normalmente a identificação acontece através dos sentimentos de solidão, de desabafo, de procura por alguém para fazer companhia, a qual também esteja vivendo nesta sociedade de escolhas. Ou quem sabe já tenha até passado por momentos difíceis, conforme relata o blogueiro que segue:

Sim, acontece. As pessoas dizem que choram, se sensibilizam, dizem que a leitura ajuda a esquecer de certos problemas(...)comentários mais pessoais são sempre muito reservados, geralmente por email. Dificilmente há um como o dessa pessoa que recebi recentemente e me comoveu muito: “sabe, hoje passamos o dia juntos...estava à procura de um site de poesias e por engano acessei seu blogger...entrei em sua vida durante alguns anos...e achei algo tão interessante, descobrir alguém através de um diário virtual...eu que estava a procura de uma poesia que viesse fazer companhia a essa solidão quilométrica que me encontro, passei o dia com você: sensível, inteligente e ótima companhia...obrigada” (blogueiro, pós-graduado, 29 anos).

No entanto, apesar do percentual alto de identificação e ajuda, houve dois deles (7,40%) declarando que isto acontece raramente, e oito informantes (29,63%) que não declararam este tipo de sentimento, como justifica o blogueiro a seguir:

Como não uso como diário o meu blog, é difícil acontecer algo do tipo que tu queres (blogueiro, superior incompleto, 20 anos).

Outra surpresa em relação ao questionamento foi proporcionada por três informantes (11,11%), que ao responder a pergunta entenderam que ele dizia respeito a leitores que ajudavam:

É difícil pegar um caso específico, já que inúmeras vezes pessoas me deram apoio quando eu não estava bem e me ajudar a pensar meus problemas de forma diferente (blogueira, superior incompleto, 36 anos). Aconteceu uma vez quando estava bem deprimida e uma pessoa que não conheço me deixou um

comentário que me ajudou muito (blogueira, superior incompleto, 25 anos).

Para eles, a identificação funcionou não deles para o outro, mas do outro para eles, ou seja, o leitor além de ter ouvidos pacientes, tem também um ombro amigo; é alguém em que se pode apoiar às vezes, de quem se pode até mesmo esperar palavras de consolo.

Isto é possível porque tanto o blogueiro como os leitores estão ambos vivendo em um mesmo mundo, mesmo que estejam distantes geograficamente; as alegrias e as dores atingem a todos, e a fala do blogueiro confirma:

Sempre. Digo que meu blog é um divã pra quem escreve e pra quem lê (blogueiro, pós-graduado, 35 anos).

Um misto de identificação e ajuda portanto acontece nos blogs. Blogueiro e leitor estão interagindo, identificando-se, ajudando-se, sobre isto Blood (2003) diz:

Bloggers se estabelecem ou se edificam em suas esquinas do ciberespaço e então prosseguem a formar conexões e relações de proximidade com outros que se localizam próximo a eles. Links são trocados. Conversas iniciadas. Amizades são formadas. A Web tem possibilitado conexão com outros que são como nós somos, pessoas que se interessam pelas mesmas coisas que nós, que trabalham com as mesmas coisas que trabalhamos, ou que simplesmente vêem ou entendem o mundo como nós entendemos. Isto é, sem dúvida nenhuma, uma das grandes surpresas e prazeres referentes aos weblogs àqueles que nunca tiveram muito tempo para estar online. Através dos weblogs firmamos nossas relações humanas.

4.9. Blogs e aprendizado

Tínhamos ainda curiosidade em saber se os blogs ajudam os blogueiros a aprender algo sobre si mesmos, seja em relação aos seus sentimentos, ou aos assuntos sobre os quais eles escreviam melhor, e até se a partir deles os blogueiros se interessaram por aprender mais sobre linguagem de programação. Já tínhamos tomado contato com este tipo de possibilidade dos blogs através de algumas leituras que fizemos no decorrer da pesquisa e antes dela. Souza (2003), por exemplo, a respeito de suas incursões no mundo blog ressalta do quanto aprendeu sobre os assuntos que lhe interessavam e inclusive sobre aqueles que nem mesmo tinham passado por sua cabeça:

Ao escrever diariamente no meu If Then Else <<http://www.asseptic.org/blog/>> desde há mais de um ano, pude notar que não só me interessava em informática, cinema e música (o que não foram

surpresas), como descobri também um gosto pela política e pelas ciências sociais, áreas às quais nunca tinha prestado grande atenção. Mas ainda mais importante, manter o seu weblog e ler os outros permite ao seu autor aprender a confiar nos seus pontos de vista.

Acreditamos a partir dessas leituras, que tal fato deveria ser corriqueiro e permear o universo blog, mas para nos certificarmos lançamos mão de um questionamento a respeito. Nesta investigação, perguntamos aos blogueiros se ao escreverem seus blogs estes lhes serviam como instrumento de aprendizado. No caso, lhes oferecemos cinco motivos, e eles podiam optar pontuando de 1 a 5. Se escolhessem 1 e 2 marcariam “nunca e raramente”, 3 significava “algumas vezes” e 4 e 5 “quase sempre e sempre”. Outra vez a escolha era livre e eles poderiam marcar conforme lhes aprofundesse.

Tabela 27 – Aprendizado no blog

Aprendizado no blog	Nunca e raramente		Algumas vezes		Quase sempre e sempre		Nºs absolutos e % sobre o total das respostas
	Nºs absolutos	Percentual	Nºs absolutos	Percentual	Nºs absolutos	Percentual	
Conhecimentos em linguagem de programação	08	30,77%	06	23,08%	12	46,15%	26 <i>(22,22%)</i>
Assuntos que interessavam e sobre os quais escrevia melhor	06	28,57%	10	47,62%	05	23,81%	21 <i>(17,95%)</i>
Coisas sobre mim que ignorava, como sentimentos, preferências	08	34,78%	06	26,09%	09	39,13%	23 <i>(19,66%)</i>
A confiar no meu ponto de vista sobre algum assunto	07	29,16%	04	16,67%	13	54,17%	24 <i>(20,51%)</i>
A aperfeiçoar minha maneira de escrever	05	21,74%	06	26,09%	12	52,17%	23 <i>(19,66%)</i>
Total							117

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora.

A maior parte das respostas concentrou-se no tópico “adquirir conhecimentos em linguagem de programação”, eleito por 26 blogueiros, cujo percentual foi o mais alto (22,22% do total geral). Nesta opção, a maioria das respostas concentrou-se em “quase

sempre e sempre”, escolhida por 12 deles (46,15%). Isto confirma que, embora no início não seja necessário possuir conhecimentos em linguagem de programação para se ter um blog, o simples fato de mantê-lo faz com que se queira aprender mais a respeito. Souza (2003) relata sua experiência em relação a isto:

Tenho um amigo a quem elaborei o seu próprio weblog e que passado algum tempo começou a sentir necessidade de ele próprio aprender noções de criação de sites com o fim de ele próprio poder melhorar o seu weblog. No meu caso, aguçou-me o interesse pela programação de computadores, área que normalmente não apreciava, apenas para poder fazer as alterações desejadas.

Outra utilidade do blog é ensinar a confiar em si mesmo. Tal fato é demonstrado nas respostas de 24 blogueiros (20,51% do total geral), quando perguntados sobre o quesito: “A confiar no meu ponto de vista sobre algum assunto”. Ainda entre estes, 13 deles (54,17%) assinalaram a alternativa quase sempre e sempre.

Um blog é constituído por textos e imagens, mas prima especialmente pelo texto, já que imagens referem-se principalmente a fotologs, mesmo que isto não seja assim tão rigoroso e possa haver uma mescla dos dois. Construir um texto exige que se pense sobre o que escrever, e ao escrever é preciso que a escrita seja inteligível (pelo menos em blogs que não almejem tornar-se um reduto de novas linguagens, como as mencionadas no início do capítulo). Os blogs vêm ajudando os blogueiros a aperfeiçoar sua maneira de escrever, segundo 23 dos nossos entrevistados (19,66% do total geral), e dentre estes, 12 (52,17%) situaram sua escolha em “quase sempre e sempre”, maioria expressiva. Souza (2003) comenta sobre este processo:

Há quem tenha aprendido de propósito noções de tipografia e como fazer o layout de publicações para que o seu weblog se tornasse mais legível. E há quem tenha começado a estudar noções de lógica e retórica para que o seu weblog ganhasse a reputação de ter argumentos sem falhas.

Os blogs os ajudaram a descobrir coisas sobre si mesmos, que antes ignoravam, tais como sentimentos e preferências, quesito eleito por 23 pesquisados (19,66% do total geral) em que nove deles (39,13%) optaram por “quase sempre e sempre”. No entanto, este tópico foi o que obteve respostas distribuídas de forma quase equilibrada, dividida entre: algumas vezes, opção de seis deles (26,09%), e “nunca” e “raramente”, escolhida por oito deles (34,78%). Quando indagados se ao utilizar seu blog este tinha lhes ajudado a chegar a um entendimento mais profundo sobre assuntos que lhes

interessavam e sobre os quais escreviam melhor, 21 deles responderam (17,95% do total geral) positivamente. Destes, dez (47,62%) classificaram sua alternativa em “algumas vezes” e de todos os tópicos este foi o único cujo maior percentual ficou nesta opção.

Nossos blogueiros, pelas suas respostas, parecem já conhecer muito sobre si mesmos, se considerarmos que o maior aprendizado situou-se em respostas como “adquirir maior conhecimento em linguagem de programação” ou então “aperfeiçoar a maneira de escrever”, ao invés de estar localizado em tópicos como “A descobrir coisas sobre mim que ignorava, como sentimentos, preferências” ou então “A entender melhor os assuntos que interessavam e sobre os quais escrevia melhor”. No entanto, este conhecimento e segurança têm que ser relativizados, se os confrontarmos com a opção “a confiar em seus pontos de vista”, escolhida por 13 deles (54,17%), reproduzindo a ambivalência presente no universo blogueiro. De qualquer modo, o importante é que os blogs fornecem subsídios para que eles aprendam. Sobre isso, Rebecca Blood (2002, p.12) refere-se a sua própria experiência, ela que é uma das estudiosas sobre o assunto:

Logo após produzir “Rebecca’s Pocket” eu notei dois efeitos que não esperava. (...) descobri meus próprios interesses. Eu pensei que soubesse quais eram, mas depois de linkar informações por alguns meses eu pude ver que estava muito mais interessada em ciência, arqueologia e questões de injustiça do que eu percebera antes. (...) comecei a valorizar mais meus pontos de vista. (...) comecei a sentir que minha perspectiva era única e importante.

Vimos até aqui que os blogs possibilitam diversas experiências, entre identificações, aprendizado, amizade. Através deles pode-se descobrir aspectos da sociabilidade que se desenvolve com base na CMC. Para esta pesquisa, todos estes resultados foram importantes e entrecruzam-se continuamente. Eles nos levam ao nosso último questionamento: saber o que os blogs - tal como antigamente poderia ser feito em um diário - revelam sobre os blogueiros; se por meio deles podemos conhecer suas preferências, do que gostam, o que lhes desagrada, enfim, coisas que se revelariam aos amigos.

4.10. Os blogs e a intimidade compartilhada

Para sabermos o quanto nossos blogueiros deixavam transparecer de suas

personalidades em seus blogs, lhes perguntamos: você considera que seu blog revela bastante sobre quem você é? Ou seja, alguém que não a/o conhece pessoalmente poderia ficar sabendo qual sua maneira de agir e pensar, seus sentimentos, sua intimidade, como se o seu blog fosse um diário? A partir de suas respostas elaboramos tabela 28, em que nossos blogueiros nos dizem como avaliam o teor de suas revelações.

Tabela 28 – Revelação da intimidade

	Nºs absolutos	Percentual
Revelação total	12	44,44%
Revelação parcial	14	51,86%
Nenhuma revelação	01	3,70%
Total	27	100%

Fonte: dados colhidos pela pesquisadora

Nossos blogueiros revelam-se, porém, parcialmente. É o que as respostas acima denotam, pois 14 deles (51,86%) evidenciaram revelar-se, mas com restrições:

Em termos. É difícil pensar num blog como algo que revela de fato quem a pessoa é. O blog é um recorte, muito bem recortado, do que a pessoa quer que os outros saibam do que ela pensa e da vida dela. Então, você pode ter tido um dia péssimo com apenas um evento legal e relatar seu dia em função da única coisa boa que aconteceu nele. Todo mundo vai ficar pensando que seu dia foi legal. Isso acontece muito (blogueira, pós-graduada, 26 anos).

Giddens (1993, p. 106) argumenta que *a abertura para o outro exige limites pessoais, pois é um fenômeno comunicativo; exige também sensibilidade e tato, pois não é o mesmo que viver absolutamente sem pensamentos particulares*. Os blogueiros ao revelarem-se apenas parcialmente, não abdicam de seus *pensamentos particulares*, e a manifestação nos blogs é feita de forma seletiva, como a resposta acima demonstra, talvez de modo a não comprometer o blogueiro-escritor, ou aqueles com os quais ele convive:

Meu blog literalmente é um diário apesar de eu não comentar com nomes específicos das pessoas, pois acho que uma delas pode ler que falo sobre elas e não gostar, se sentir exposta, achar que eu não tenho direito de escrever sobre ela ou comentar algum fato da vida dela. Preservo muito a intimidade dos outros e a minha. Escrevo coisas superficiais em meu blog. Com uma certa importância, que nem todos podem ver ou decifrar o porque e o nível dela. É um modo misterioso de se escrever em um diário, pois ao mesmo tempo que você se expõe, você se esconde. Não gosto de contar coisas profundas às pessoas. Sou

sincera sobre o que penso, mas não sobre meus sentimentos. Eles são especiais demais pra mim (blogueira, primeiro grau incompleto, 14 anos).

Para esta blogueira, o fato de sua revelação ser parcial no blog, tem a ver com ela mesma, como ela se sente em relação a contar ou não as coisas que são de foro íntimo: *Não gosto de contar coisas profundas às pessoas*. Parece ser alguém que hesita em mostrar-se pela sua fala, e isto não depende do meio em questão, no caso o blog.

Entretanto, mesmo aqueles que não utilizam o blog como um diário não conseguem elidir-se de seus textos; neles, o autor pode estar sempre presente. Nesta mesma linha, temos a declaração a respeito de seu texto revelar muito sobre uma informante; talvez a blogueira não tenha percebido o quanto se expunha, e após respostas de seus leitores tenha finalmente entendido tal fato:

Meu blog não funciona como um diário e não acredito que quem ainda não me conheça venha a fazê-lo de forma satisfatória apenas com sua leitura. Entretanto, mesmo na ficção, sempre há algo do escritor naquilo que se escreve (blogueiro, pós-graduado, 56 anos).

Sim, minhas poesias revelam bastante sobre quem sou. E no momento que isso passou a me incomodar, deixei de postá-las (blogueira, superior completo, 22 anos).

Este sentimento de expor-se e ao mesmo tempo estar preocupado com isto percebe-se em outras respostas. Alguns alegam que para entender o que está escrito e preciso conhecer o blogueiro, ou seja, o autor por trás dos textos:

Não, para isso precisaria me conhecer melhor, conversando e convivendo mesmo. Mas é claro que ao ler meu blog dá pra saber um pouco de mim, o que eu faço, do que eu gosto, do que eu não gosto (blogueira, pós-graduada, 26 anos).

Revela muito, mas só entende quem me conhece ao vivo, senão fica difícil fazer conexão entre o que eu coloco e a realidade, utilizo muitas mensagens subentendidas (blogueira, superior incompleto, 23 anos).

Isto não invalida a hipótese principal desta pesquisa, que é a evasão consentida da privacidade nos blogs e a transformação da intimidade provocada por ela. Os blogueiros estão sempre falando sobre suas vidas, do que gostam ou não, de suas preferências, até mesmo em relação a suas opções sexuais, de seus relacionamentos, suas alegrias e tristezas e isto disponível em rede, pela Internet. O que acontece nos

blogs é a publicidade da intimidade, a vida como uma *obra publicada*. Mesmo que, como mencionam os blogueiros acima, seja preciso conhecê-los, a intimidade de que estamos falando aqui parte do que Giddens (1993, p.106) entende pelo termo: *Intimidade não significa ser absorvido pelo outro, mas conhecer as suas características e tornar disponíveis as suas próprias*.

Através de seus blogs, apesar de fazerem o jogo de revelar e esconder, os blogueiros acabam por tornar disponíveis suas características ao falarem sobre suas próprias vidas:

*Não vivo um personagem no blog. As pessoas não sabem **tudo** da minha vida por lá, mas podem saber exatamente o tipo de pessoa que sou* (blogueiro, segundo grau completo, 24 anos. O grifo é do autor).

Manter um blog e criar um personagem daria um trabalho hercúleo; inventar características, relacionamentos, trabalho, elaborar enfim, uma outra vida para o personagem não seria nada fácil. O que não quer dizer que isto não exista ou possa existir, mas os blogueiros pesquisados não nos deram nenhuma resposta neste sentido. Em geral não se admite que se “minta” nos blogs; no máximo, que se omita, ou então que a imaginação falseia algumas coisas, ajudada por uma memória bastante seletiva e complacente.

Apesar de não constituírem a maioria dos blogueiros, 12 deles (44,44%) dizem revelar-se em seus blogs de forma total, e acreditam que, através de seus blogs é possível conhecê-los bem. Eles são bastante enfáticos em suas respostas, e ao blog confiam coisas que não contam aos outros, podendo surpreender até mesmo pessoas próximas a eles pelo teor de suas revelações:

Quem me lê passa a me conhecer, devido à transparência dos meus textos. Dizem que lêem minha alma (blogueiro, pós-graduado, 35 anos).

Talvez até mais do que alguns amigos, já que escrevo coisas bem profundas que às vezes não digo para outras pessoas (blogueira, pós-graduada, 28 anos).

Sim, isso já aconteceu...meu blog além de falar sobre quem eu sou, fala sobre um meu “eu” que eu nunca revelei... quando fiz meu blog e meu irmão leu ele disse: Nossa esse era um aspecto seu que eu não conhecia...(blogueiro, segundo grau incompleto, 15 anos).

O blog pode ser uma forma de se dar a conhecer aos outros, sem as máscaras que podemos usar habitualmente em nosso dia a dia:

acho que essa é uma forma de você mostrar aos outros quem você é de verdade, sem máscaras (blogueira, superior incompleto, 19 anos).

Há, porém, quem pense diferente e considere que a Internet propicia justamente a criação de personagens e conseqüentemente o uso de máscaras:

Acho que não. A internet é um meio virtual. Num blog você pode ser o que quiser. Na internet você pode ser tudo o que sempre quis, mesmo não sendo. A internet é a internet. A vida real é a vida real. Não dá para misturar (blogueiro, superior incompleto, 20 anos).

Ao insistir que está havendo uma transformação da intimidade não estamos afirmando aqui que as pessoas vivam *absolutamente sem pensamentos particulares*, ou mesmo que seja possível revelar tudo em um blog, ou mais do que num confessorário ou num terapeuta. O que pensamos poder concluir com base em nossa pesquisa, é que o blog pode ajudar as pessoas a se conhecerem, até mesmo a partir do ponto de vista dos outros. No entanto, conhecer a si mesmo e dar-se a conhecer a outrem não é tarefa fácil, que seja resolvida em um piscar de olhos:

Creio que de certo modo (isto acontece) sim. Mas não eu, na minha complexidade, porque nem eu sei o que é isso de “ser eu”. Não é uma constante pré-definível, certo? não caibo em fórmulas como ninguém deve caber. Mas uma parte generosa de mim que num dado momento parecia fazer algum sentido. É com isso que as pessoas tomam contato. E só com isso. Repito: uma porção de mim mesmo que num momento parecia ter algum sentido. Se essa porção ainda está aqui comigo eu apostaria que sim. E que não mais. É uma condição de existente, certo? não chamaria nem de ambigüidade ou ambivalência ou contradição entre dois termos porque os termos são tantos e tais que procuro levar em conta a riqueza do ser. (blogueiro, pós-graduado, 29 anos).

Para conhecer de fato o outro é preciso fundamentalmente que ele queira revelar-se:

Pode-se conhecer profundamente alguém pelo que esta pessoa escreve ainda que não seja um diário, basta ser um bom observador. E mesmo que um blog seja um diário, ele pode revelar muito ou quase nada. Não é o blog que revela, mas sim quem o escreve, o autor é que dosa, consciente ou inconscientemente o grau de intimidade que disponibiliza para o leitor (blogueira, superior incompleto, 36 anos).

Os blogueiros quando lêem outros blogs e ao escreverem nos seus próprios blogs, ao registrarem seu dia a dia, suas preferências, quais notícias para eles tiveram importância, têm em mãos uma ferramenta tecnológica que lhes permite fazer o que antigamente um diário possibilitava, pois ao rememorarem suas lembranças através da leitura dos arquivos em seus blogs, e ao mesmo tempo sendo influenciados por tudo o que lêem e ouvem, refletem sobre suas vidas e se tornam objeto de reflexão por parte de outros que os lêem. Para além da diferença do suporte em que isto é feito (papel/meios informatizados), outra diferença importante consiste na publicidade que os blogs têm hoje e os diários não tinham no passado. Eles são fruto de um mundo em constante transformação, na qual a intimidade antes tão preservada, hoje é exposta aos olhos curiosos de quem se dispuser a conhecê-la.

Deste modo a intimidade revelada nos blogs faz parte das *transformações da intimidade* tal como analisada por Giddens (1993) e encaixa-se no conceito de *democratização da vida pessoal*, pois existe uma certa negociação, mesmo que seja implícita ou pouco percebida, entre o blogueiro e seu leitor. Uma espécie de relacionamento que é construído ao se compartilhar a intimidade, e que não é determinado por convenções sociais tradicionais, mas está fundamentado em uma promessa de receptividade. Isto pressupõe abertura em relação ao outro, porém sem se perder a autonomia, que é condição básica para o relacionamento.

Este quarto capítulo encerra a nossa análise sobre as experiências sociais cotidianas relatadas através dos blogs, em que procuramos entender as mutações contemporâneas da intimidade. Ao longo deste e do terceiro capítulo conhecemos os blogueiros, como vivem e como se relacionam, chamando a atenção para as ambigüidades dessa nova sociabilidade. Em seguida apresentaremos algumas considerações finais sobre a questão.

Considerações Finais

Nesta dissertação procuramos desmistificar os preconceitos que ainda cercam os blogs e os engessam em classificações pré-determinadas. Acredita-se, frequentemente, que os blogs são utilizados apenas por adolescentes para relatarm seu dia-a-dia, fazendo isto em uma linguagem entremeada por erros de português. Nela, eles misturam letras maiúsculas e minúsculas, dificultando a leitura e a compreensão; em suma, escrevem nos blogs apenas bobagens. Outra das crenças a respeito dos diários on-line diz que estes são utilizados primordialmente por mulheres, pelo fato das mesmas empregarem seus blogs para descrever seu cotidiano e neles revelar sua intimidade; esta crença deriva sobretudo da constatação de que esta modalidade de escrita do eu tem sido utilizada pelas mulheres de forma acentuada no decorrer da história. Quanto ao uso dos blogs pelos homens, o preconceito vigente supõe que eles concentram sua escrita para falarem de assuntos considerados “nobres”, como política, por exemplo. Desta forma, eles não utilizariam diários para expor fatos de sua vida íntima ou desabafar suas mazelas e tristezas.

A pesquisa demonstrou que se devem relativizar as noções pré-concebidas sobre a população que habita o universo blogueiro, pois ele está povoado por indivíduos os mais diversos; estes se apropriam das diferentes funções dos blogs (apontadas por eles durante a pesquisa), mesclando-as entre diário, modo de expressão e publicação de opiniões, idéias e pensamentos e ferramenta de comunicação e interação, não sendo prerrogativa deste ou daquele usuário ater-se somente a uma delas.

Os blogueiros que responderam a pesquisa pertencem a uma ampla faixa etária, desde adolescentes até pessoas de meia-idade; igualmente não ficou evidente um pertencimento maior ao gênero feminino, já que a diferença não foi significativa em relação aos homens. São indivíduos com um alto índice de escolaridade, a maioria deles situando-se entre superior incompleto até pós-graduação.

Os blogueiros não são pessoas reclusas e saem para se divertir usufruindo as possibilidades das cidades em que moram; isto dirime outro velho preconceito sobre indivíduos desconectados do mundo real, vivendo apenas no limbo cibernético e

totalmente alheios à realidade, porquanto os blogueiros são pessoas integradas à sociedade, relacionando-se tanto no mundo virtual quanto no presencial.

Os blogs foram considerados pelos blogueiros como um leve coadjuvante para a solidão; além disto, os blogs ajudam os blogueiros (e os leitores) a perceber que seus problemas não são tão descabidos. Através dos comentários de seus leitores sobre o que os aflige, as situações relatadas são similares ao que os blogueiros vivenciam. Isto nos remete ao que argumenta Bauman (2001) a respeito de *nomear o problema*. Nestes tempos de modernidade líquida, em que não estamos mais ancorados nos valores oriundos da modernidade pesada, é reconfortante saber que outros indivíduos tão anônimos quanto qualquer um de nós, encontraram soluções para seus problemas. Os blogs ajudam a aliviar o fardo de carregar os problemas solitariamente e proporcionam aconchego nos momentos difíceis.

Os blogs servem também para lembrar que os indivíduos estão constantemente tendo que fazer escolhas; neste processo, têm que abdicar de algo em favor de outra opção. Os blogueiros (e leitores) vêem que as outras pessoas não possuem identidades fixadas rigidamente, mas que, ao contrário, elas estão sempre em processo. Isto de certa forma torna menos doloroso viver nesta sociedade de escolhas, pois ao mesmo tempo em que se é responsável por elas e sabe-se que o auxílio não virá do coletivo, pode-se apelar para comparações sobre o jeito como os outros vivem. Desta forma, ao compartilharem sua intimidade nos blogs, os indivíduos se dão conta de que não são tão estranhos quanto pensavam.

Os blogs proporcionam bem-estar aos blogueiros, que são dedicados a eles; ficam residentes e “ativos” nas suas cabeças durante o dia-a-dia. Para os blogueiros, o blog serve como incentivo ao aprendizado: desde linguagem de programação e como forma de aperfeiçoar a escrita até a reforçar a confiança em si mesmos. Parece ser por isto que eles mantêm seus blogs, mesmo entre aqueles que já tiveram outros e os abandonaram.

Nossos pesquisados mantêm o relacionamento desvinculado de outros interesses e permanecem nele apenas pelo prazer que este pode proporcionar, mesmo que o relacionamento seja transitório. São indivíduos exercitando o que Giddens (1993) chama de relacionamento puro, além de serem colaboradores do diálogo, pessoas

capazes de entender e aceitar críticas e, mais ainda, de refletir sobre elas, e a partir disto contestá-las de modo bem educado.

A CMC que se realiza na Internet não deixa de ser um ótimo exemplo de *reunião de mundo*, de que fala Goffman (1985), com o diferencial de que este contato não é presencial, embora isto não seja impedimento para que *a realidade aconteça* na Internet, seja qual for o sentido que se dê a esta palavra.

Sobre a sociabilidade on-line, destacamos alguns aspectos que a pesquisa revelou. Os blogueiros tratam bem seus visitantes e retribuem as visitas que recebem, existindo mesmo uma rede de vizinhança. Quando apreciam o blog que visitam, podem indicá-lo para outras pessoas. Gostam de receber visitas, tanto que procuram arrumar suas casas digitais para que fiquem leves e agradáveis. Estão tentando, talvez, deixar uma primeira boa impressão através do layout que escolhem para seus blogs, pois mesmo a interação não sendo face-a-face e sim mediada por computador, os blogueiros percebem que estão numa região de fachada, como ilustra Goffman (1985), embora possam também transitar em uma região de bastidores quando escrevem de modo mais coloquial, sem se preocupar com regras rígidas de gramática.

Desta forma, as interações proporcionadas pela CMC não são uma expressão de mão única, ou seja, não seguem apenas a expressão das motivações particulares do usuário; este é também sensível aos comentários de outrem, derivados da troca acontecida quando dos contatos e da dinâmica de interação que se estabeleceu entre eles. O indivíduo projeta para o outro uma impressão de si mesmo que vai ser efetivada a partir das observações de outro.

A teoria dramaturgic de Goffman (1985) nos propicia elementos para pensar também a interação em contextos desprovidos de intimidade física, mesmo que tenha sido originalmente concebida para investigar a interação face-a-face. Conforme argumenta o autor, o outro fornece informações e estas servem para que o indivíduo saiba como agir de acordo com o contexto em que se processa a relação, e isto é possível mesmo em um ambiente cuja interação aconteça primordialmente on-line, como os blogs. Neste cenário, é possível perceber os nuances da escrita, através dos sinais gráficos que expressam emoções (os emoticons) e mesmo da forma como se processa a comunicação, se esta se dá de forma educada ou ríspida. E ainda perceber

mesmo como é o “lugar” dessa escrita, se claro e luminoso, de que cor ele é, se é leve ou demorado para abrir, qual fonte usada para redigir o texto, enfim, todas as possibilidades que a visualização permite. O próprio autor argumenta que a interação face-a-face tem suas vantagens pela percepção mais rápida sobre as impressões causadas ao outro, mas que distintas maneiras também são propícias:

Qualquer contato que uma parte venha a ter com um indivíduo, quer seja face-a-face ou mediado por dispositivos tais como as correspondências, dará à parte acesso à expressão. A imediação, então, não demarca a fronteira analítica para o estudo da expressão. No entanto, a interação face-a-face ocupa um lugar especial, porque toda vez que o indivíduo pode ser observado diretamente, uma grande quantidade de boas fontes de informações expressas fica disponível (Goffman, 1970, p.5)

Isto foi percebido também por outros autores que estudaram justamente a CMC:

A forma pode se estender à própria escolha de palavras, quando a linguagem acadêmica pode fazer uma pessoa “parecer” mais ligada aos estudos, ou quando a linguagem, carregada de jargão científico pode trazer à mente imagens de revestimentos de laboratório e instrumentos de medição. Pode-se dizer que, enquanto essas imagens não são claras, as imagens consistentes, transmitidas pela “forma” no mundo externo – de fato, elas provavelmente variam a depender do percebimento – realmente servem para acrescentar uma “face” a um nome e a uma personalidade expressa nas palavras. (MacKinnon, 1995, p.122-123).

Entendemos, portanto, que os blogs proporcionam aos blogueiros um espaço para suas manifestações. Eles são suas casas digitais e os que nela adentram devem saber como se comportar, pois o relacionamento está fundamentado na receptividade que o leitor dá ao blogueiro quando comenta seus textos, e também no respeito que o blogueiro demonstra ao leitor (retornando a visita quando o leitor é também blogueiro, por exemplo). Entende-se, sobretudo, a importância da liberdade de opinião em um espaço que é essencialmente do blogueiro: no blog, como em uma casa presencial, o blogueiro é quem decide quem quer receber. A *democratização da vida pessoal* (Giddens, 1993) não quer dizer aceitar desaforos; estes normalmente são repudiados e ocasionam o rompimento da confiança entre o blogueiro e seu leitor. Os blogueiros em sua relação com os leitores procuram respeitar a opinião deles, mesmo quando não concordam com ela, conforme suas respostas a respeito dos comentários desagradáveis.

A blogosfera proporciona um sentimento de comunidade, no que a palavra evoca de melhor, ou seja, estar numa comunidade em que se podem *ser todos os mesmo* (Bauman, 2001). Aqueles que lembram estranhos, por exemplo, leitores mal comportados, usando os comentários para efetuar xingamentos, não serão bem vindos. São excluídos da comunidade, e quando o blogueiro tem competência técnica para tanto, suas falas retiradas dos comentários.

A partir da rede de vizinhança e com a constância das visitas a relação entre os blogueiros e seus leitores pode evoluir, de sentimentos de afabilidade e coleguismo até amizade. Através do compartilhamento da intimidade, eles percebem que podem estar próximos em sentimentos ou idéias, mesmo com a distância geográfica. Assim, como lembra Giddens (1991), o mecanismo de desencaixe permite que travemos relações com outros, que, em tempos tradicionais permaneceriam estranhos para nós.

Entretanto, no tipo de CMC específico aqui estudado, os blogs, a amizade nasce sobretudo a partir de revelações da intimidade e/ou pela identificação entre autor/leitor, muito mais do que por posições de poder ou confiança adquiridas em um grupo. A possibilidade do encontro existe e muito, a despeito do que se possa revelar sobre particularidades do modo de ser, através da forma de escrever, do uso de textos burilados ou dos assuntos abordados. Isto pode atrair ou afastar, mas não constitui impedimento, já que é através desta evasão provocada e consentida da intimidade que os indivíduos dizem quem são e por este meio podem atrair amigos e ter ou não *encontros*.

Vivemos em um mundo que muda constantemente e a sociedade também se transforma; desta forma, não podemos afirmar que somos sempre os mesmos, desde que nascemos, isto é impossível. A amizade que poderá ou não surgir no contexto da CMC talvez não seja a mesma que havia antes, pode ser que o meio em que ela nasça a torne diferente, mas não pode constituir-se *a priori* em impedimento para que ela ocorra, sob pena de se estar restringindo a vida ao ambiente presencial e ignorando o quanto somos permeados pelo on-line. Também estaremos incorrendo no erro de creditá-la apenas à interação face-a-face, esquecendo que mesmo antes do advento da CMC, já havia os amigos por correspondência ou aqueles que podiam ser feitos através de contato telefônico. Talvez ao estarmos recorrendo a CMC também nos envolvemos no que Alberoni (1982) chama de mudança que está a acontecer constantemente, e que por isto

mesmo passa despercebida por nós, e pior ainda, a naturalizamos:

Mas é sobretudo a sociedade em seu conjunto que muda. No giro de poucos anos mudam as maneiras de pensar, os valores dominantes. Não são apenas as soluções que mudam, mas os problemas. Modificam-se as palavras, as linguagens. Quem continua a falar da mesma maneira torna-se incompreensível e ridículo. A impressão de estabilidade deriva do fato de que todos, mais ou menos, se adaptam a essa transformação e conseguem manter a própria identidade (Alberoni: 1982, p.86)

Não quisemos em nossa pesquisa tratar o nosso objeto como se fosse algo estranho, que não pertencesse ao mundo em que vivemos por estar hospedado no ciberespaço. Também não desejamos discuti-lo sem atentar para a particularidade de que este faz parte de um assunto ainda pouco debatido que são justamente as relações sociais que se dão no ciberespaço. Por isto usamos autores que tratam das questões que discutimos na sociedade dita *real*, mas sempre atentando ao fato de que se deve manipular o objeto com o cuidado de quem sabe que ele está ancorado em dois mundos, tanto o on-line quanto o off-line e sendo constantemente atravessado por influências dos dois ambientes, para que ao falar dele não nos tornemos *incompreensíveis e ridículos* (Alberoni: 1982, p.86).

Com efeito, os blogueiros ao exporem seus sentimentos, suas idéias e preferências descortinam sua intimidade, suas características pessoais. Talvez esteja emergindo um outro tipo de intimidade, que assombra justamente pela inovação que carrega consigo: o fato de ser publicizada. Ser voyer, ou partilhar do que é privado e íntimo do outro fascina há muito tempo os indivíduos e a curiosidade faz parte do ser humano. O cinema, tanto internacional quanto nacionalmente, sempre retratou isto muito bem, através de filmes como *Janela Indiscreta* (Alfred Hitchcock) e *O Outro Lado da Rua* (Marcos Bernstein). Os blogs se sustentam entre este aspecto voyerístico, relacionado aos leitores, e o desnudamento intencional, ou poderíamos chamar de evasão da privacidade consentida e provocada, dos blogueiros.

Deste modo à intimidade revelada nos blogs faz parte das *transformações da intimidade* tal como analisada por Giddens (1993) e encaixa-se no conceito de *democratização da vida pessoal*, pois existe uma certa negociação, mesmo que seja implícita ou pouco percebida, entre o blogueiro e seu leitor. Uma espécie de

relacionamento que é construído ao se compartilhar a intimidade, e que não é determinado por convenções sociais tradicionais, mas está fundamentado em uma promessa de receptividade. Isto pressupõe abertura em relação ao outro, porém sem se perder a autonomia, que é condição básica para o relacionamento.

Desta forma, o recorte principal desta dissertação foi justamente às transformações da intimidade que vislumbrávamos nos blogs, a maneira com que os blogueiros revelavam-se aos outros; em suma, quanto nossos pesquisados permitiam que se soubesse sobre eles, como compartilhavam a intimidade em seus textos, de modo que, ao serem lidos, seus leitores chegassem a conhecê-los, ou pelo menos, a parte que eles deixavam entrever.

Nas suas casas os blogueiros sentem-se livres para desabafar, externar seus pensamentos, expor seus trabalhos. Os blogs são *a liberação do pólo de emissão*, como menciona Lemos (2002) e os blogueiros exercem em suas casas digitais a tecnodemocracia, tal como descrita por Pierre Lévy (1993), já que nem mesmo o impedimento em relação ao conhecimento técnico pode restringir os indivíduos no uso de seus blogs.

Atingimos muitos de nossos objetivos e até mesmo alguns que nos surpreenderam; na verdade, nem esperávamos algo tão enriquecedor, como foram as falas dos blogueiros em relação à amizade. Outros foram deixados para trás – como estudar a questão do vício e de gênero – ou foram transmutados, por assim dizer, como a auto-ajuda que pensávamos ser possível através de blogs comunitários de apoio.

Estes foram os pontos principais da pesquisa aqui relatada, e mesmo sentindo que poderíamos talvez enriquecer ainda mais a análise, se pudéssemos ter atingido todos os objetivos propostos quando elaboramos o projeto, temos a sensação de que avançamos em uma área cujo conhecimento ainda é muito incipiente e fragmentário: a das relações sociais que podem ser estabelecidas no ciberespaço.

Referências Bibliográficas

- ALBERONI, Francesco. **A Amizade**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989.
- AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BECK, Ulrich. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony, LASH, Scot. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BENAKOUCHE, Tâmara. **Tecnologia é sociedade: contra a noção de impacto tecnológico**. Cadernos de pesquisa do programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, nº17, setembro de 1999. Florianópolis, SC.
- BORGES, Vavy Pacheco. **Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugénie Leuzinger Masset(1885-1889)**. Cadernos Pagu, nº19, agosto de 2002.
- BRETON, Philippe. **História da Informática**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- _____. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.
- _____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade estadual Paulista, 1993.
- _____. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: celta editora, 1997.
- HABERMANS, Jurgen. **Teoria de la acción comunicativa**. Vol.2. Madrid: Taurus, 2001.
- _____. **Direito e democracia – entre a faticidade e validade**. Vol.2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- LASCH, Christopher. **O mínimo eu**. Ed. Brasiliense S.A.: São Paulo, 1984.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- _____. **Ciência em Ação**. São Paulo: Unesp, 2000.
- LEMOS, André. **A arte da vida. Diários pessoais e webcams na internet**. Este artigo

foi apresentado na Conferência Internacional Cultura das Redes, realizada pelo Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa. No prelo. Revista Comunicação e Linguagem, Lisboa, 2002.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão: para a codificação da intimidade**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1982.

MÁXIMO, Maria Elisa. **Compartilhando regras de fala: Interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura**. Dissertação defendida no Mestrado de Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **Diários Públicos, Mundos Privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**, Dissertação defendida no Mestrado de Comunicação e Cultura Contemporâneas Facom/UFBa, em fevereiro de 2002.

PIRES, Paulo Roberto. **No Mínimo**. Disponível na revista eletrônica hospedada no site <http://www.ibest.com.br/>. Acessado em 06 de agosto de 2003.

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community**. Homesteading on the Eletronic frontier. Reading, Mass.:Addison-Wesley Publishing Company,1993.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades Virtuais no IRC: O caso do #Pelotas. Um estudo sobre a comunicação mediada por computador e a estruturação de comunidades virtuais**. Porto Alegre, 2002. Dissertação(Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Rio de janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, Ana M. A C.**Reconectando a sociabilidade on-line e off-line: trajetórias, poder e formação de grupos em canais geográficos no Internet Relay Chat**.

Campinas, 2000. Dissertação de Mestrado em Sociologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade estadual de Campinas.

SOUZA, Eduardo José. **Internet e weblogs**. Disponível em <http://www.asseptic.org/esap/tcom/weblogs.htm>, e acessado em 06 de Junho de 2003.

ZALUAR, Alba. (1986). Teoria e prática do trabalho de campo: Alguns problemas. In: R. C. L. Cardoso (Org.), **A aventura antropológica: Teoria e pesquisa** (pp. 107-125). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Sites da Internet

<http://www.agoradociberespaco.blogspot.com.br>

<http://www.angelfire.com/ga/atilio/historia.html>

<http://www.asseptic.org/esap/tcom/weblogs.htm>

http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=oliveira-rosa-meire-De-onda-onda.html

<http://www.blogclipping.blogspot.com>

<http://www.blogcensus.net/weblog/>

<http://www.blogger.com>

<http://blog.lib.umn.edu/blogosphere/introduction.html>

<http://brazileirapreta.blogspot.com/>

<http://www.blogs.com.br>

<http://www.catarinas.blogspot.com>

<http://www.camworld.com/journal/rants/98.10.13.html>

<http://www.coisasfowfax.blogspot.com.br>

http://www.cehcom.univali.br/rco/v3/materias_temp/blogs/blogs_multidao_feito.htm

<http://www.cocadaboa.com/archives/003976.php>

<http://ww.dearraed.blogspot.com>

<http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=67>

<http://dijest.com/bc/2004/08/110-million-people-read-weblogs-blog.html>

<http://direitoinformatico.org/cynthia/index.php?p=147>

<http://www.estado.estadao.com.br/editorias>

<http://empresa.portoweb.com.br/pierrelevy/educaecyber.html>

<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und>

<http://www.forrester.com>

<http://www.fumarnuncamais.blogspot.com.br/>

<http://www.fumarpegamal.blogspot.com.br/>

<http://ww.gardenal.org/inagaki/textos/014338.html>

<http://www.google.com.br>

<http://help.yahoo.com/help/br/geo/ghtml/ghtml-01.html>

<http://ww.interney.net>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u17023.shtml>

<http://www.jjg.net/infosift>

<http://www.kartoo.com>

<http://www.mulherestramam.blogger.com.br>

<http://www.mediabriefing.com>

<http://www.nemonox.com/ppp/>

<http://www.nytimes.com/2004/11/02/opinion/02blogger-final.html?pagewanted=2&ei=5090&en=393ce811f4bad2a2&ex=1257138000&partner=rssuserland>

http://www.praiadonelson.com/arquivos/2003_02_01_archive.htm

http://www.pewinternet.org/PPF/r/113/report_display.asp

<http://www.perseus.com/blogsurvey/>

<http://www.rebeccablood.net>

http://www.revistadolinux.com.br/noticias/2002/10/21/2878_det.html

<http://redeglobo3.globo.com/bomdiabrasil/materias.jsp?id=33297>

<http://sadangel.shockballs.com/>

<http://www.thebobs.de/bob.php?site=home>

<http://www.technorati.com/about/>

<http://www.unaberta.ufsc.br/materia.php?id=7284>

<http://si3.inf.ufrgs.br/HomePage/noticias/noti032n.cfm>

<http://www.webmagno.cjb.net/>

<http://www.wistechnology.com/>

Relação de blogs pesquisados

<http://www.leigonacoisa.blogspot.com.br/> _
<http://www.daoveras.blogspot.com.br/>
http://www.necessaire_digital.blogspot.com.br/ hoje www.soufer.multiply.com
http://www.desova_diaria.blogspot.com.br/index.html
<http://emmanutencao.weblogger.terra.com.br/index.htm> e www.blogdolu.i-blog.net
<http://www.marliodasilva.com>
<http://www.meueublog.zip.net>
<http://www.proibidoemmelhor.weblogger.terra.com.br/index.htm>
<http://www.thishelma.blogspot.com.br>
<http://www.homoloquax.blogspot.com>
<http://www.wumanity.com/>
<http://www.oficcina.com/cafecomleite/>
<http://www.furb.br/dra/rotta/index.html>
<http://www.crying.weblogger.com.br>
<http://www.marcelovarda.blogspot.com/>
<http://www.antesfeio.blogspot.com>
<http://www.redwonderland.weblogger.terra.com.br/>
<http://www.diariodakk.blogspot.com.br>
<http://www.perdidaemfloripa.blogspot.com.br>
<http://www.garotoobcecado.blogspot.com.br>
<http://www.malvadeza.weblogger.com.br> e www.papelsulfite.blogspot.com
<http://www.cafeinagirl.blogspot.com.br>
<http://www.ocuringa.blogspot.com.br/>
<http://www.loreto.blogspot.com.br/>
<http://www.lighthearted.blogspot.com.br/><http://spaces.msn.com/members/cristinamoter/>
http://www.pra_pensar.blogspot.com
<http://www.manezinhanorio.blogspot.com.br>

Anexo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

Questionário

Sou Maria Tereza Texeira Amarante e faço Mestrado em Sociologia Política na UFSC. Minha pesquisa versa sobre a sociabilidade estabelecida através da comunicação mediada pelo computador, especificamente através dos blogs. Estou interessada em entender diversos aspectos sobre o que acontece nesse novo meio, principalmente nos blogs que revelam inquietações íntimas dos seus autores, tais como as que se registram em um diário. Não estou me referindo necessariamente a sexo, mas a questões mais amplas sobre o “viver no mundo de hoje”. Gostaria muito de contar com sua colaboração através do preenchimento do questionário abaixo. As respostas serão tratadas segundo os critérios científicos de toda pesquisa e de forma alguma serão divulgados de maneira que possibilite a identificação dos entrevistados. Posso contar com você? Nas questões abertas, use o espaço que achar necessário. Nas questões fechadas, com alternativas, se quiser pode marcar mais de uma resposta.

- 1 – Que nome você utiliza para identificar-se? Utiliza seu próprio nome ou criou um nick? Neste caso, justifique a escolha deste nick.

- 2 – Confirme o nome do seu blog:
- 3 – Idade:
- 4 – Sexo: () Feminino () Masculino
- 5 – Qual seu nível de escolaridade?
 - () 1º grau incompleto
 - () 1º grau completo
 - () 2º grau incompleto

- 2º grau completo
 - Superior incompleto. Área:
 - Superior completo. Área:
 - Pós – graduado. Área:
- 6 – Você estuda? Sim Não
- 7 – Se estuda, qual é o nível (fundamental, médio, superior, pós-graduação)?
- 8 – Em que cidade você mora? Indique duas coisas boas e duas ruins a respeito da cidade em que você vive.
- 9 – Você mora sozinho(a), com sua família ou com amigos/amigas?
- 10 – Caso more sozinho(a) você considera que o blog ajuda você a não se sentir solitário(a)? Por que?
- 11 – O que você costuma fazer para se divertir? Você pode marcar mais de uma opção.
- Cinema
 - Esportes
 - Sair para a balada
 - Shopping Centers
 - Praia
 - Outros. Indique as opções não apontadas na lista.
- 12 – Como você descobriu os blogs?
- Foi apresentado(a) por alguém
 - Navegando na Internet
 - Em outro meio de comunicação (reportagens em revistas ou jornais, pela televisão)
 - Outro. Indicar de que forma.
- 13 – Como você define os blogs e como define o **seu** blog?

14 – Há quanto tempo você tem o blog?

- Menos de 6 meses
- Entre 6 meses e 1 ano
- Entre 1 e 2 anos
- Entre 2 e 4 anos
- Mais de 4 anos

15 – Sua escrita no blog é:

- diária
- semanal
- quinzenal
- mensal
- outros. Indicar qual a frequência de utilização.

16 – Quanto tempo você dedica para **escrever** no blog:

- entre ½ e 1 hora
- entre 1 e 2 horas
- entre 2 e 3 horas
- outro. Indicar aproximadamente quanto tempo você dedica ao seu blog.

17 – Alguém (família, amigo) já reclamou em relação ao tempo que você dedica ao blog? Você já se sentiu culpado(a) por dedicar muito tempo ao blog? Fale sobre isso.

18 – Você pensa frequentemente quais as situações que poderiam render um bom post? Quando você está off-line chega a anotar suas inspirações para o próximo post?

19 – Você lê outros blogs: Sim Não

20 – Se sim, quanto tempo você dedica para ler outros blogs:

- entre ½ e 1 hora
- entre 1 e 2 horas

- entre 2 e 3 horas
- outro. Indicar aproximadamente quanto tempo você dedica a esta leitura.

21 – Como você escolhe os blogs que você lê (você pode indicar mais de uma resposta):

- Leio aleatoriamente, ao acaso
- Leio os que são bastante comentados na Internet
- Leio os indicados por amigos/amigas
- Leio aqueles que deixam comentários no meu blog
- Leio os que falam sobre assuntos específicos. Indicar que tipo de assunto: música, cinema, livros, problemas amorosos, familiares, etc.

22 – Você costuma indicar a leitura de alguns blogs a seus amigos? Em caso positivo, quais os critérios que você utiliza para fazer suas indicações?

23 – Porque você resolveu ter um blog? Nas opções abaixo, você pode marcar quantas desejar, **variando a importância de cada escolha através de pontuação, escolhendo entre 1 para o que considerar menos importante, até 5 para o que considerar mais importante.**

- Vários amigos/amigas meus/minhas já tinham
- Para me comunicar com meus amigos/amigas
- Para fazer outros amigos/amigas
- Para escrever sobre assuntos que me interessavam
- Para relatar fatos do meu dia-a-dia, como uma espécie de desabafo
- Para saber a opinião dos outros sobre o que eu escrevo
- Como um meio de dar opinião sobre o que leio na Internet
- Queria tornar-me conhecido e achei que com o blog poderia conseguir isto
- Outros. Indicar qual o motivo

24 – Você considera que seu blog revela bastante sobre quem você é? Ou seja, alguém

que não a/o conhece pessoalmente poderia ficar sabendo qual sua maneira de agir e pensar, seus sentimentos, sua intimidade, como se o seu blog fosse um diário?

25 – Você através dos blogs conheceu novas pessoas e formou novas amizades:

Sim Não

26– Se sim, estas amizades ficaram apenas on-line ou se estenderam para encontros face-à-face:

apenas on-line encontrei pessoalmente on-line e off-line

27 – Caso você tenha feito amigos/amigas através de blogs, você considera que estas amizades diferem daquelas que você faz através de outros meios ou têm o mesmo valor? Favor desenvolver um pouco sua opinião.

28 – Que tipo de assuntos você relata no seu blog? Nas opções abaixo, você pode marcar mais que uma, variando a importância da sua escolha através da pontuação:

1= nunca; 2= raramente; 3= algumas vezes; 4= quase sempre; 5= sempre.

- Relatos comuns do dia a dia
- Comentários sobre fatos e notícias veiculadas nos meios de comunicação
- Suas opiniões sobre algum tipo de assunto
- Desabaços sobre seus problemas
- Sentimentos a respeito de si mesmo(a) que você poderia relatar em um diário
- Outros(especificar o que)

29 – Ao escrever seu blog, este lhe ajudou em alguma coisa? Nas opções abaixo você pode marcar mais que uma, variando a importância da sua escolha através de pontuação:

1= nunca; 2= raramente; 3= algumas vezes; 4= quase sempre; 5= sempre.

- A adquirir conhecimentos em linguagem de programação
- A entender mais dos assuntos que mais me interessavam e sobre os quais escrevia

melhor

A descobrir coisas sobre mim que eu mesmo(a) ignorava, tais como sentimentos,

preferências, etc.

A confiar no meu ponto de vista sobre algum assunto

A aperfeiçoar minha maneira de escrever

Outros. Especificar o quê.

30 – Você disponibiliza algum sistema para os comentários de seus leitores ou apenas indica o seu e-mail no seu blog? Favor justificar sua opção.

Há espaço para comentários E-mail Não me interessa por comentários

31 – Em caso de resposta positiva acima, você costuma responder aos comentários ou aos e-mails de seus leitores? Por favor especifique:

nunca raramente algumas vezes quase sempre sempre

32 – Se você recebe algum comentário desagradável em seu blog (caso haja espaço), você costuma editá-lo ou o deixa tal como foi enviado? Favor justificar sua escolha.

Costumo deixar tal como foi enviado

Apago comentários desagradáveis

Justificativa:

33 – Seus leitores costumam comentar com você que o que você escreve os ajuda de alguma forma (por ex., a suportar sentimentos, a partilhar problemas comuns, etc.)? Se sim, poderia me contar algum caso em que isto aconteceu

34 – Você utiliza algum tipo de contador de acesso em seu blog?

Sim Não

35 – Você utiliza modelos prontos de layout no seu blog?

Sim Não

36 – Você já mudou o layout do seu blog para torná-lo mais bonito, a fim de atrair mais leitores? Sim Não

37 – Em caso afirmativo:

fez isto sozinho

procurou a ajuda

38 – Você se preocupa em saber quem são os leitores do seu blog, se são seus amigos ou desconhecidos, de que lugar eles são? Favor justificar sua resposta.

39 – Você escreve seu blog somente em português ou utiliza outras línguas?

Português

Português e outra/s língua/s. No caso, especificar qual/quais.

40 – Antes de ter o blog, você utilizava algum tipo de página pessoal na Internet?

Sim Não

41 – Você já teve vontade de abandonar o seu blog? Caso a resposta seja sim, o que o impediu você de fazer isto?

42 – Você já criou outros blogs, mas depois os abandonou? Por que? Caso os tenha abandonado voluntariamente, você se arrependeu?

43 – A partir de onde você costuma acessar a Internet para atualizar o seu blog? Especifique a ordem dos espaços que você mais utiliza.

1= nunca 2= raramente 3= algumas vezes 4= quase sempre 5= sempre

Casa

Trabalho

Escola/Universidade

Casa de amigos

Outros

44 – Além do blog, o que mais você costuma fazer na Internet? Pesquisas, leituras, jogos, outras atividades? Favor especificar, conforme sua ordem de preferência.